

A Canção da Natureza e a Natureza da Canção
Análise de conteúdo temático de canções brasileiras para
Educação Ambiental Crítica

Carla Virgínia Soares Fernandes

Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana
e Problemas Sociais Contemporâneos
Versão revisada e melhorada após defesa pública

Julho de 2021

A CANÇÃO DA NATUREZA E A NATUREZA DA CANÇÃO
Análise de conteúdo temático de canções brasileiras para Educação Ambiental
Crítica

Carla Virgínia Soares Fernandes

Dissertação de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos



Julho de 2021

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários para obtenção de grau Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais contemporâneos, realizada sob orientação da professora doutora Iva Miranda Pires de Ecologia Humana e coorientação da mestre em extensão rural e pesquisadora da Embrapa / Rondônia Vania Beatriz Vasconcelos de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha filha Sarah Fernandes Faria Lima que foi uma grande companheira nessa jornada. Apesar dos seus 12 anos, ela demonstrou muita coragem e apoio ao embarcar comigo para um país distante e sair do lugar onde nasceu e cresceu diante da linda praia da Paciência no Rio Vermelho em Salvador da Bahia. Nessa cidade, primeira capital do Brasil colonizado por Portugal, se encontra boa parte da nossa família, muitos dos nossos amigos e as nossas raízes.

"Quem conta um conto, aumenta um ponto" diz o ditado popular. Assim, esse material foi lido e relido por pessoas muito gentis, dispostas a me ajudar nessa inserção no universo acadêmico. Entre elas estão Marcia Caldas que me apresentou à FCSH – Nova de Lisboa, o poeta português Francisco Costa, a jornalista Letícia Campos (exWWF), a pedagoga Deyse Almeida, a colega ecóloga Jade Freire e por último o meu mais novo amigo Marcos Lacerda, sociólogo doutor que também atravessou o Atlântico para colaborar em investigações na Universidade de Lisboa / Fundação Calouste Gulbenkian. O "Hotel Universo" nos uniu.

Agradeço à minha amiga e coorientadora Vania Beatriz por me instigar a voltar à Academia quando me convidou para ser sua assistente em uma oficina no VII Fórum Nacional de Educação Ambiental em Salvador (2012) e ainda me pediu para apresentar o resultado do trabalho no VIII Enecult da UFBA, evento que frequentei por anos apenas para apreciar as palestras dos professores dedicados à Comunicação e Cultura.

Agradeço à professora Iva Pires, coordenadora de Ecologia Humana, primeiro por aceitar o meu objeto de pesquisa mesmo fora do seu escopo de trabalho e segundo, por fazer sugestões tão pertinentes, entre elas, enquadrar a minha investigação e prática musical na Educação Ambiental, uma das melhores descobertas desses dois anos de estudos.

Muito obrigada a todos os amigos, fãs e familiares de longe e de perto por fazerem uma uníssona torcida pelo meu sucesso. Com certeza essas boas energias muito me fortaleceram.

Por último dedico esse pequeno documento à Música, arte que me forjou como mulher brasileira e cidadã do mundo. À tantas melodias que me inspiram todos os dias e às letras que sacudiram o mundo bem aqui dentro e que podem sacudir mundo afora...

E a música para mim tem um nome: Iná. À minha mãe, eterna gratidão.

Canções e Momentos

Milton Nascimento / Fernando Brant

Há canções e há momentos
Eu não sei como explicar
Em que a voz é um instrumento
Que eu não posso controlar
Ela vai ao infinito
Ela amarra todos nós
E é um só sentimento
Na plateia e na voz

Há canções e há momentos
Em que a voz vem da raiz
Eu não sei se é quando triste
Ou se quando sou feliz
Eu só sei que há momento
Que se casa com canção
De fazer tal casamento
Vive a nossa profissão

A CANÇÃO DA NATUREZA E A NATUREZA DA CANÇÃO

ANÁLISE DE CONTEÚDO TEMÁTICO DE CANÇÕES BRASILEIRAS PARA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

CARLA VIRGÍNIA SOARES FERNANDES

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal realizar uma análise temática de algumas músicas do cancioneiro brasileiro cujo discurso literomusical ecológico pode contribuir para a educação ambiental, que dentre as diversas abordagens conceituais, tem como finalidade promover no educando a consciência ecológica e a adoção de atitudes cidadãs para o bem do Planeta. Como uma das muitas funções da música é expressar saberes e valores, fizemos um recorte para identificar a partir dos anos 1970 até a Cúpula da Terra, ECO-92, algumas canções da Música Popular Brasileira (MPB) com essa temática. Partimos da hipótese de que o conteúdo ecológico dessas músicas desde a criação (composição) até o uso em aulas e palestras (execução/interpretação), pode constituir-se como um instrumento didático-pedagógica de educação ambiental crítica. A Educação Ambiental Crítica sinaliza para a necessidade de ruptura com antigos padrões de abordagem para estratégias de diálogo criativo e diverso, propiciando o reencantamento na dimensão estética do discurso ecológico, alcançando assim, maior engajamento para a sustentabilidade local e global.

Palavras-chave: canção brasileira, educação ambiental crítica, ecologia humana, natureza.

THE SONG OF NATURE AND THE NATURE OF SONG
THEMATIC CONTENT ANALYSIS OF BRAZILIAN SONGS FOR CRITICAL
ENVIRONMENTAL EDUCATION

CARLA VIRGÍNIA SOARES FERNANDES

ABSTRACT

The main objective of this work is to carry out a thematic analysis of some songs from the Brazilian songbook whose ecological literomusical discourse can contribute to environmental education, which among the various conceptual approaches, aims to promote ecological awareness and the adoption of citizen attitudes towards the well of the Planet. As one of the many functions of music is to express knowledge and values. So, we made a cut to identify, from the 1970s until the Earth Summit, ECO-92, some songs from Popular Brazilian Music (MPB) with this theme. We start from the hypothesis that the ecological content of these songs, from their creation (composition) to their use in classes and lectures (performance/interpretation), can be constituted as a didactic-pedagogical instrument for critical environmental education. Critical Environmental Education points to the need to break with old patterns of approach to creative and diverse dialogue strategies, providing re-enchantment in the aesthetic dimension of ecological discourse, thus achieving greater commitment to local and global sustainability.

Keywords: Brazilian song, critical environmental education, human ecology, nature.

ÍNDICE

Introdução	1
1 Abordagem metodológica	5
2 Educação Ambiental	10
2.1 Emergência da Educação Ambiental (EA)	10
2.2 Educação Ambiental Crítica no Brasil.....	13
2.3 Música na Educação Ambiental.....	21
3 A Natureza como conceito e sentido	30
3.1 Uma ideia de Natureza.....	31
3.2 Natureza mágica e Natureza imaginação	33
3.3 Natureza possível	35
4 A Natureza da canção e a canção da Natureza.....	40
5 Elemento Terra.....	45
5.1 Canção – TERRA	45
5.2 Canção – O SAL DA TERRA	55
5.3 Canção – PLANETA BLUE	64
6 Elemento FOGO.....	72
6.1 Canção – LUZ DO SOL	72
7 Elemento ÁGUA.....	79
7.1 Canção - LUGAR COMUM.....	79
7.2 Canção - SOBRADINHO.....	87
7.3 Canção - PLANETA ÁGUA	94
8 Elemento AR.....	102
8.1 Canção – MONSIEUR BINOT	102
9 Biodiversidade Ameaçada	109
9.1 Canção – SAGA DA AMAZÔNIA	109
9.2 Canção – MATANÇA	120
9.3 Canção – PASSAREDO	129
9.4 Canção – XOTE ECOLÓGICO	135
10 Conclusão ou Reencantamento.....	142
Bibliografia.....	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASEMA	Apoio Sócio Educativo em Meio Aberto
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento
CAR	Cadastro Ambiental Rural
CNIJMA	Conferências Infanto-juvenis pelo Meio Ambiente
CTS	Ciência Tecnologia Sociedade
EA	Educação Ambiental
EAC	Educação Ambiental Crítica
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FCSH	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GEASur	Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur
GEE	Gases de Efeito Estufa
IPBES	Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços do Ecossistema
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, <i>Queer</i> , Intersexuais
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MPB	Música Popular Brasileira
NASA	National Aeronautics and Space Administration
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organização não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFP	Universidade Federal do Pará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade do Estado de São Paulo
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
REED+	Redução de Emissão de GEE resultante de desmatamento e degradação ambiental
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Por que Ecologia Humana?

A nossa vida é feita de escolhas. E quando decidimos fazer algo com determinação e amor, o Universo dá os sinais. Porque como diziam os gregos, largamente divulgado pelos filósofos socráticos: "Só sei que nada sei".

Depois de alguns obstáculos, a começar pela dificuldade em preencher os dados no site da Universidade até a atribulada transferência do valor em Euros pelo câmbio do banco brasileiro que utilizo, terminei sendo aprovada para o Mestrado da Universidade Nova de Lisboa. Viajo pelo Brasil e pelo mundo, cantando e falando sobre Cultura Brasileira e Sustentabilidade, no entanto quanto mais pesquiso, mais fica claro que sei muito pouco. Isso nutriu a minha persistência. E assim, só assim, o meu anteprojeto "A canção da Natureza e a Natureza da Canção" chegou à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) e foi aceito no Mestrado de Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos. Como? Ecologia Humana? Problemas Sociais Contemporâneos, a gente acha que sabe muito bem do que se trata, principalmente aqui no Brasil. Mas Ecologia Humana... Essa foi a reação da maioria das pessoas que recebia minha notícia diante do meu semblante eufórico que rapidamente caía *na real* e tentava explicar um mundo até então pouco conhecido inclusive para mim.

A palavra Ecologia tem origem no grego "*oikos*" que significa CASA e "*logos*" estudo. Então Ecologia é o estudo da casa, ou o estudo do lugar onde se vive. O cientista alemão Ernst Haeckel usou pela primeira vez o termo em 1866 para designar o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente. Essa ciência estuda também a distribuição e a abundância dos organismos e as condições que determinam essa distribuição. Podemos desse modo concluir que a Ecologia Humana privilegia estudar uma espécie específica que se encontra no topo da cadeia alimentar? Na cadeia alimentar, sim. No topo, acreditamos que não. Por ser dotada de inteligência, também é a espécie que mais altera o ambiente que vive? Mais ou menos. O meio ambiente ou ambiente está em constante interação evolucionária pois nele agem fatores bióticos (fauna e flora), fatores abióticos (solo, água, ar, energia etc.) e a Cultura Humana (com seus paradigmas e valores).

A criação da Ecologia Humana como ciência é atribuída à Escola de Chicago que produziu entre 1915 e 1940 um vasto e variado conjunto de pesquisas sociais para investigar os fenômenos resultantes da urbanização e crescimento demográfico dessa grande metrópole. Chicago presenciou o surgimento de fenômenos sociais denominados "problemas sociais" como o crescimento da criminalidade, delinquência juvenil, aparecimento de gangues, bolsões de pobreza, desemprego e a formação de comunidades segregadas (guetos). Os estudos dos problemas sociais estimularam a elaboração de novas teorias e conceitos sociológicos, além de novos procedimentos metodológicos. Assim elaboraram o conceito de Ecologia Humana para sustentar teoricamente os estudos de sociologia urbana, considerando a cidade como um "laboratório social". Então a Ecologia Humana surge como um estudo científico das relações entre os humanos e o meio ambiente, incluindo as condições naturais, as interações e os aspectos econômicos, psicológicos, sociais e culturais.

O ambiente é percebido como um ecossistema. Um ecossistema é tudo em uma área específica – o ar, o solo, a água, os organismos vivos e as estruturas físicas, incluindo as alterações provocadas pelos humanos. Entretanto, mesmo fazendo parte da comunidade biológica, os estudos de ecossistemas, geralmente consideravam relações entre todas as espécies e a natureza, menos as pessoas que eram propositadamente deixadas fora do escopo. A ecologia humana, por outro lado, promove a ideia de que os seres humanos não devem ser excluídos como uma parte não natural de um ecossistema natural. Talvez por reconhecer que seres humanos têm a maior influência sobre as mudanças nos ecossistemas sobretudo após a revolução industrial, este tipo de ecologia ensina que humanos são seres complexos que expressam objetivos conscientes através do mundo natural. O comportamento de uma pessoa é influenciado pelos conhecimentos mais valores, crenças e objetivos conscientes. A partir de quais referências as culturas em desenvolvimento e as sociedades emergentes podem construir seus valores e objetivos em relação à natureza? Solidariedade, sustentabilidade, resiliência, paz, equidade ...

Nesse ponto do texto, já entendemos qual o principal objeto de estudo da Ecologia Humana, entretanto tamanha dimensão de aspectos analisados dificulta delinear a qual ciência pertencemos. Várias ciências reivindicariam propriedade sobre a ecologia humana. A biologia, a partir do estudo das cadeias tróficas e o ser humano, por exemplo. Já a geografia humana, com as dispersões populacionais e os estudos migratórios. A sociologia, através da pesquisa social-metabólica das comunidades humanas. A

antropologia, com os estudos adaptativos-culturais da raça humana. E a psicologia, através das pesquisas que relacionam o meio ambiente e o comportamento humano. Dessa maneira chegamos à conclusão de que a ecologia humana é uma ciência transdisciplinar, que toca todos esses campos e exige, para uma pesquisa séria, uma cuidadosa escolha do objeto de estudo, das metodologias e das disciplinas mais adequadas.

O tempo existencial e o espaço curvo fazem o homem contemporâneo perceber a natureza como um “prisma em movimento”. Enquanto as novas tecnologias de comunicação propõem outras configurações, a sustentabilidade exige uma melhor apreensão do todo partindo da percepção de si mesmo: “O meio ambiente começa no meio da gente”, frase do escritor Tetê Catalão. A maioria das pessoas ainda não reconhece o meio ambiente nas cidades e não percebe que suas ações possuem forte impacto ambiental. O jornalista Roberto Villar Belmonte (2004) assinala a distância do homem urbano com a Natureza. Ele afirma que muitos acham que seres humanos (homens e mulheres), favelas e cidades não fazem parte da natureza. Dessa forma não entendemos que a molécula da água do rio contaminado vai fazer parte do nosso corpo e que a destruição da floresta tropical pode causar mudanças climáticas no Centro-Sul do país. Parafraseando Jean Paul Sartre, “o inferno são os outros”. Dificilmente percebemos que temos responsabilidade social e ambiental por tudo que está acontecendo. Sim, o inferno somos nós!

Canclini (1999) sinaliza que as sociedades civis aparecem cada vez menos como comunidades nacionais e são identificadas como comunidades hermenêuticas de consumidores. As críticas apocalípticas ao consumismo veem um desligamento do indivíduo com a cidadania, com as desigualdades e a solidariedade coletiva. O fato é que uma das características da globalização e a instituição da sociedade de consumo é a erosão cultural. No entanto Giddens (2000) pontua que a globalização é um conjunto complexo de processos, tanto de “fora para dentro”, a exemplo das mudanças na estrutura familiar e autonomia do gênero feminino, como de “dentro para fora”, quando reconhecemos a força de identidades culturais locais em várias partes do mundo. Em *Mundo em Descontrole* Giddens também salienta que ao lado do risco ecológico, a crescente desigualdade são os problemas mais sérios a serem enfrentados pela sociedade global. Vemos uma crise lá fora e vivemos uma crise aqui dentro.

Mario Vargas Llosa (2013) ao citar T. S. Eliot que afirmava que cultura não deve ser identificada como conhecimento, conclui que a cultura antecede e sustenta o

conhecimento. Embora haja mais pessoas alfabetizadas, um aspecto quantitativo, elas não possuem cultura, pois cultura não tem muito a ver com quantidade, e sim com qualidade. T. S. Eliot acreditava que Cultura é tudo o que faz da vida algo digno de ser vivido. Ao pensar cultura e sustentabilidade, constatamos que os dados são muito úteis, mas as canções emocionam. A música é a “linguagem das emoções”, o meio estético de apresentar sentimentos e estados de espírito. O casamento de música e palavra na canção apresenta pensamento e sentimento como um todo integrado, afirma Pedro Augusto Dias (2006) em Uma Breve História da Canção. A canção permite a expressão da subjetividade. A voz que fala interessa-se pelo que é dito, a voz que canta, pela maneira – forma formante e forma formada – como é dito. Antes de ser criador, o artista também é um receptor. A criação não deixa de ser uma releitura dizia meu professor Monclar Valverde (2006).

Podemos concluir inicialmente que a premissa básica de uma teoria ecológica humana é a da interdependência de todos os povos do mundo dos recursos do planeta. O fato é que muitos danos ambientais resultaram e ainda resultam de escolhas políticas e econômicas equivocadas, mas também do analfabetismo ecológico e do sentimento de impotência das pessoas. Todavia, a sustentabilidade ecológica do mundo depende de decisões e ações tomadas não só pelas nações, mas também por indivíduos, famílias, comunidades. E por ser uma ciência nova, a Ecologia Humana tem ainda muito a oferecer para evolução da ciência humana, contribuindo com bases teóricas para o desenvolvimento sustentável e para as novas práticas econômicas (regenerativa, circular, solidária, criativa, verde, azul), apontando limites e perspectivas, que nós humanos podemos adotar para garantir a nossa presença nessa casa compartilhada com quase nove milhões de espécies.

**(Texto escrito no início dessa jornada em Salvador, capital da Bahia - Brasil
em setembro de 2018)**

INTRODUÇÃO

A Canção da Natureza e a Natureza da Canção procura, através da análise de uma pequena mostra de músicas criadas por reconhecidos compositores do Brasil entre 1970 e 1992, verificar as possibilidades de contribuição do discurso literomusical¹ ecológico desse repertório do cancioneiro popular brasileiro para o processo educativo socioambiental na perspectiva de uma educação ambiental crítica, que pretende contribuir para o resgate e / ou construção de valores essenciais para a cidadania ambiental em todos os lugares, sejam essas práticas educativas dentro ou fora da sala de aula. A cidadania ambiental, ou num sentido mais amplo, a cidadania planetária reivindica a construção de uma nova maneira de existir, seja no ambiente familiar, na comunidade e o estar no planeta, na nossa casa comum. Dessa forma assume-se uma corresponsabilidade alicerçada pela solidariedade e pela democracia promovendo a cultura da paz e a sustentabilidade em prol de toda manifestação de vida em Gaia (Gadotti, 2010, p. 8, 29, 45).

A temática ecológica na música popular brasileira (MPB) se apresenta de maneira diversificada, ora exaltando as belezas do ambiente natural, ora tecendo críticas à forma conflituosa com a qual o ser humano se relaciona com o meio ambiente. O uso de canções enquanto ferramenta auxiliar em processos educativos ambientais tem sido empregado na educação formal e não formal, a exemplo do uso da música amazônica em ações educacionais² de valorização do trabalho extrativista não madeireiro de comunidades ribeirinhas em Rondônia realizadas por Oliveira & Bentes-Gama (2006, p. 437) da EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Oliveira afirma que é possível identificar a presença da música desde o ensino pré-escolar à capacitação de acadêmicos de nível superior e educadores ambientais, por todo o país.

O estudo da relação do ser humano com o meio ambiente faz parte das pesquisas em Ecologia Humana, que compreende, dentre outras acepções: “...considerar as interações ecológicas, entre os indivíduos e deles com o meio, além de enxergá-los como agentes de modificação desse meio” (Gomez, Nunes, & Moura, 2016, p. 21). É urgente

¹ **li·te·ro·mu·si·cal** (latim *littera*, -ae, letra + -o- + *musical*) adjetivo de dois géneros. Relativo à literatura e à música (ex.: *sarau literomusical*), in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/literomusical> [consultado 12-10-2020].

² Práticas sócio-educativo-comunicacionais que objetivam a criação e o fortalecimento de ecossistemas comunicativos democráticos para aquisição de conhecimentos, linguagens e tecnologias propiciando protagonismo e autonomia à expressão e ação do sujeito social (Oliveira, 2020, p. 3)

passar do papel de agente de modificação para agente de mudança do cenário de degradação do Planeta, uma vez que a relação entre a espécie humana e o ambiente faz parte dos debates que visam a mobilização da sociedade em prol do equilíbrio dos sistemas naturais e o desenvolvimento sustentável. Uma nova topofilia – "laços afetivos que o ser humano pode estabelecer com o meio ambiente através dos sentidos" – conceito do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (Tuan, 2012, p. 120), pode ser estimulada por meio da sensibilização ambiental em contato com as expressões artísticas. Essa nova topofilia através da música, de acordo com Ribeiro (Ortíz, Meza & Alvim 2017, p. 13) quando fala da Ecologia Humana Contemporânea, caberia perfeitamente nas experiências multi-e-interdisciplinares dessa ainda jovem área do saber.

O movimento de mobilização da sociedade para debater e avaliar as questões ambientais em âmbito global data de 1972, com a realização da primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Conferência de Estocolmo), que reuniu especialistas de 65 países. Esta conferência contribuiu para formulação dos princípios e orientações para um programa de Educação Ambiental, no qual foi estabelecido que a EA deveria ser contínua, multidisciplinar, integrada às diferenças regionais e orientada para os interesses nacionais. Três anos depois, na Conferência de Belgrado, foi emitida a Carta de Belgrado, na qual é declarada a meta da educação ambiental: "Desenvolver um cidadão consciente do ambiente total e preocupado com os problemas associados a esse ambiente". Em 1977, na Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Conferência de Tbilisi), a palavra de ordem era a formação, em nível global, de uma nova consciência sobre o valor da natureza com base em métodos interdisciplinares e os princípios da complexidade ambiental. No Brasil, a mobilização para participação de um projeto de EA ganhou corpo com o País sendo a sede da Conferência Mundial pelo Meio Ambiente (Rio 1992 e Rio +10 em 2002) e se desdobrou nas Conferências Infanto-juvenis pelo Meio Ambiente (CNIJMA), a partir de 2003 (Ramos, 2001, p. 205; Reigota, 2017, pp. 20-23).

As questões ambientais, quando tratadas no campo da Educação Ambiental Crítica, propõem, dentre outras coisas, a compreensão da relação entre o ser humano com o meio ambiente e o engajamento dos cidadãos na busca da promoção da sustentabilidade do local para o global. Diversos atores sociais do campo educativo, têm se empenhado em lançar iniciativas para transformar este cenário de contínua degradação do ambiente. Tais iniciativas, enquanto experiências educativas demandam reflexões sobre as práticas

sociais existentes e sobretudo melhor entendimento da relação humano - meio ambiente. Pesquisadores da área, como Loureiro, Layrargues e Castro (2006) e Reigota e Prado, (2008) vislumbram um processo educativo articulado e compromissado com a sustentabilidade e a participação social, aberto ao diálogo e a interdisciplinaridade, e afinado com as novas percepções de cultura e meio ambiente. Segundo Jacobi (2005), tal ação exige o examinar-se da 'humanidade' para achar novos rumos "... refletindo sobre cultura, crenças, valores e conhecimentos em que se baseia o comportamento cotidiano...". (p. 131) Em síntese, uma educação que se despoje das adjetivações e se encaminhe na busca de sentido e significação para a existência humana.

Sem pretensão de esgotar uma investigação tão vasta, devemos localizar na Educação Ambiental Crítica um terreno fértil para essa estratégia pedagógica, ao observar em algumas pesquisas o papel da música na educação e principalmente a presença da canção na Educação Ambiental (EA). O uso de música em processos educativos já foi experimentado e analisado, tanto na educação formal quanto na não-formal, com diferentes abordagens desde a educação infantil e inicialização musical, até os processos reflexivos em disciplinas específicas nas diversas áreas do conhecimento. O que se levanta neste estudo é a análise dos enunciados do discurso presente em músicas usadas em blogs, jornais, campanhas de organizações ambientais, escolas, instituições e palestras, onde a interação entre o enunciador (autor/compositor), o intermediário (jornalista/pesquisador/palestrante) e a audiência (leitor/ouvinte), no espaço de comunicação que se estabeleceu no ambiente virtual ou real, pode provocar reflexões e mudanças na forma de pensar e de agir, assim atendendo à constante transformação do conhecimento e das práticas educativas.

Nessa investigação, se faz necessário transcorrer sobre algumas ideias de Natureza no pensamento ocidental possibilitando identificá-la como elemento de inspiração e reflexão dessa produção simbólica conhecida como canção. E após uma breve apresentação teórica sobre Educação Ambiental e Educação Ambiental Crítica, música na Educação e o sentido da Natureza, vamos identificar o gênero da música que vamos trabalhar, suas características, estilos e o período do nosso recorte, que demarca tanto o surgimento da chamada Música Popular Brasileira (MPB) nos festivais nacionais, como a intensificação da discussão do tema ambiental no mundo e no Brasil.

É neste contexto que a dissertação objetiva elaborar argumentos para validar o uso de canções para a educação ambiental, a partir da análise de seus enunciados que

apresentam questões ambientais exaltadas principalmente a partir do início da década de 1970 até a ECO-92 que resultaram dos debates sobre o modelo de desenvolvimento humano. São 8 composições cujas unidades de contexto foram identificadas com os elementos da Natureza³: Água, Terra, Fogo e Ar, como representação dos serviços ecossistêmicos⁴ fundamentais à vida no planeta. Além dessas músicas relacionadas aos quatro elementos da Natureza, foram analisadas mais 4 canções cujo eixo temático é a Biodiversidade Ameaçada já que de acordo com o relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços do Ecossistema (IPBES)⁵, um milhão de espécies de animais e plantas estão ameaçados de extinção em consequência da crise ambiental resultante das atividades humanas.

³ Parte dessa investigação foi apresentada e publicada no Eixo "Programas, Projetos e Ações na EA" do VI Congresso Nacional de Educação Ambiental no Brasil (Fernandes & Oliveira, 2019 pp. 867-878)

⁴ <http://www.millenniumassessment.org/en/index.html>

⁵ <https://www.ipbes.net/> Criada em 2012, a IPBES tem por objetivo informar aos governos sobre o estado da biodiversidade, ecossistemas e serviços prestados para contribuir com o aprimoramento de políticas e estratégias em favor da conservação e uso sustentável da natureza, do bem-estar humano e do desenvolvimento sustentável.

1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O livro coordenado pela escritora Glória Pondé (Pondé, Riche & Sobral, 1992) inspirou a configuração dessa dissertação por ser um dos poucos encontrados com tema similar à nossa pesquisa, mesmo não se tratando de uma obra de metodologia de pesquisa. O livro *Brasil em cantos e versos: Natureza* apresenta desenhos, poesias e letras de música desde o poeta Tomás Antonio Gonzaga (1812) ao cartunista Ziraldo (1988). A Natureza aparece principalmente como identidade nacional e segue uma trajetória da exaltação ao questionamento, onde podemos identificar sentimentos de pertencimento e saudade: "O percurso da Natureza da paisagem física à paisagem social, política e emocional" (Pondé et al, 1992, p. 131). Esse livro apresenta uma pequena biografia de cada artista, escritor ou compositor ao lado das suas criações. E por se tratar de um material didático, possui um livreto anexo onde os professores encontram sugestões para desenvolver atividades em sala de aula.

A metodologia adotada nessa investigação é a análise de conteúdo temático de natureza qualitativa/descritiva, uma vez que o principal objeto dessa investigação é a análise dos enunciados de músicas, que vêm a ser um texto literário executado com melodia para consumo de massa. Rees (2008, p. 257) diferencia a pesquisa quantitativa da qualitativa, afirmando que a primeira analisa fenômenos delimitados, divididos em categorias comuns a um determinado número de pessoas; enquanto a segunda procura interpretar, de forma holística, o significado das experiências de uma pessoa, evento ou grupo. Como a realidade é dinâmica e construída, a subjetividade é um fator a ser considerado, o que exige do investigador a descrição do caminho que percorreu. A partir da "matriz de perguntas descritivas" de Spradley (Rees, 2008, p. 263) apresentamos algumas questões oportunas para investigação:

- *Objetos*: De que maneira as canções evocam atitudes ecocidadãs?
- *Atores*: Quem são os atores ligados à essas criações musicais?
- *Espaço físico*: De que maneira o ambiente inspirou aqueles compositores?
- *Tempo*: Como certas questões socioambientais eram abordadas no período da composição (1970-1992) e como podem ser abordadas na atualidade?
- *Atividades*: Que atividades já foram desenvolvidas e quais ainda podem ser experimentadas com essas canções no processo educativo?
- *Eventos*: Eventos socioambientais influenciaram os compositores? Quais?

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo envolve "técnicas de análise das comunicações através de procedimentos sistemáticos com o objetivo de ressaltar as inferências de conhecimentos relativos às condições de produção e/ou recepção a partir de alguns indicadores". (p. 38) A autora sustenta que a análise do discurso pertence ao campo da análise de conteúdo, justificando que se trata de uma técnica cujos procedimentos têm como objetivo a inferência acerca de uma estrutura profunda (processos de produção) a partir de efeitos de superfície discursiva (manifestações semântico-sintáticas) (p. 213).

A canção é um discurso literomusical⁶ escrito em forma de poema, geralmente com rimas, muitas vezes usada para fazer críticas e denúncias. Esse tipo de canção comumente identificada como música de protesto, de intervenção ou engajada, há muito tempo é utilizada como um meio para advertir a humanidade para questões como a guerra e o desarmamento; contra ditaduras, intolerância religiosa e étnica; a favor da liberdade de expressão e por um mundo de 'Paz e Amor'; e principalmente nas últimas décadas, a música tem sido um instrumento de alerta sobre a degradação ambiental. Tom Zé, um dos Tropicalistas⁷ mais atuantes da música brasileira, não acredita que haja música sem algum tipo de engajamento: "Quanto ao engajamento, todos nele estão e todos o praticam. Um pode escolher a política, outro pode escolher o amor. Ambos podem salvar ou desgraçar a humanidade. Ambos podem elevar a alma do homem ou rebaixá-la" (Jornal O TEMPO, 2017). Conclui-se então apoiados em Bourdieu (1986) ao falar sobre espaço social e poder simbólico, que há possibilidade de compreender uma conjuntura socioambiental a partir da percepção e inspiração de artistas compositores e da análise de suas canções:

E a ciência social deve tomar como objeto não apenas essa realidade, mas também a percepção dessa realidade, as perspectivas, os pontos de vista que, em função da posição que ocupam no espaço social objetivo, os agentes têm sobre essa realidade. A sociologia deve incluir uma sociologia da percepção do mundo social, isto é, uma sociologia da construção das visões de mundo, que também contribuem para a construção desse mundo. (Bourdieu, 1986, p. 157)

Assim levando-se em conta as perspectivas desses agentes sociais (compositores) sobre a realidade de contínua ameaça socioambiental, nessa investigação foi utilizada

⁶ O professor N. B. Costa (2003, p. 17) tem se dedicado à investigação sobre o papel da canção na educação a partir da análise do discurso literomusical e o seu vínculo com a identidade brasileira. Ele considera que o discurso literomusical é um gênero híbrido pois é a conjugação dessas inseparáveis dimensões: a materialidade verbal (letra) e a materialidade musical (rítmica e melódica).

⁷ Tropicalismo foi um movimento musical que começou em 1967, cuja estética misturava tradições culturais brasileiras com inovações da música internacional lutando contra barreiras comportamentais.

como metodologia a análise de conteúdo temático baseada no modelo de Bardin (1977, p. 77) sugerido para análise de comunicações de massa com a identificação de palavras fortes ou palavras plenas recorrentes. Todas as canções analisadas nesta investigação foram criadas no período da década de 1970 até a ECO-92, momento importante para consolidação do movimento ambientalista. E a maioria delas foi usada em palestras musicais, campanhas e práticas educativas ou educomunicativas em contexto de Educação Ambiental por possuírem palavras, termos, frases ou interpretações que se relacionam à vida do homem moderno e o convívio com outros seres como pássaros e árvores, os fenômenos da Natureza, o Sol e por remeterem aos elementos primordiais: Terra, Fogo, Água e Ar. Ao analisar e comparar os dados coletados sobre a criação das canções e as diversas interpretações disponíveis, podemos perceber a intenção da mensagem, identificar possíveis abordagens e consequentemente sugerir dinâmicas a serem adotadas na prática didático-pedagógica. Ainda segundo Bardin, as fases da análise de conteúdo organizam-se em torno desses polos: 1. Pré-análise; 2. Exploração do material; 3. Tratamento dos resultados e 4. Interpretação (p. 95).

Na fase de pesquisa exploratória, foram coletadas informações sobre a história das canções selecionadas em livros, sites, jornais e blogs especializados em música e meio ambiente no Brasil. No caso da produção musical, em geral, a interação envolve normalmente dois autores: o compositor de música (melodista) e um compositor de letra (letrista), havendo uma convenção que esta é a ordem do enunciado dos autores, ou seja, o primeiro nome é do melodista e o segundo do letrista, que findam por ser identificados genericamente como compositores. Portanto é importante conhecer o processo de produção dos textos e os atores sociais envolvidos nessa produção, uma vez que no processo de criação ocorrem distintos turnos de interação envolvendo o autor-pessoa (o escritor, o artista), que Bakhtin distingue do autor-criador, que vem a ser “a função estético-formal engendradora da obra” (Faraco & Negri, 1998, p. 162). Além do letrista e melodista, os compositores da obra, há a execução pública ao vivo ou do registro da canção em algum suporte como disco CD ou LP, fita, mp3, vídeo clipe no rádio, na TV, na tela do computador, num grande projetor ou no telemóvel, com a participação e colaboração de arranjadores, instrumentistas, intérpretes e técnicos. A recepção ou fruição estética é influenciada por todas essas circunstâncias.

Na segunda etapa são identificadas as palavras fortes ou plenas na análise temática das letras das canções. Nesse processo identificamos a problemática, a estrutura, os

argumentos, as sugestões (soluções) ou ideias defendidas pelo autor e começamos a trabalhar com os dados a partir dos indicadores encontrados. Tanto na análise interpretativa como na análise final (etapas 2 e 3) os enunciados foram apreciados com base no discurso “oficial” de organizações como a ONU⁸, Unesco⁹, instituições como o Ministério do Meio Ambiente do Brasil¹⁰ e outros órgãos não governamentais¹¹ ligados à ecologia que são responsáveis pela elaboração de políticas e ações de Educação Ambiental.

A apresentação dos resultados obedece a um roteiro por elemento ou tema da natureza que a música representa, bem como informações relevantes: título da música, autores, ano da sua criação, a letra em estrofes e o *link* para a versão em áudio ou videoclipe. Seguido da sua relação com o elemento-tema, há a descrição do processo de criação da mesma e as inferências, apontadas estrofe a estrofe, quando apropriado.

Cada canção analisada apresenta em três etapas as seguintes informações:

Etapa 1 - Pré-análise

- A. Identificação
- B. Dados fonográficos
- C. Letra
- D. Biografia dos autores
- E. Contexto histórico da criação
- F. Análise Textual

Etapa 2 - Exploração do material (1)

⁸ <https://www.un.org/en/sections/what-we-do/> A missão da ONU é garantir a paz e a segurança mundial, proteger os direitos humanos, oferecer ajuda humanitária, promover o desenvolvimento sustentável e o respeito às leis internacionais. Há também forte atuação em campanhas que envolvem metas para todos os países-membros como os Objetivos do Milênio e os ODS (Objetivos do Desenvolvimento sustentável).

⁹ <https://en.unesco.org/about-us/introducing-unesco> De acordo com os autores Reigota e Ramos, a Unesco teve e tem um papel determinante nas pesquisas, campanhas e políticas de educação ambiental nos diversos países.

¹⁰ <https://www.gov.br/mma/pt-br> Apesar das controvérsias envolvendo o Ministério do Meio Ambiente do governo brasileiro nesse período (2018-2022), em linhas gerais, mantiveram-se as políticas de gestão e educação ambiental adotadas por governos anteriores.

¹¹ https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/ A WWF Brasil atua em quatro biomas. <https://www.greenpeace.org/brasil/explore/> O Greenpeace possui três eixos de atuação: o convite à participação social, a preservação da biodiversidade e o ativismo ambiental; sites oficiais do SOS Mata Atlântica: <https://www.sosma.org.br> e do SOS Amazônia: <https://sosamazonia.org.br>

- G. Análise Temática
- H. Tratamento dos dados
- I. Análise Interpretativa

Etapa 3 - Exploração do material (2)

- J. Análise Final

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Os capítulos dessa dissertação foram desenvolvidos a partir de diversas perguntas que surgiram no processo investigativo, pois como afirmam os grandes educadores – aqui pedimos licença para citar alguns como Paulo Freire, Rubem Alves e Edgar Morin – o processo de ensino-aprendizagem começa com a curiosidade. Como nós falamos de Educação Ambiental, precisamos entender como ela surgiu. Afinal sempre estivemos no mundo, observando, pesquisando, analisando o ambiente dos mais amigáveis aos mais inóspitos. Todavia, há um momento em que vários questionamentos sobre como nós, seres humanos estamos no mundo e as consequências da nossa presença nos diversos ambientes ganharam aferições sistemáticas demonstrando os impactos negativos das atividades humanas para todas as formas de vida, para o sistema Gaia e para o futuro da própria humanidade.

A construção de uma nova forma de existência no planeta implica aprendizado sobre nossa escola, nosso bairro, nossa casa, nossa cidade e sobre como podemos transformá-los num lugar de vida comunitária em que a corresponsabilidade pela criação da “vida que se vive” é construída solidária e democraticamente. (...) A responsabilidade de educar para sustentabilidade é de todos. (Gadotti, 2010, pp. 8-9)

Portanto, percebe-se a necessidade de ampliar esses conhecimentos e a urgência para mudanças na interação do ser humano com o meio ambiente de meros devastadores para defensores da vida na sua plenitude. A Educação Ambiental se estabeleceu através de diversos encontros mundiais e se desenvolveu nos diferentes países do planeta atendendo às concernentes características sociais e culturais. O Brasil diante de desafios sociais históricos, como país emergente, também precisou delinear alguns caminhos para trilhar essa nova maneira de ler o mundo incluindo nomeadamente os povos afrodescendentes, os indígenas e os socialmente vulneráveis.

2.1 Emergência da Educação Ambiental (EA)

A educação ambiental (EA) se propõe a promover no indivíduo, a consciência ecológica e a adoção de atitudes cidadãs para o bem do planeta (Reigota, 2017, pp. 41-45). Entretanto os caminhos para chegar a essa consciência são diversos e complexos como são diversas e complexas as culturas e o panorama socioambiental dos países do mundo. Após a divulgação do relatório alarmante do Clube de Roma em 1972, *The Limits*

to Growth, tratando de problemas como esgotamento dos recursos naturais e os efeitos negativos da poluição, do crescimento populacional e do aumento da produção e do consumo, a questão ecológica se tornou pauta constante dos governos de países desenvolvidos que pretendiam impor limites para o crescimento populacional e desenvolvimento econômico (Ramos, 2001, p. 203).

Por sugestão do governo sueco, nesse mesmo ano, se realizou pela primeira vez uma conferência mundial sobre o Meio Ambiente em Estocolmo envolvendo políticos, especialistas, autoridades de governo, representantes da sociedade civil e a ONU (Organização das Nações Unidas). Essa conferência foi marcada por grande divergência entre os países do Norte, desenvolvidos, e os países do Sul, subdesenvolvidos. Mesmo diante de tamanha discordância sobre a relevância das questões ambientais, a ecologia se torna um instrumento crítico da civilização industrial e a EA surge nesse momento como uma necessidade global para construir valores e habilidades a favor da vida no Planeta (Reigota, 2017, p. 10).

Na Conferência de Tbilisi em 1977, a Educação Ambiental é institucionalizada por um documento da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) cujos princípios serviram de base para órgãos e instituições nos âmbitos regional, nacional e internacional. O documento sobre EA definia alguns procedimentos fundamentais (Ramos, 2001, p. 205):

1. Aquisição de conhecimentos e valores para novos padrões de conduta;
2. Conteúdo e prática educacional orientada para preservação e resolução de problemas do meio ambiente;
3. Enfoque interdisciplinar e sistêmico para compreensão do meio ambiente em sua totalidade e interdependência global.

Na Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992, apesar de haver um certo consenso sobre a necessidade de uma gestão mais ecológica, a pobreza, as doenças, o analfabetismo e a degradação ambiental em países subdesenvolvidos configuravam grande empecilho para qualquer acordo mundial. Então emergiu o conceito de desenvolvimento sustentável como um conceito a ser seguido por todos os países ao usarem com responsabilidade os recursos naturais disponíveis contanto que garantissem recursos necessários para as gerações futuras (Jacobi, 2005, p. 236).

A ECO-92 ou Cúpula da Terra também instituiu a Agenda 21 com pretensões de definir estratégias ambientais para o novo século e atender demandas locais e globais. No capítulo 36 dedicado à EA, além de confirmar os princípios da Conferência de Tbilisi, sugere uma maior ênfase para o Desenvolvimento Sustentável, o que gera certa resistência de alguns estudiosos (Jacobi, 2005; Layrargues & Lima 2014; Reigota, 2017; Tristão, 2005) pois é impossível determinar uma única forma de desenvolvimento para um cenário mundial tão desigual (Ramos, 2001, p. 206).

Se há conflito de interesses entre os diferentes setores da sociedade sobre o que seria um modelo ideal de gestão sustentável, o abismo é ainda maior ao propor uma educação para o DS em países em estágios diferentes de desenvolvimento e problemas político-sociais urgentes como corrupção, pobreza, fome, sistema de saúde e saneamento precários, restrito acesso à educação pública de qualidade, tecnologia rudimentar ou focada apenas no entretenimento e consumo, pesquisa com orçamentos reduzidos e distorções sobre a abrangência das questões ambientais (Layrargues & Lima, 2014, p. 32).

Além da Agenda 21, assinada por 179 países com o objetivo de orientar as gestões para uma sociedade sustentável, outro documento que começou a ser elaborado na Eco-92 foi a Carta da Terra que após um diálogo mundial, foi ratificada e assumida pela Unesco em 2000 no Palácio da Paz em Haia (Holanda) com adesão de mais de 4.500 organizações dos diversos países. Gadotti (2010, p. 79) considera que a Carta da Terra deve ser adotado como guia para os projetos em Educação que buscam desenvolver a justiça, a sustentabilidade e a paz. Assim ele pontua:

A Carta da Terra está sendo usada na educação de todas as idades e dentro de contextos formais e não formais. Tem provado ser um instrumento de ensino muito valioso no campo da educação ambiental, e seus princípios estão de acordo com as primeiras definições de educação ambiental da UNESCO, encontradas na Carta de Belgrado (1975) e na Declaração Tbilisi (1977). (Gadotti, 2010, p. 81)

Na mais recente Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, a ser implementada entre 2015 e 2030, a educação de qualidade é o quarto ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), após os objetivos de combater à pobreza e à fome, e a promoção da saúde e do bem-estar. Nesta Agenda 2030 da ONU, a educação é considerada um bem público e um direito humano fundamental para garantir a conquista de outros direitos. Além do acesso à educação continuada, inclusiva e equitativa, a

Educação seria um mecanismo de despertar no indivíduo o valor da cultura para atingir a sustentabilidade local e global.

2.2 Educação Ambiental Crítica no Brasil

A Educação Ambiental se tornou uma importante dimensão do processo educacional, e como a cultura, ela é um reflexo de diferentes "visões sociais de mundo". Uma visão mais conservadora termina contribuindo para a manutenção do modelo hegemônico da sociedade, enquanto o crítico, propõe mudanças nas relações de poder e dominação em uma sociedade até então antropocêntrica, desigual, onde a primazia do privado sobre o coletivo destruiu o meio ambiente. Em uma proposta crítica de EA, educando e educador são agentes sociais nesse processo de transformação, à medida que se fortalece uma visão complexa e sistêmica do meio ambiente (Guimarães, 2016, p. 16-17).

No Brasil, o movimento ambientalista e a educação ambiental se estabeleceram na década de 1980. Os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC/L.91 1997, p. 31), colocam o Meio Ambiente como um dos temas transversais que devem permear toda prática educacional durante o ensino fundamental e foram elaborados a partir das propostas do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA, 1991) que define como sociedade sustentável, aquela que vive em harmonia com os nove princípios a seguir:

1. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos;
2. Melhorar a qualidade de vida humana;
3. Conservar a vitalidade e a diversidade do Planeta Terra;
4. Minimizar o esgotamento de recursos não-renováveis;
5. Permanecer nos limites de capacidade de suporte do Planeta Terra;
6. Modificar atitudes e práticas sociais para alcançar a sustentabilidade;
7. Permitir que as comunidades cuidem de seu próprio ambiente;
8. Gerar estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação;
9. Constituir uma aliança global em prol da sustentabilidade.

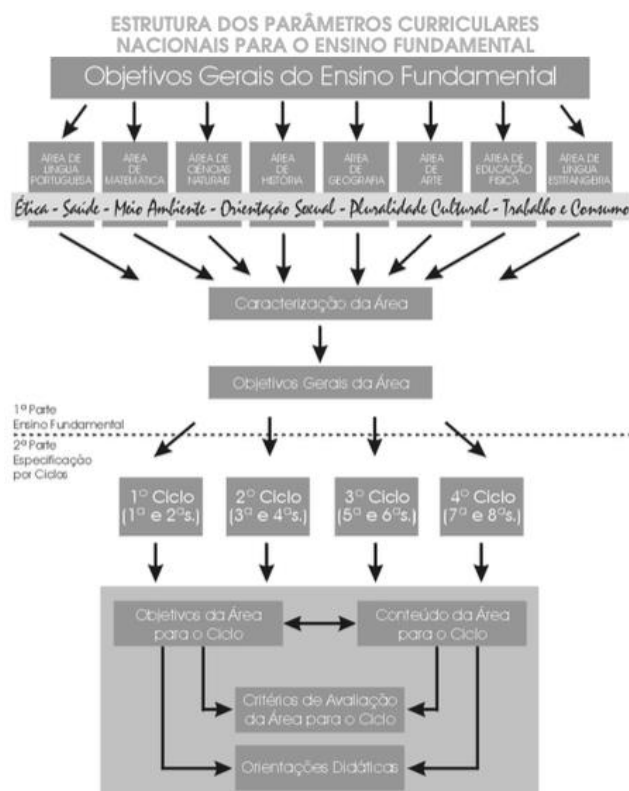


Figura 1. Estrutura dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12640:parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>

Reigota (2017, pp. 31-34) afirma que os PCN marcaram a história da educação ambiental brasileira, pois geraram grande debate entre os educadores e estimularam a pesquisa no meio acadêmico. No entanto, apesar do elevado padrão tanto da legislação ambiental, como dos parâmetros da EA brasileira, na prática essas ações são pressionadas por forças antagônicas que historicamente disputam o poder político, econômico e social relegando populações inteiras das suas terras e do seu direito de existir (Krenak, 2019, pp. 11-14, 20; Ramos, 2001, p. 216). Assim Layrargues e Lima (2014, p. 25) analisam as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira tendo como base a noção de Campo Social do sociólogo Pierre Bourdieu. Ao observarem a EA como Campo Social plural, diverso e disputado, eles conseguem delinear o percurso histórico da EA no Brasil e as dinâmicas resultantes.

Com o tempo, os educadores ambientais perceberam que, da mesma maneira que existem diferentes concepções de natureza, meio ambiente, sociedade e educação, também existem diferentes concepções de Educação Ambiental. (Layrargues & Lima, 2014, p. 27)

Ao problematizar esse fenômeno, os autores identificaram Educações Ambientais com várias denominações. Inicialmente consideradas como conservadora ou alternativa, ganharam as mais diversas nomenclaturas: Humanista, Conservacionista, Sistêmica, Crítica, Científica, Naturalista, Etnográfica, Feminista, Biorregionalista entre outras. Então tentaram englobá-las em três macro-tendências como modelos político-pedagógicos: Conservacionista, Pragmática e Crítica que serão explicadas a seguir.

A macro-tendência *Conservacionista* tem como base a proposta pedagógica de Capra (1996, p. 235) da Alfabetização Ecológica que define como princípios ecológicos a interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade orientada por um pensamento sistêmico.

A macro-tendência *Pragmática* está focada no ambientalismo de resultados, pragmatismo contemporâneo e ecologismo de mercado. As correntes da Educação para o Desenvolvimento Sustentável se enquadram nesse modelo que envolve consumo verde, responsabilidade socioambiental, certificações, desenvolvimento limpo e ecoeficiência produtiva e representam o projeto político-pedagógico hegemônico na atualidade. A Educação para o Desenvolvimento Sustentável tem sido alvo de críticas devido as seguintes razões: a baixa participação para sua elaboração na UNESCO; a ausência de traços identitários e históricos da EA vinculados às lutas democráticas e ideais de emancipação humana; por desconsiderar os diferentes contextos sócio-educativos de países dos hemisférios Norte e Sul e a motivação desenvolvimentista ligada aos modelos capitalistas neoliberais (Layrargues & Lima, 2014, p. 32).

A macro-tendência *Crítica* com forte vínculo com a Ecologia Política, apoia-se na revisão crítica das tendências anteriores, nomeadamente dos fundamentos antropocêntricos, onde prevalecem o acúmulo de capital, desigualdade e injustiça socioambientais. Diante dessa perspectiva, tornou-se necessário incorporar questões culturais, individuais e subjetivas que emergem em conceitos-chave como cidadania, democracia, participação, emancipação, conflito, justiça ambiental e transformação social introduzidos na prática e interpretação do ambientalismo brasileiro.

Lima em outro artigo dedicado a analisar como evoluiu a EA no Brasil, afirma que enquanto no primeiro momento predominavam características conservacionista, tecnicista, apolítica e vinculada aos órgãos de meio ambiente (2009, p. 149), no segundo momento floresce uma EAC por meio da educação popular a partir da pedagogia de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Moacir Gadotti e outros.

A ideia equivocada de que o discurso ambiental representava um obstáculo ao crescimento econômico ou industrialização gerou resistência de diversos setores da sociedade, principalmente o político. Os políticos da época antagonizavam a questão ambiental da questão social ao ponto de acharem que se preocupar com a degradação ambiental era um luxo de países desenvolvidos (Ramos, 2001, p. 204). Isso exigia da EA brasileira novos caminhos para além do *conservacionismo* que destacava apenas aspectos naturais dos problemas ambientais em detrimento dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

"Essa dissociação entre os aspectos biológicos/ecológicos e os aspectos político-sociais da crise ambiental é um dos argumentos da EA Crítica" (Lima, 2009, p. 153) que aponta a crise ambiental como consequência de um modelo civilizatório baseado em escolhas *valorativas predatórias e nocivas à vida social e natural*. O direito à vida e a um ambiente saudável passa a ser visto como uma questão de *cidadania*.

Os discursos e debates ambientais pautados em afirmações genéricas e abstratas como "o homem é o grande adversário da natureza", as "ações antrópicas são a causa da crise climática", "novas tecnologias como carros elétricos, energias renováveis, plástico verde e produtos biodegradáveis são a solução", apesar de possuírem um fundo de verdade, não sugerem reflexões mais profundas sobre as causas da crise ambiental e ainda excluem os demais saberes populares, tradicionais, religiosos, artísticos e filosóficos. A EA conservacionista, insensível à dinâmica das relações da sociedade com a natureza, se expressa de maneira individualista e comportamentalista através da educação/adestramento, e deixa de lado as esferas coletiva, pública e política (Lima, 2009, p. 153).

Para que as mudanças do comportamento humano em prol da vida aconteçam com diálogo e consciência é necessário informar e sensibilizar as pessoas sobre a equação modelo de crescimento econômico pós-industrial e degradação ambiental. "O tratamento reducionista dado à EA por leituras biologizantes, conservacionistas, tecnicistas ou comportamentalistas" estimulou o debate e a busca por outros métodos por entenderem "educação como uma construção social dialógica coletiva que persegue o pensamento crítico, a formação de sujeitos emancipados e a transformação da realidade sociocultural e política" (Lima, 2009, p. 156).

Mesmo considerando insensato e contraditório uniformizar o pensamento e a ação críticos, Lima (2009, p. 161) acredita que essa tendência vem predominando na EA

brasileira mais afinada com o socioambientalismo e com o paradigma das sociedades sustentáveis nos termos do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global que resultou da contribuição coletiva de Organizações não Governamentais (ONGs) e movimentos sociais de diversos países presentes na Conferência RIO - 92.

Jacobi ao pensar a Sustentabilidade no seu artigo sobre o desafio da construção do pensamento na Educação Ambiental (2005, p. 235) cita o prêmio Nobel de Economia de 1998, Amartya Sen que percebe naquele momento uma oportunidade à reflexão sobre o desenvolvimento, ampliando a capacidade de escolha e o horizonte social e cultural dos indivíduos. "A base material é fundamental, mas deve ser considerada um meio e não um fim em si". E complementa as ideias de Sen sobre o desenvolvimento como possibilidades de cooperação e solidariedade, um processo de formação de capital social, ou melhor, "desenvolvimento como liberdade".

Em 1973, utilizou-se pela primeira vez o conceito de ecodesenvolvimento, precursor do conceito de Desenvolvimento Sustentável, que já apresentava essas cinco dimensões: a sustentabilidade social, a sustentabilidade econômica, a sustentabilidade ecológica, a sustentabilidade espacial e a sustentabilidade cultural. Logo o conceito de desenvolvimento sustentável foi elaborado pela Comissão de Brundland em 1987, e norteou debates, resoluções, documentos e tratados da Rio 92, que apesar das críticas, termina por consolidar a noção de sustentabilidade como a necessidade em definir limites para o crescimento e a participação dos diversos atores sociais relevantes e ativos em práticas educativas e dialógicas, reforçando um sentimento de corresponsabilidade e de construção de valores éticos (Jacobi, 2005, p. 238).

O conceito de Risco de Beck que delineia as consequências das práticas sociais modernas aponta a "reflexividade" como um elemento novo que oferece um intrincado diagnóstico do nosso tempo, demonstrando que os avanços tecnológicos vêm acompanhados de ameaças à subjetividade, à liberdade e à criatividade (Souza, 2010, pp. 81-83) – um exemplo atual é o documentário "The Social Dilemma" de Jeff Orlowski¹². A crise ambiental, a realidade baseada em algoritmos e o estado pandêmico em 2020 só aumentaram o debate público e científico sobre os riscos relacionados com a modernidade

¹² <https://www.dn.pt/educacao-do-dia/19-set-2020/o-dilema-das-redes-sociais-sera-possivel-escapar-lhes-12738287.html>

e os imprevisíveis efeitos da globalização. Ciência e tecnologia, há algum tempo, são vistos como fonte potencial de autodestruição das sociedades em nível planetário.

Assim o cenário de Risco impulsionou o surgimento de um ativismo político que migrou do parlamento para grupos de pressão identificados com o ecologismo, empoderamento feminino, direito LGBTQI+, antirracismo entre outros. Jacobi salienta que a essência da crise ambiental é a incerteza:

Vive-se no início do século XXI, uma emergência que, mais que ecológica, é uma crise do estilo de pensamento dos imaginários sociais, dos pressupostos epistemológicos e do conhecimento que sustentaram a modernidade. Uma crise do ser no mundo que se manifesta em toda sua plenitude: nos espaços internos do sujeito, nas condutas sociais autodestrutivas; e nos espaços externos, na degradação da natureza e da qualidade de vida das pessoas (p. 240)

Ao confrontar Sustentabilidade com o paradigma da "sociedade de risco", Jacobi (2005, p. 243 e 247) pontua a necessidade de práticas sociais baseadas no acesso à informação e à educação em uma perspectiva integradora, o que implica uma mudança de percepção e de valores. A complexidade ambiental abre espaço para mobilização de novos atores sociais e privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas do saber. Ao superar o paradigma dualista, enfatiza a interdisciplinaridade como elemento constitutivo de um novo pensar sobre as relações humanidade-ambiente, onde se articulam natureza, técnica e cultura. Deste modo o desafio político-ético da educação ambiental se encontra totalmente vinculado ao fortalecimento da democracia e da construção de uma cidadania ambiental resultante da internalização de reflexões em torno da diversidade e da construção de sentidos nas relações indivíduo-natureza, nos riscos socioambientais globais e locais, e nas relações entre ambiente e desenvolvimento.

A cidadania ambiental, cidadania planetária ou ecocidadania é legitimada pela ética ambiental, onde o indivíduo ao ampliar a percepção de mundo, resiste aos imperativos da economia de consumo e reconhece os limites da Natureza mudando seus paradigmas. Entretanto só será possível esse novo modelo de cidadania através da EA, onde o *sujeito de risco* se transforma no *sujeito ecológico* (Sparemberger & Rammê, 2012, p. 7). A ecocidadania implica resistência ao poder político e social vigente, democracia, diálogo e emancipação, ou seja, a ideia de cuidado considerando aspectos éticos, ecológicos e socioambientais (Déjardin, 2019, pp. 236-237).

O tema ambiental e a educação voltada para suas questões fizeram emergir palavras em novos conceitos para atender à complexidade da sociedade contemporânea. Tristão (2005, p. 253) salienta que a linguagem se forma no seio de uma cultura entre o subjetivo / coletivo. No entanto o léxico do discurso da EA com palavras de ordem como liberdade, solidariedade, participação, emancipação, democracia, justiça ambiental, apesar do potencial comunicativo e motivador, se perdem no cotidiano estressante e (des)potencializador dos sujeitos sociais. Ela conclui, citando Assmann (2000, p. 22), que *"lhes falta vigor e conteúdo estratégico"*.

Ao analisar o campo da EA nas seguintes dimensões: *ética* (solidariedade), *política* (participação) e *estética* (reencantamento), Tristão priorizou "as potencialidades epistemológicas de uma narrativa para restabelecer as energias emancipatórias dos conhecimentos que a modernidade colonizou e deixou transformar em conhecimento-regulação".

Tristão (2005) cita Souza Santos (2000) para falar dos conhecimentos predominantes na modernidade: o conhecimento-regulação e o conhecimento-emancipação, e aponta que há interdependência entre esses dois modelos. Enquanto o conhecimento-emancipação transita do colonialismo para a solidariedade, o conhecimento-regulação transita do caos para a ordem. O equilíbrio dinâmico se encontra na ruptura de não considerar caos ignorância e sim conhecimento, e revalorizar a solidariedade como forma de saber (Tristão, 2005, p. 254). Então ela define solidariedade na *dimensão ética* como "um conjunto de princípios ou fonte de critérios percebidos como um saber decisivo para garantir o futuro da humanidade".

Isso sugere que a EA precisa promover a autoconsciência para reflexão-ação de um saber solidário para além de uma abordagem comportamentalista de educação-regulação. *"Esse caminho reconhece a inseparabilidade entre observador e observado, e uma profunda ligação entre teoria, reflexão, ação, emoção, valores, indivíduo, coletivo, natureza, cultura, enfim. A ética ambiental não se sustenta em uma ética antropocêntrica e individualista ..."* (Tristão, 2005, p. 256).

Sobre a *dimensão política*, Tristão complementa com Souza Santos, que como seres humanos precisamos de solidariedade e essa solidariedade só será possível, se houver participação. E ao afirmar que essa prática é uma retórica da EA, coloca um trecho do *Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global* (Fórum Global, 1992) que afirma: *"a educação ambiental não é neutra, mas*

ideológica. É um ato político, baseado em valores para transformação social". Muitas vezes por questões históricas, em países que viveram períodos de ditadura, as comunidades resistem a assumir o seu papel transformador por atribuírem ao Governo toda a responsabilidade para detectar e resolver os problemas socioambientais. No entanto quanto mais emancipados, maior o entendimento político, maior liberdade e consequentemente participação, que envolve cidadania, ética, justiça, educação popular e movimentos para reduzir a desigualdade e a exclusão sociais (Tristão, 2005, p. 258).

Na *dimensão estética*, Tristão (2005, pp. 259-260) salienta que apesar de reconhecer a necessidade de um resgate sobre uma ideia de Natureza na arte ou nas culturas, o seu foco é a influência dessa dimensão na interação sociedade - natureza, quer dizer, 'formas sensíveis da vida cotidiana':

Os sentidos estéticos da natureza integram a narrativa da arte, da cultura e da educação ambiental e podem ser um mecanismo de contágio de sentimentos ou da emoção vivida em comum. Essa racionalidade estético-expressiva é um dos fios condutores de sensibilidades, de utopias e novas metáforas para reencantar a educação de modo geral.

Uma equipe de pesquisadores apresentou o estado da arte das práticas didático-pedagógicas em Educação Ambiental de 2010 a 2017 na Revista Brasileira de EA (Rodrigues et al., 2019, pp. 11-12) a partir dos critérios criados por Reigota (2017), Loureiro, Layrargues e Lima (2014) e apresentaram dados quanto ao espaço formal e não-formal, quanto às macrotendências citadas anteriormente e em quais níveis educativos foram desenvolvidas, as metodologias usadas, os temas abordados e os grupos sociais envolvidos. Os 645 artigos encontrados, sendo 75% teóricos e 25% trabalhos contendo práticas pedagógicas, foram mapeados por área do conhecimento, por estados e regiões brasileiras, e por produção anual. Eles chegaram à constatação que há uma rica reflexão epistemológica, mas uma certa carência de práticas didático-pedagógicas que reflitam uma EA crítica e emancipatória (p. 26).

Há alguns pontos relevantes na análise de Tristão (2005) que precisamos salientar. Primeiro, a "prisão de um automatismo técnico-científico" da modernidade ocidental que colonizou a satisfação e industrializou o prazer e os tempos livres através da indústria cultural e de uma ideologia do consumismo. (p. 261). Segundo que nessa época de incertezas surge uma "aura estética" ao valorizar a "pulsão comunitária", a "propensão mística" ou a "perspectiva ecológica". O terceiro ponto é que, a utopia recusa fechar o

horizonte de expectativas e possibilidades, a despeito da subjetividade do conformismo diante da degradação ambiental, da decadência social, da erosão cultural e do fatalismo. E por último que tanto o enfoque global (holístico) quanto o pensamento complexo se colidem com as nossas limitações. E assim Tristão (2005) ao falar das dimensões educativa e ambiental nos instiga "concluindo": "Não basta sentir que estamos em crise, que as políticas públicas não atendem às nossas expectativas e que a mercantilização domina o mundo, temos de encontrar alguns pontos de apoio para acreditar na possível mudança". (p. 262).

Essa mudança passa pela formação de comunidades interpretativas a partir de uma abordagem menos exigente e menos dogmática, mais expressiva e mais sensível ao analisar as ações das sociedades em relação ao meio ambiente e deste modo desenvolver trabalhos para um saber solidário de conhecimento-emancipação. Sem verdades eternas, esse conhecimento resulta das interações socioambientais nas multidimensões que inclui a estética, a ética e os afetos (Tristão, 2005, p. 263). Quando Guimarães (2016) apresenta argumentos por uma EA crítica na atualidade, afirma que estamos diante de um paradoxo, pois apesar do evidente espaço que a educação e as temáticas ambientais ganharam nas últimas décadas, a sociedade de hoje ainda degrada o meio ambiente mais do que há 20, 30 anos atrás. E conclui "Parece que essa EA não está sendo eficaz para enfrentar a crise socioambiental que vivenciamos". (p. 15)

Reigota (2010, p. 545) no seu artigo sobre o papel da EA frente aos desafios contemporâneos como os transgênicos, fala sobre a dicotomia entre o natural ser considerado bom e belo e o artificial mau e feio. A partir do pensamento dos filósofos Vattimo e Zuben sugere que mais do que juízo de gosto, essa é uma discussão para o domínio moral ou bioético. Diante de uma população crescente e faminta, ao tecer críticas ao cientificismo aliado ao economicismo, aponta o "princípio da precaução" como o caminho para superar a clivagem natural/artificial em prol da vida. Para sobrepujar os desafios socioambientais é fundamental o acesso à informação e o diálogo entre todos, cidadãos e cidadãs dessa sociedade contemporânea multicultural e democrática. Contudo esse diálogo pode começar por uma experiência estética. No ambiente escolar, Reigota (2017) afirma que "os recursos didáticos mais artísticos e criativos são mais adequados à perspectiva inovadora da educação ambiental". (p. 64)

2.3 Música na Educação Ambiental

Na Arte como na Vida o Bem, o Bom e o Belo se confundem. No entanto, nem tudo que é belo faz bem e é bom, mas normalmente o que é bom e faz bem se torna belo. Ética é um conjunto de regras que orientam nossa relação com o outro e com o mundo em determinada época e cultura, enquanto a Estética é toda criação inspirada nessa realidade que nos sensibiliza para o belo e para o feio.

A Música Popular Brasileira (MPB) com ricas poesias e belas melodias têm emocionado pessoas de muitas gerações ao apresentar questões ambientais, ao representar as forças e elementos da “Natureza”, ao descrever ecossistemas e a vasta biodiversidade desse país. As multidimensões – ética, estética e os afetos – abordadas por Tristão e citadas no capítulo anterior norteiam a apreciação de alguns exemplos, onde a música é uma ferramenta de educação, reflexão e emoção ao trazer à tona as questões relacionadas à identidade cultural, política e desafios socioambientais.

A Educação é, sem soma de dúvida, uma das áreas que requer séria revisão após a pandemia, começando por nos situarmos na urgência de educarmos para vida, para uma ética profunda da felicidade e do cuidado consigo, com o outro e com o mundo. (Marques & Dias-Lima, 2020, p. 26)

Apesar do recorte temporal dessa investigação ser de 1970 até 1992, a dissertação foi escrita no contexto da pandemia do Covid-19 que gerou reflexões dos pesquisadores da Ecologia Humana e de diversas áreas do conhecimento. Por isso um dos trabalhos encontrados no momento tratava-se da importância da música como instrumento de Educação Ambiental em uma perspectiva crítica e emancipatória diante de um cenário de crise de saúde mundial. Os pesquisadores, autores deste artigo, concluíram que a música, usada na sua plenitude, através da letra, ritmo, sons e lugares, além de propiciar qualidade emocional, tem a capacidade de transformar e ampliar a percepção do indivíduo sobre si, sobre o outro e sobre o ambiente (Araújo, Abdo, Oliveira, & Matias, 2020, p. 212).

Como disse Tristão o reencantamento do tema ecológico passa pela dimensão estética e a música entre outras artes tem apelo às emoções. Se essas canções estiverem aliadas a imagens que interpretam o discurso literomusical¹³ como vídeoclipes, um dos recursos da Educomunicação¹⁴, as identidades ou *topofilia* se fortalecem. É o caso do uso

¹³ Definido por Costa (2003, p. 17) como discurso composto por materialidade verbal e materialidade musical.

¹⁴ Por se tratar de uma interface Comunicação/Educação, essa prática cria e fortalece ecossistemas comunicativos abertos e democráticos onde os sujeitos sociais se apropriam das linguagens e tecnologias para refletir, expressar e agir local e globalmente (Oliveira, 2020, p. 3).

da música amazônica para valorização de atividades extrativistas não madeireiras e agricultura familiar de comunidades ribeirinhas, projeto desenvolvido por Oliveira (2007, p. 11) na Embrapa. Oliveira argumenta que o uso da música popular na prática pedagógica é bastante conhecido, principalmente na educação infantil, entretanto experiências com grupos comunitários comprovam que além de aprimorar a criatividade, a sensibilidade e a inteligência, a música cria laços entre as pessoas e estimula a participação de todos em um contexto socioambiental (p. 4).

Desde a Doutrina do Ethos Musical dos filósofos gregos que envolve o uso da música nas diversas situações como a saúde e o desenvolvimento cognitivo (Silva 2019, p. 111) até os crescentes estudos de neurocientistas sobre a classificação e o reconhecimento de padrões cerebrais decorrentes da experiência musical (Weingartner, 2019, p. 16), há um consenso de que "a música articula a vida social e a vida social articula a música" (DeNora, 2004, p. 5). A neurocientista, cantora e compositora Weingartner (2019, p. 16) ao elencar alguns argumentos de estudiosos sobre as funções sociais da música, destaca o estímulo à interação com os outros provocando emoções como compaixão, alegria, angústia e empatia que podem influenciar decisões sociais de um grupo. As funções da música e a natureza da canção serão aprofundadas em outro capítulo, mas consideramos a colocação do professor Reigota (2017, p. 64) que entre os recursos didáticos, as artes plásticas, a literatura, o cinema e a música, especificamente, têm contribuído muito com a EA, além de oportunizar "o intercâmbio de interesses musicais e estéticos entre gerações quando os preconceitos são desconstruídos".

O GEASur¹⁵, Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, vem realizando diversas ações com comunidades "periféricas" e tradicionais como favelas, quilombolas e indígenas. Em 2019 houve o 3º curso de extensão com o tema "Educação Ambiental de base Comunitária e Ecologia Política na América Latina" que ambicionava aproximar a Cidadania à Sustentabilidade respeitando e acolhendo a diversidade socioambiental dessas comunidades. No encerramento do curso em 2018 teve a apresentação do "Samba em Resistência" cujo objetivo era propor reflexões em torno da cultura negra e os ataques racistas ao Samba. O samba, gênero musical símbolo da cultura brasileira, muitas vezes expressou a resistência às violências sociais que marginalizavam o povo afrodescendente.

¹⁵ www.geasurwordpress.com (Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur – UniRio)

Outro ponto alto do curso foi uma exposição da arte que emerge das apreciações históricas em torno da relação homem/mulher latino-americano e os sentimentos de territorialidade, pertencimento e exclusão. Explicam Bevilaqua e Sánchez (2018)

As obras procuram dar visibilidade às singularidades e mistérios de criações espontâneas e de expressões culturais sobreviventes, comumente silenciadas ou ignoradas, propondo, não somente um momento de fruição e de sentido estético, como também a percepção de uma disposição da arte em fugir ao distanciamento de uma autonomia formal e passar a um estado socialmente engajado e conectado a uma prática pedagógica crítica e transgressora, que rearticula as relações interculturais e ambientais no cenário latino americano.

Outro projeto de investigação que alcançou essa memória cultural afetiva, muitas vezes esquecida, foi o *"Música no Varal - a educação para sustentabilidade na/para Amazônia"*. Um projeto apresentado no Congresso Ibero-americano de Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação em 2014 que foi realizado a partir do tema “energia e sustentabilidade” na formação de alunos de licenciatura em Ciências (Física, Biologia e Química) da Universidade Federal do Pará com o uso da canção "Saga da Amazônia" de Vital Farias (1979). Ao problematizar o ensino de Ciências, os quatro investigadores (Fonseca Neto, Silva Freitas, Silva e Freitas, 2014) salientam a desmotivação presente na sala de aula pois os alunos não veem "aplicabilidade" nos conhecimentos transmitidos, e esse desinteresse contribui para "ambientes indisciplinados" que interferem negativamente na atuação do professor. (p. 4) O método pesquisa-ação foi empregado e a atividade "Música no Varal" possibilitou discussões sobre sustentabilidade, onde os jovens estudantes puderam relacionar os trechos da música às suas experiências nas comunidades de onde vieram numa relação teoria-cotidiano-ação (Thiollent, (2008) citado em Fonseca Neto et al, 2014, p. 13).

Como na estrutura da canção, a letra tem papel determinante, muitos projetos pedagógicos usam essas poesias para atividades de interpretação de texto e diálogo sobre algum tema específico com os alunos da disciplina de Língua Portuguesa. O projeto realizado pela professora Olga Kirylko (2014) no Colégio Estadual Unidade Polo no Paraná tinha o objetivo de estimular a leitura e as interações sociais com o uso de canções e vídeos como foi registrado também nas experiências de Oliveira (2007) na EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa em Agropecuária) do estado de Rondônia. Esse projeto da professora Kirylko, uma espécie de guia ou unidade pedagógica, propõe novas práticas de ensino-aprendizagem relacionadas ao gênero canção em mídias como instrumento de

leitura crítica e compreensão. Os elementos envolvidos nesse processo de previsão e inferência contínua, foram *o texto*, sua forma e conteúdo, e *o leitor*, suas expectativas e conhecimentos prévios em uma dinâmica entre aprender a ler e ler para aprender (Kirylo 2014, p. 4).

Já N. B. Costa (2003, p. 9) fez uma Análise do Discurso sobre a canção popular no ensino da língua materna para, entre outros objetivos, entender melhor esse gênero no contexto pedagógico e descortinar as diferenças e semelhanças entre a poesia e a canção. Ele defende que a Música Popular Brasileira passou a ser muito adotada no ensino de diversas disciplinas, não só por praticidade e deleite, mas por ter se tornado um elemento de identidade cultural. O investigador usou como base as teorias do discurso desenvolvidas por Dominique Maingueneau, para o qual o discurso ou *prática discursiva* é "um conjunto de regras anônimas que regula o quê e como se deve e/ou não se deve dizer algo em uma dada conjuntura". Essa atividade discursiva está inserida em um grupo ou *comunidade discursiva* que gera e organiza os textos. Assim esclarece N. B. Costa (2003, p. 11):

Desse modo, o discurso não é visto como um texto, mas como uma atividade inscrita em uma dinâmica social onde há uma imbricação entre este e seu processo de produção/circulação. Os textos produzidos em uma prática discursiva pressupõem uma organização social que só existe em função dessa prática. Eles implicam uma inscrição: não é qualquer falante que pode enunciar nesse lugar, ele precisa ser dotado de competência e autoridade enunciativa. Eles implicam igualmente um posicionamento: uma inserção em um percurso anterior ou a fundação de um percurso novo no interior de um espaço de conflito.

Apesar das limitações em enquadrar a canção nos parâmetros curriculares nacionais como desejava N. B. Costa (2003, pp. 18-30), através da sua investigação, cria-se o espaço de interdiscursividade entre o discurso literomusical brasileiro e os discursos pedagógico e científico, colocando a canção brasileira como um dos gêneros mais trabalhados em sala de aula para prática de escuta, leitura e produção de textos, especialmente no ensino para o público jovem. A canção é um gênero complexo devido a sua materialidade verbal e materialidade musical. Apesar de muitas vezes na prática pedagógica se privilegiar o texto, a letra de música e a poesia possuem suas especificidades. Costa destaca que mesmo existindo certa confluência entre os dois textos, a letra da canção tem forte relação com o discurso coloquial e o canto, uma espécie de refinação da fala, seria sua extensão estética.

Tal complexidade guiou a investigação de Coelho de Souza (2010) ao considerar a canção como uma "constelação de gêneros" a partir do conceito de gênero do discurso de Bakhtin, onde "toda linguagem reflete seus propósitos e as condições específicas das diferentes esferas da atividade humana onde são produzidas". (p. 124) Os propósitos e as condições identificam os gêneros discursivos que se organizam desde o contexto privado aos mais públicos. No entanto apesar de relativa estabilidade, esses gêneros permitem adaptações contínuas porque as atividades humanas são dinâmicas. O autor destaca que "cada enunciado proferido renova o gênero ao qual pertence" e assinala os três elementos que o identificam em determinada esfera da atividade humana: o estilo, a construção composicional e o conteúdo temático. Baseado nesses três elementos, ao relacionar as interfaces verbal e musical, o autor identifica a canção como uma constelação de gêneros a partir de estudos da Linguística, Musicologia e Comunicação Social.

Como toda enunciação¹⁶ é uma resposta a alguma coisa, a canção como enunciação, é também um elo dos atos de fala formada por uma materialidade verbal – a letra inspirada em carta, notícia, diálogo, poesia – e por uma materialidade musical formada por melodia, ritmo e harmonia. A canção "*torna-se um ponto de encontro entre sujeitos e entre suas visões de mundo, tendências e tensões. A canção realiza diálogos, simula a realidade e a cultura por meio da alternância de vozes dos sujeitos de seus discursos.*" (Paula, 2008 citado em Coelho de Souza 2010, p. 126). A canção no contexto da EA crítica também se torna um elo entre o discurso e a 'realidade' cultural / socioambiental.

Uma investigação de análise de conteúdo temático desenvolvida em 2016 tinha a pretensão de perceber as noções de meio ambiente existentes em 21 canções inéditas que participaram do 15º Festival da Canção Ecológica de Guarapuava, estado do Paraná (Brasil). Foram 21 colégios (4 instituições particulares e 17 do ensino público) envolvendo diretamente no processo 49 estudantes do ensino médio (Duarte, Heerdt, Soldan, Procidonio, Costa, & Grofoski., 2016, p. 64). Como a composição musical é um processo criativo que resulta das diversas influências histórico-sociais, esses estudantes através das suas músicas demonstraram suas preocupações com a crise ambiental. Entretanto, os pesquisadores a partir dos dados analisados, constataram que

¹⁶ Retirado de <https://dicionario.priberam.org/enuncia%C3%A7%C3%A3o> Enunciação para Lógica é uma proposição afirmativa ou negativa, na Filosofia é o conjunto dos termos de uma proposição e em Linguística trata-se de uma produção individual, através da língua, de um texto ou enunciado, em determinado contexto, dirigido a um interlocutor.

predominaram nas canções, uma leitura biologizante, antropocêntrica ou reducionista. Então uma das conclusões apresentadas é que se faz necessário uma EA numa perspectiva crítica, transformadora, emancipatória, reflexo dos conflitos socioambientais (p. 74) para que os estudantes percebam a complexidade das questões ambientais. Outra conclusão é a importância da música na vida dos jovens, principalmente como um excelente instrumento para reflexões ambientais (p. 75).

O projeto de extensão "Preserve o Planeta Terra" (Silva et al., 2011 p. 31) realizado por docentes e graduandos da Universidade do Estado de São Paulo - UNESP, campus de Rio Claro (Brasil), desenvolveu através da música os temas desmatamento, os 3Rs (reduzir, reutilizar, reciclar)¹⁷, ciclo da água, natureza e cidade com crianças de 7 a 13 anos de bairros periféricos. Essa experiência surtiu um efeito muito positivo no interesse, compreensão e fixação de conhecimentos e conteúdos beneficiando a interação dos alunos e a construção de valores importantes da EA. Traçando um paralelo com o projeto "Música no Varal" sobre o desafio de manter o interesse dos alunos sobre temas relacionados ao ensino de Ciências, entre eles as questões ambientais, o resultado do projeto "Preserve o Planeta Terra" possibilitou aprofundar e ampliar o conteúdo, como também as crianças ficaram menos agitadas e empenhadas em trabalhar em grupo.

Outro projeto realizado dessa vez em Parobé - Rio Grande do Sul (Brasil) em 2010, também buscava alguma inovação nas práticas de EA através da música. Essa pesquisa-ação aconteceu dentro do projeto de Apoio Sócio Educativo em Meio Aberto (ASEMA) e a monografia trazia conceitos relevantes sobre as questões ambientais, a importância da EA e a interdisciplinaridade. Ao documentar as diversas etapas, enfim avaliou-se positivamente o potencial do projeto para consolidação de uma EA desde a infância para protegê-la da alienação e massificação das sociedades modernas, favorecendo a formação de futuros cidadãos mais sensíveis aos problemas ambientais. Alves (2010) concluiu que para transformar o paradigma cultural é fundamental "um processo educativo inovador, criativo e que contemple o ser humano em sua totalidade a partir de uma prática educacional responsável e comprometida com a mudança, e onde o ato de aprender seja algo prazeroso". (p. 50)

Até então, nesse capítulo, encontramos a ideia de que canção é um discurso complexo e uma ferramenta de grande potencial para educação em geral e no caso

¹⁷https://dgi.unifesp.br/ecounifesp/index.php?option=com_content&view=article&id=10&Itemid=8

específico dessa investigação, já utilizado positivamente na EA. Entretanto para além da materialidade verbal e materialidade musical, há valores e afetos. Arroyo (2005, p. 17), baseada na sociologia da música de Tia DeNora, empreende uma pesquisa etnográfica com 80 adolescentes, estudantes de 5ª à 8ª série de uma escola rural em Uberlândia - Minas Gerais (Brasil), onde se implementava educação musical com música popular. Ela colocou em prática o referencial teórico multidisciplinar da autora inglesa Tia DeNora, com o objetivo de superar a falha entre estrutura e sentimento, em outros termos, as propriedades da música e os afetos que surgem na interação humano e música (2005 p. 22). Arroyo (2005) salienta:

Compreendo as situações de ensino e aprendizagem musicais, sejam formais ou informais, como situações de prática musical, já que na ação de ensinar e aprender música, o ouvir, o executar cantando, tocando ou dançando, o criar e o pensar sobre música estão presentes. Entendo também que essas situações são densas afetiva, corporal, psicológica e cognitivamente. (p. 26)

O papel da música analisada na "Floresta do Lobo" (Arroyo 2005, p. 25) mostrou uma plena identificação simbólica e afetiva, o que coaduna com o artigo de Torres (2011) "Tambores, rádios e vídeoclipes: Sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades". Torres (2011) coloca que

a cultura, a paisagem, os territórios e os lugares concedem as bases para a construção musical, que em diferentes contextos assimilou os sons presentes no espaço ao ponto de alterar a forma de pensar e fazer música", quer dizer, "a música é uma imagem de coisas. (p. 76)

Então Torres (2011, p. 77) discorre:

Dessa forma, a música, forte influenciadora e propagadora de identidades, formadora de territorialidades, atrelada à indústria fonográfica e mais recentemente à indústria audiovisual, passou a influenciar um contingente maior de pessoas nas mais diversas partes do mundo, numa profusão de sons, culturas e territórios, com as mais diferentes paisagens, geralmente atreladas não só aos estilos musicais, mas também às ações dos grupos.

Se o ser humano está inserido em uma ou várias paisagens sonoras, há uma fenomenologia da percepção ambiental. A partir de pensadores da teoria estética, principalmente Merleau-Ponty, Marin e Pereira (2009, p. 402) escreveram sobre como os modos de viver da atualidade dessensibilizam os sentidos. Como a percepção é a base dos processos criativos, questionam a ausência de integralidade do modelo científico quando

separa corpo de consciência. Então desenvolveram suas análises a partir desses conceitos: que "*a ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las*" (Merleau-Ponty, 1984 citado em Marin & Pereira, 2009, p. 406); que devido à padronização dos ambientes modificados, perdemos "os espaços de nossa felicidade" (Bachelard, 1993 citado em Marin & Pereira, 2009, p. 408); e que os altos índices de estimulação geram quadros de ansiedade, estresse e depressão, demonstrando a necessidade de experiências de rupturas como Vida nos Bosques (Thoreau, 1984 citado em Marin & Pereira, 2009, p. 408); e conclui com a *doutrina do ethos*, onde na antiguidade a música era considerada uma forma de expressão capaz de mudar o estado físico-emocional do homem, como um meio de influenciar a sua moral (Marin & Pereira, 2009, p. 412).

Os investigadores pretendiam nos despertar para o potencial da música para nos libertar do caos sonoro e da dessensibilização dos modos de viver moderno carregados de estímulos e necessidades artificiais. Pode-se então, após discorrer por todas essas experiências, vislumbrar a música no ensino da educação ambiental crítica visto que através da experiência estética pode-se criar novos modos de viver e de se relacionar com o ambiente, com o corpo, com o outro (Marin & Pereira, 2009, p. 413). Ou seja, a EA como um meio de despertar o Eu Musical e permitir ouvir as vozes da Natureza.

3 A NATUREZA COMO CONCEITO E SENTIDO

A Natureza existiria sem o ser humano, mas o ser humano depende completamente da Natureza e está imerso no ambiente, seja ele modificado ou não. Desde os primórdios atribuiu-se à Natureza interpretações e significados. Tudo que nos alimenta e nos mantém vivo vem da Natureza, começando pelo próprio ar que respiramos. Então para entender melhor essa visão de Natureza, tomamos como referência básica os seguintes textos: a introdução da obra *História da Ideia de Natureza* do francês Robert Lenoble escrito na metade do século XX; o texto *O conceito de Natureza na história do pensamento ocidental* do filósofo Thomas Kesselring escrito em 1990, durante sua visita ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e o texto *Redescoberta da Natureza* de Milton Santos, da aula magna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP em 1992. Eles fazem um apanhado da visão da Natureza ao longo da história e das diversas correntes filosóficas que caracterizaram a cultura ocidental.

Textos, matérias e artigos recentes, nomeadamente: A Encíclica do papa Francisco sobre a Casa Comum (2015, p. 32); Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais de Dulley (2004, pp. 16-17); Convenção sobre Diversidade Biológica 2000 - Ministério do Meio Ambiente do Brasil (p. 8); As três ecologias de Guattari (2012, p. 52); Educação Ambiental: origem e perspectivas de Ramos (2001, pp. 207-211); Da Ecologia geral à Ecologia Humana de F. Carvalho (2007, pp. 128 e 132) entre outros, a Natureza aparece predominantemente na perspectiva dos serviços ecossistêmicos e como pauta importante dos governos, organizações e instituições, e nos veículos de comunicação. Enfim, uma Natureza mais relacionada ao conceito de meio ambiente, fonte de recursos necessários para salvar o homem "civilizado" pós-industrial de si mesmo (Dulley, 2004, pp. 20-21).

A representação simbólica do meio ambiente é o resultado de uma trajetória histórica que depende não só das condições materiais que cercam cada indivíduo, mas também de conhecimentos e conteúdos afetivos, éticos, ideológicos, filosóficos que condicionam a sua própria percepção. (Ramos, 2001, p. 212)

Também foi traçado um paralelo entre os autores anteriores e o artigo de Carvalho e Steil (2013) sobre um resgate do sentido da Natureza mágica. E por último, a Natureza na poesia *O Amor* de Maiakóvski (1923) que Caetano Veloso transformou em uma canção interpretada em 1981 pela cantora Gal Costa. Uma canção que pelo seu conteúdo

temático e referencial histórico demonstra aptidão para práticas de EA e sensibilização para um mundo melhor pois como analisa a mestre e doutora em Literatura em Sorbonne, Larissa Drigo Agostinho¹⁸: "*Maiakóvski cantava o amor como quem canta a revolução, escrevia sobre o amor como quem ansiava desesperadamente por uma nova forma de viver*".

3.1 Uma ideia de Natureza

O fato é que a Natureza não mudou, nós é que mudamos a nossa relação com ela de acordo com as necessidades ou ideologias dominantes em cada época. Os “primitivos” tentavam entender a vontade dos deuses nos fenômenos naturais como os raios, trovões, vulcões, nas águas dos rios e dos mares. Os gregos percebiam uma hierarquia de formas organizadas (Aristóteles). Já os Modernos, especialmente Descartes, transformaram tudo em número e movimento. A Ciência ao desvendar a Natureza pretendia controle, previsibilidade e domínio (Dulley, 2004, pp. 16-17). E o ser humano moderno, habitante das cidades, cada vez mais protegido e asséptico, se afastou da Natureza considerada selvagem, para reencontrá-la em imagens distantes na mídia, as vezes como Natureza espetáculo ou em atividades lúdicas na Natureza mágica. Sem vínculos e sem culpas (Carvalho & Steil, 2013, p. 110).

Durante muito tempo a Natureza incluindo o ser humano era considerada criação de Deus. E como causa primeira de todas as coisas, até Newton acreditava que esse Deus poderia mexer nas engrenagens para colocar os planetas nas suas respectivas órbitas (Kesselring, 2000, p. 160). Entretanto, o próprio Homem que antes se encontrava dentro da Natureza, na idade Moderna, assume um papel quase divino e dominador. A Natureza passa a ser objeto da Ciência e manipulação humana.

Entretanto, a Natureza vai além da sua funcionalidade e não é espaço exclusivo dos sábios. A Natureza fala aos artistas e poetas como inspiração. Fala aos religiosos como adoração. Fala aos doentes como cura. No século XIX, a *Naturphilosophie* alemã atualizou o tema da Mãe Natureza que muitas vezes sustenta a vida, mas outras tantas vezes também a ameaça (Lenoble, 1969, p. 29). Assim no evolucionismo de Darwin e na ecologia de Haeckel, descobre-se que o sobrevivente não é o mais forte, mas sim o que melhor se adapta. Para esse conceito, concorrência e exploração aparecem legitimadas

¹⁸<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/02/maiakovski-cantava-o-amor-como-quem-escrevia-a-revolucao.shtml>

pela própria Natureza. Quanto mais se manipulava a Natureza, mas inquietante e impotente se tornava a posição do sujeito individual diante dos acontecimentos econômicos e históricos. Assim, nesse contexto de crise ambiental, pergunta Santos (1992): "Sem dúvida, pode-se imaginar um ser no mundo, mas pode-se pensar que há um ser total em um mundo global?" (p. 98)

Sob o ponto de vista unilinear e lógico do conhecimento da Natureza, Lenoble (1969, p. 31) afirma que para pensar a Natureza se faz necessário recuperar a Unidade apesar dos diversos valores que ela possui. A ciência é um desses valores, mas há a moral, a estética, o social. Santos (1992, p. 97) afirma que a mundialização do Planeta unificou a Natureza pois o Homem se tornou um fator geológico, geomorfológico, climático ... Como a ação antrópica tem efeitos continuados, cumulativos, o modelo de vida das sociedades modernas vem gerando graves problemas de relacionamento entre nós, humanos e a Natureza. Porém em alguns aspectos, a Natureza se encontra unificada pela história, em benefício de firmas, estados e classes hegemônicas (Santos, 1992, p. 98). Em síntese, Homem e Natureza não são mais amigos.

A espécie humana, dotada de inteligência, se relaciona com a Natureza a partir de conhecimentos, valores, crenças e objetivos conscientes na sua época e cultura. Esse ser racional é capaz de pensar, planejar suas ações e desenvolver competências. No entanto, mesmo com toda essa capacidade de compreender cientificamente a Natureza, em pleno novo milênio, a humanidade ocidental capitalista é considerada a maior culpada pela degradação e desequilíbrio ambientais que ameaçam o futuro da vida no planeta Terra. A supremacia da tecnologia e da dominação é tão grande que mesmo com campanhas a favor da PAZ, há ainda no mundo mais do que 50.000 cargas explosivas atômicas postas à disposição. Um planeta de 4,5 bilhões de anos com toda sua diversidade pode desaparecer "graças à arte primitiva de apertar um botão", como podemos ler no Discurso de Gabriel García Marquez no *Encontro Internacional sobre Paz e Desarmamento* no México em 1986 no "aniversário" da bomba de Hiroshima citado por Kesselring (2000, p. 169)

Estamos diante de uma situação única na história da Cultura, onde âmbitos da técnica e da Natureza começam a se confundir e produzem processos que até então nunca ocorreram na Terra, a exemplo: bactérias ou organismos construídos pela engenharia genética, produção de uma série de isótopos radiativos, estilo de vida e relações humanas permeadas majoritariamente pelas novas tecnologias (Kesselring, 2000, p. 167).

Ocupando e explorando a Natureza, o ser humano moderno vive como se estivesse fora dela.

Para Milton Santos, a técnica¹⁹ que no passado era submetida, hoje se impõe graças aos principais atores da economia e da política. Não existe mais uma Natureza servil e sim um homem escravizado, onde o imperativo da competitividade em uma carreira sem destino, dissocia ação de moralidade. Inclusive o ambiente acadêmico reproduz essa ordem mundial diante de "uma gestão técnica e racionalizadora que leva ao assassinato da criatividade e da originalidade"(1992, p. 103).

É urgente uma nova visão de Natureza. Mais ECO, menos EGO. A economia não poderá permanecer como um fim em si mesma, e assim se submeter ao objetivo da preservação da vida no seu sentido mais amplo. A beleza e a riqueza estão na diversidade. O humano consciente é aquele que reconhece o seu papel, mas acima de tudo a sua dependência dos sistemas naturais. O "liberalismo" e a filosofia do mais forte precisam ser substituídos por cooperação, criatividade e flexibilidade (Kesselring, 2000, p. 171). Afinal, por mais que os estudos apontem um futuro sombrio para Humanidade, a Natureza nos prova todos os dias o significado de resiliência e esperança.

3.2 Natureza mágica e Natureza imaginação

Lenoble (1969) questiona nos primeiros parágrafos do primeiro capítulo: "Mas quando foi então a magia ultrapassada, e, aliás, onde é que ela para?" (p. 35). E depois ele ainda complementa que essa magia no fundo desempenha um papel nas mentes mais racionais ao ponto de orientá-las nas diversas buscas do pensamento. Ele continua "A causalidade mágica regula não apenas as relações dos fenômenos entre si, como as suas relações com os homens e as relações dos homens com os outros" (p. 35). Assim depois da fragilidade técnica e científica em garantir a felicidade para as comunidades urbanas ocidentais, o retorno para essa "Natureza Mágica" ganha novas proporções.

Atualmente a Natureza se tornou um caminho de reencontro com o sagrado perdido. Carvalho e Steil (2013, p. 105) observam esse movimento na prática e na narrativa dos sujeitos humanos do século XXI que resulta de certo desencantamento do mundo no Ocidente. Um movimento de naturalização do humano que enaltece e sacraliza

¹⁹ Professor Milton Santos, reconhecido geógrafo e investigador, escreveu no livro "A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção" - EdUsp, todo o primeiro capítulo dedicado às diversas definições de 'técnica' no universo da Geografia (2008, pp. 28-59).

a Natureza propondo um novo *horizonte imaginativo*. Assim eles definem horizonte imaginativo ao citar Charles Taylor (2002, p. 105):

Designa principalmente os modos pelos quais as pessoas imaginam suas existências sociais, como elas ajustam-se com as outras, como as coisas acontecem entre elas e seus semelhantes, as expectativas que normalmente são encontradas e as noções, imagens e normas mais profundas que sublinham essas expectativas.

Nesse momento de crise ambiental e “sociedade de risco”, não se faz necessário uma rivalidade entre Natureza mágica e Natureza racional. Santos (1992, p. 96) cita Bergson (1907) afirmando que “a magia, o poder de fabulação é uma necessidade psicológica, tal como a razão ...” E se Lenoble diz que a consciência mágica é uma consciência de temor, Santos (1992, p. 101) completa que antes a Natureza criava o medo, hoje é o medo que cria uma Natureza mediática e falsa. E ele continua, o medo e a fantasia sempre povoaram o espírito humano, agora industrializados, eles invadem todos os momentos e recantos a serviço do mercado e do poder.

Kesselring (2000, p. 163) define três fatores determinantes para transformação do conceito de Natureza e dos processos naturais no século XIX:

1. a aceitação geral da Teoria da Evolução
2. o descobrimento do acaso nas teorias sobre a natureza
3. a segunda lei da Termodinâmica

A Teoria da Evolução confirma que o Homem apesar de ser um produto da Natureza está fora dela. A entropia e a imprevisibilidade dos acontecimentos naturais inspiraram pesquisas científicas mais profundas enquanto confirmavam a fragilidade humana. O ambientalista José Lutzenberger, citado no texto de Kesselring (2000, p. 168), salienta que o brasileiro urbano não tem mais relação alguma com a Natureza e segundo ele, essa perda é uma das raízes espirituais da destruição da Natureza. O resgate desse contato é uma questão cultural importante para um viver sustentável.

O descrédito científico e tecnológico para solucionar os problemas ambientais reforçou o mal-estar das mentes e corpos citadinos que em contato com a Natureza selvagem poderiam fazer as pazes com ela e reforçar seu papel ético e estético (Carvalho & Steil, 2013, p. 106). A Natureza tem uma forte componente moral que inspirou até os Direitos Humanos que seriam os direitos que competem *por natureza* a todo indivíduo da

espécie. E uma componente estética, pois a Arte deveria imitar a Natureza (Kesselring, 2000, p. 158).

A biologia da conservação reitera a cisão do mundo humano em relação à Natureza. Uma espécie destruidora que busca elevação, purificação, restauração e cura nessa mesma Natureza transformando o Deus cristão onipotente em um deus ecológico imanente. A ecologia como horizonte imaginativo vem alimentando um vazio existencial numa sociedade definida como pós-religiosa ou pós-secular. É a emergência de outro Deus que se expressa nas diversas formas de vida no planeta (Carvalho & Steil, 2013, p. 111).

Os ideais do bem viver ecológico possuem uma estética própria, como valores éticos e morais que reverenciam a Natureza vivenciados em experiências pessoais, sem dogmas, sem regras, sem protocolos. A Natureza surge nesse contexto como parte importante de uma narrativa de restauração do si e reencontro com o real valor da vida. Nesse movimento de transcendência, saúde, bem-estar, cura de si, cura do planeta, prazer estético e integridade moral, há a negação de um *status quo* imposto pela cultura do consumo, da competitividade cruel, do estresse, da poluição, das doenças emocionais e má qualidade de vida, da degradação e irresponsabilidade ética e moral (Carvalho & Steil, 2013, p. 115).

Encontramos em Lenoble (1969) uma interessante reflexão: "E há sempre a poesia." Lenoble explica através do juízo estético de Kant como "a impressão da Natureza entrando de livre vontade nos modos da nossa sensibilidade, isto é, a alegria de um acordo espontâneo e místico entre nós e as coisas." (pp. 36-37). Ainda completa que esse sentimento de harmonia é o que nos mantém vivos, o que ocupa um lugar infinitamente maior que as preocupações científicas. E fazendo uma comparação entre os países de economia liberal e os países marxistas, afirma que nada pode acabar com esse sentimento de harmonia. Só a arte pode compensar a mecânica, e Lenoble (1969) cita Pascal (1623-1662) "não há grande 'sábio' que não tenha cantado a beleza da ciência e a poesia das grandes hipóteses". (p. 37) E conclui com Einstein (1949): "a coisa mais bela que podemos experimentar é o lado misterioso da vida. É o sentimento profundo que se encontra na origem da arte e da ciência verdadeira". (p. 37)

3.3 Natureza possível

"A noção de natureza tem tido um papel importante na filosofia e também, na Educação Ambiental" (Reigota, 2010, p. 539). E ao apreciar a evolução do pensamento ocidental em relação à Natureza, entende-se que a Natureza Mágica de fato foi a base para as experimentações científicas para além do valor funcional e primário da manutenção da vida. Para lá da ciência, há ainda a Natureza como inspiração dos artistas e poetas, e o divino ecológico que surge da Natureza no horizonte imaginativo de grupos de pessoas que buscam atualmente 'vivências' em ambientes naturais ou pouco modificados. Kesselring (2000, p. 154) abordou quatro aspectos:

1. o lugar do Homem na Natureza;
2. a atitude (*praxis*) humana em relação à Natureza;
3. a autoconcepção das Ciências Naturais;
4. o triângulo Deus-Homem-Natureza;

O autor pretendeu assim demonstrar a dinâmica dessa relação ser humano - Natureza nos diversos momentos da evolução. Inicialmente vê-se na Natureza o medo e a magia, depois a experimentação e o controle, até finalmente ter a consciência da dependência dos sistemas naturais e a imprevisibilidade dos fenômenos naturais. O estágio atual é de 'certa' impotência individual diante de fatos globais como: as mudanças climáticas, a poluição dos mares, a redução da biodiversidade, o lixo espacial, a intoxicação química em diversos pontos do planeta, as doenças em animais e pessoas que desafiam a indústria farmacêutica, as implicações incertas do uso de transgênicos, os efeitos nocivos indeterminados de uma vida pautada nas novas tecnologias ... e a lista das consequências do modo de vida urbano e da tecnologia industrial que continua a crescer. O fato é que o desenvolvimento pautado em produção e aquisição indiscriminada de bens de consumo é insustentável para a manutenção da vida na Terra.

Como estabelecer uma estratégia de educação ambiental eficiente o bastante para tocar as pessoas no seu cotidiano estressante, principalmente nas cidades? Como sensibilizar mentes tão ocupadas em sobreviver na competitiva selva de pedra sem uma abordagem sensacionalista da Natureza Mediática (Santos, 1992, p. 101)? Como não cair na tentação de reproduzir o velho modelo de progresso apenas maquiando produtos para lhes atribuir o certificado verde (*greenwashing*)? O analfabetismo ecológico e a ausência de princípios morais ainda continuam causando grandes estragos. Talvez tenhamos que apelar para os sentimentos, para as emoções, para o divino ecológico (Carvalho & Steil, 2013, p. 113) através da arte.

A magia forma uma concepção de Natureza, e essa Natureza tem as suas 'leis' e o conhecimento dessas leis dá-nos uma ciência certa e eficaz, pelo menos no sentido de ninguém duvidar das suas bases e de multidões inteiras, doentes curados, possesores libertos, artesãos dos metais e fabricantes de tintas 'verificarem' todos os dias o seu valor (Lenoble, 1969, pp. 48-49).

O lógico jamais reconheceu essas leis e sempre as desqualificou. Tornou-se crucial uma certa hostilidade contra a ciência e a técnica, para que a Natureza mágica fosse reapropriada em novos moldes porque o sentimento de harmonia, inerente à condição humana, ultrapassa as ambições científicas e extrapolam as nossas diferenças. Vejamos a poesia O AMOR de Maiakovski numa adaptação musical de Caetano Veloso, interpretada pela cantora Gal Costa em 1981. O russo Vladimir Maiakovski (1893-1930) foi considerado "o poeta da Revolução". Nessa poesia ele fala da ressurreição e superação das carências humanas que hoje sabemos, nem o liberalismo econômico, nem o comunismo conseguiram solucionar. E termina a poesia propondo uma família mais humanidade, sem fronteiras para o verdadeiro amor, onde o pai poderia ser pelo menos o Universo, e a mãe no mínimo a Terra.

"Não quero mais viver num mundo de mortos, prefiro morrer antes", Maiakovski.

Só a arte e a Natureza podem vencer o vazio da vida moderna porque o mundo humano só muda se mudarem os valores individuais. "Nós somos a mudança que queremos no mundo" (Gandhi).

O poema

O AMOR (Vladimir Maiakovski, 1923)

Um dia, quem sabe,
Ela que também gostava de bichos,
apareça numa alameda do zoo,
sorridente,
tal como agora está no retrato sobre a mesa.
Ela é tão bela, que por certo, hão de ressuscitá-la
Vosso Trigesimo século ultrapassará o exame de mil nadas,
que dilaceravam o coração.
Então, de todo amor não terminado
seremos pagos em enumeráveis noites de estrelas.
Ressuscita-me,
nem que seja porque te esperava
como um poeta,
repelindo o absurdo cotidiano!

Ressuscita-me,
nem que seja só por isso!
Ressuscita-me!
Quero viver até o fim que me cabe!
Para que o amor não seja mais escravo de casamentos,
concupiscência,
salários.
Para que, maldizendo os leitos,
saltando dos coxins,
o amor se vá pelo universo inteiro.
Para que o dia,
que o sofrimento degrada,
não vos seja chorado, mendigado.
E que ao primeiro apelo:
– Camaradas!
Atenta se volte a terra inteira.
Para viver
livre dos nichos das casas.
Para que doravante
a família seja
o pai,
pelo menos o universo;
a mãe,
pelo menos a terra.

A canção

O AMOR (Caetano Veloso, 1981)

Talvez, quem sabe, um dia
por uma alameda do zoológico
ela também chegará
ela que também amava os animais
entrará sorridente assim como está
na foto sobre a mesa
ela é tão bonita
ela é tão bonita que na certa eles a ressuscitarão
o século trinta vencerá
o coração destroçado já
pelas mesquinhas
agora vamos alcançar tudo o que não podemos amar na vida
com o estrelar das noites inumeráveis

ressuscita-me
ainda que mais não seja
porque sou poeta
e ansiava o futuro
ressuscita-me
lutando contra as misérias do cotidiano
ressuscita-me por isso
ressuscita-me
quero acabar de viver o que me cabe
minha vida para que não mais existam amores servis
ressuscita-me
para que ninguém mais tenha de sacrificar-se
por uma casa, um buraco
ressuscita-me
para que a partir de hoje a partir de hoje
a família se transforme e o pai seja pelo menos o Universo
e a mãe seja no mínimo a terra, a terra, a Terra

Canção O AMOR

Compositor: Caetano Veloso, adaptação do poema O AMOR de Maiakovski

Intérprete: Gal Costa²⁰

Disco: Fantasia

Gravadora: Philips

²⁰ https://galcosta.com.br/sec_discografia_view.php?id=16

4 A NATUREZA DA CANÇÃO E A CANÇÃO DA NATUREZA

Primeiro é importante esclarecer que toda canção pode ser música, mas nem toda música é uma canção. Apesar da dificuldade em definir música, pois para alguns teóricos não existe *a música*, mas *um fato musical* que é um fato social pelos efeitos que ela produz em determinado contexto (Iazzeta 2001, p. 2), no dicionário Priberam, música é uma organização de sons e silêncio com intenções estéticas, artísticas ou lúdicas variáveis de acordo com o autor, a cultura, a época etc. Quais são as características da música conhecida como canção? Normalmente as canções são compostas por letra, melodia, harmonia e ritmo, porém nem todas possuem letra, a exemplo das Canções sem Palavras para piano, Op. 62 de Felix Mendelssohn (1809-1847).

Então, o que é canção? Composição poética destinada ao canto. Do latim '*cantione*' (canto, canção, encanto, encantamento), a canção pode ser popular ou erudita, e apresenta grandes variações. Os primeiros registros datam do século XII. Entre os gêneros mais antigos estão a *chanson de geste*, *d'histoire* ou *de toile* que celebravam um fato histórico ou serviam para embalar o trabalho no campo; a canção trovadoresca teve origem na Provença e de lá se espalhou para Itália e península Ibérica. As canções eruditas ganharam projeção na Áustria e Alemanha, onde surgiu o Lied nas composições famosas de Mozart, Beethoven e Schubert. Os temas mais comuns eram o amor, a pátria e a religião. Aos poucos a canção foi perdendo a rigidez métrica e com o verso livre, o processo de composição passou a privilegiar tanto o texto quanto a pauta musical. Para o pesquisador Luís Tatit (2003, p. 8) o que faz a música ser considerada canção é a fala por trás da melodia.

Como a canção é fruto da expressividade artística humana, ela é algo que se conta ou canta de maneira melodiosa através de textos com ou sem rimas. A canção pode ter diversas funções, mas sempre comunica algo. Pode causar relaxamento e ninar as crianças; provocar reflexões e pensamentos; anunciar algo novo ou especial; exaltar os ânimos e chamar à luta; educar desde as noções mais básicas do conhecimento até conceitos mais elaborados; estimular o trabalho, a alegria, o movimento do corpo ou nos levar às lágrimas, e até nos conectar com o divino. Em síntese, a canção como toda música "tem propriedades organizacionais" (DeNora 2004, p. 151). De dentro para fora, quando nos desperta o ser-profundo, altera a pulsação do corpo, ou até ameniza a sensação da dor. De fora para dentro, quando estetiza ou desperta o ouvinte, mostrando 'formas de

acontecer', ou como um meio de mesclar presente e futuro permitindo a inovação cultural em domínios não musicais. É nesse último sentido que a música mais se identifica com o objetivo desse trabalho: o uso da canção brasileira inspirada na Natureza para estimular um viver sustentável. DeNora (2004) coloca que "a música pode servir como um recurso para imaginações utópicas, para mundos e instituições alternativas, e pode ser usada estrategicamente para pressagiar novos mundos"(p. 159).

França (2011, p. 32) afirma que a educação ambiental e a educação musical possuem grande afinidade e que isso se manifesta em três eixos: o pragmático ou das atividades, o da paisagem sonora e o ético-estético. O eixo pragmático do presente trabalho busca analisar o conteúdo do discurso literomusical das canções brasileiras de um determinado período para identificar os temas ambientais associados com potencial de uso didático-pedagógico. Torres (2011, p. 73) aponta que a paisagem é um complexo de formas e de relações culturais. Nesse caso, as canções podem nos transportar para paisagens sonoras diversas a partir do discurso daqueles compositores e a interpretação do professor-cantor-palestrante. Já o eixo ético-estético envolve valores de apreciação, performance e criação comprometidos "*ao desenvolver a sensibilidade aos materiais sonoros que se organizam em gestos expressivos*" (Swanwick, 1994 citado em França, 2011, p. 39).

As palestras musicais que inspiraram essa investigação, tinham como base alguns conceitos sobre ecologia, ética, desenvolvimento sustentável, e informações sobre questões ambientais no Brasil e no mundo, ilustrados estrategicamente por algumas canções brasileiras onde esses temas eram identificados. Além de serem trabalhados os elementos da Natureza – terra, fogo, água e ar – que fazem parte da manutenção da vida no planeta e consequentemente, constituem elementos fundamentais para existência humano (Trigueiro, 2009, cap.10). A cultura brasileira e as riquezas naturais desse país também inspiraram as letras, melodias, ritmos e harmonias de muitas canções. À medida que a pesquisa foi se estruturando, um repertório foi definido com algumas sugestões de canções²¹ que foram ou poderiam ser usadas como instrumento de educação ambiental, sensibilização e provocação para uma reflexão sobre os impactos dos modos de vida moderno. Os dados sempre serão úteis, mas as canções têm o poder de emocionar.

²¹ Vejam alguns links de projetos educativos, blogs e sites sobre música e meio ambiente nas Referências

Ulhôa (2001, p. 52) usa como referência a perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu para a investigação da cultura simbólica no que chama espaço social. Assim ela identifica o surgimento da categoria musical MPB:

Enquanto prática musical, a MPB (Música Popular Brasileira) emergiu do samba urbano carioca (do Rio de Janeiro) das décadas de 30 e 40, agregou outros ritmos regionais como o baião nos anos 50, passou pela bossa nova, tropicalismo e festivais da canção, para consolidar-se enquanto categoria na década de 70.

No estudo qualitativo desenvolvido por Ulhôa (2001, p. 54), ela chega a três correspondentes estético-musicais da escuta funcional:

- a) a composição compreendendo melodia e letra - requisito mínimo para identificação da canção;
- b) o arranjo, incluindo formação instrumental, com ritmo, harmonia e forma;
- c) a interpretação, abrangendo a competência e postura do músico e seu estilo vocal.

N. B. Costa (2003, p. 14) avalia no seu artigo, o papel da canção popular no ensino da língua materna, e afirma que o discurso pedagógico se caracteriza por estabelecer relações interdiscursivas cujos objetivos principais são transmitir saberes, atribuir competências, reiterar informações, consolidar conteúdos. No caso desta dissertação, o discurso literomusical brasileiro une-se aos discursos pedagógico e científico no processo de educação / sensibilização ambiental.

O processo educativo precisa integrar, relacionar, dialogar. E na educação ambiental, essas interações reivindicam a interdisciplinaridade para construção de saberes baseados na complexidade dos aspectos social, cultural, econômico, político, científico do problema ambiental. Em síntese, uma leitura do mundo para assim intervir na realidade e na própria condição de existir (Alves, 2010, p. 24).

Não Sabemos Ler o Mundo

Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. Queixamo-nos de que as pessoas não leem livros. Mas o déficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros.

Vale a pena ler livros ou ler a Vida quando o acto de ler nos converte num sujeito de uma narrativa, isto é, quando nos tornamos personagens. Mais do que saber ler, será que sabemos, ainda hoje, contar histórias?

Ou sabemos simplesmente escutar histórias onde nos parece reinar apenas silêncio?
Mia Couto²², in "E Se Obama Fosse Africano?"

Para o educador Paulo Freire alfabetizar é mais que ler palavras, é possibilitar uma "leitura do mundo" evitando a "cultura do silêncio" que nos alija do processo histórico. Deter-se apenas à técnica e ao conteúdo colabora com a "cultura do silêncio". Como podemos ler o mundo? A música tem o potencial de nos transportar para paisagens sonoras, territórios pouco explorados, reflexões antes negligenciadas, emoções adormecidas. Tatit (2003, p. 8) analisa a semelhança da voz que canta com a voz que fala a partir dos ataques consonantais e acentos vocálicos nas oposições fonológicas e morfológicas que possibilitam o entendimento das narrativas. Ele conclui "*daqui surge o conteúdo linguístico conhecido como o tema da canção*". Esse conteúdo está inserido em uma relação de interdependência entre melodia e letra, criando uma atmosfera de emoções.

"A presença simultânea de tematização, passionalização e figurativização no mesmo campo sonoro e o revezamento das dominâncias de um processo sobre o outro constituem o projeto geral de dicção do cancionista" (Tatit, 2003, p. 10). Esse autor identifica a predominância de duas tendências no tratamento do material artístico na música popular brasileira: tendência narrativa e icônica (Saraiva, 2014, p. 26). No entanto seja predominantemente narrativa ou icônica, os principais temas das canções desse repertório são a Natureza e a relação ser humano - meio ambiente.

A história da humanidade refere-se em todas as eras a disputas constantes de territórios para exploração de recursos naturais, atritos por diferenças religiosas, imposição de ideologias, formas de governo e lideranças, choque de interesses e valores. Quando a espécie humana civilizada passou a valorizar mais o TER que o SER, mais a aparência que a essência, mais o supérfluo que o necessário? Há fatores históricos que sinalizam o momento em que a humanidade apesar do desenvolvimento intelectual e tecnológico transformou a produção em massa através da industrialização e agricultura

²² Mia Couto (2009 p. 95) escreveu o texto "Quebrando armadilhas" para uma Intervenção no Congresso de Leitura em Campinas, São Paulo, Brasil em 2007. Apesar do ato de ler ser o foco principal do encontro, ele sugere uma leitura que vá além das palavras. Fala de algumas armadilhas como a visão simplista do 'bom' e 'mau' pois quanto menos entendemos, mais julgamos. Outra armadilha seria a 'realidade' que resulta de uma construção social. A armadilha seguinte é da identidade, como tornar tudo igual através da biologização do ser. Ele afirma que diante da diversidade: "Difícil mesmo é sermos os outros". E encerra com a armadilha da hegemonia da escrita daqueles que pensam que a sabedoria só se encontra nos livros, na verdade a sabedoria também reside na oralidade.

mecanizada em uma estratégia de enriquecimento de alguns grupos conhecidos como corporações. O que inicialmente pretendia suprir às necessidades da população mundial em crescimento se tornou rapidamente em capitalismo "selvagem" e degradação ambiental. Impossível falar sobre Sustentabilidade, sem citar os problemas socioambientais que estamos enfrentando na atualidade em consequência do modelo de vida moderno. O desenvolvimento pautado em produção e aquisição *indiscriminada* de bens de consumo é socialmente perverso, ecologicamente predatório e politicamente injusto (Cúpula da Terra ou Cimeira da Terra, Eco-92). Talvez o valor mais urgente nesse momento seja a Solidariedade (Souza Santos, 2010, p. 11).

A música como todas as manifestações artísticas, está aí para registrar em melodia e letra a complexidade, a beleza e a urgência da VIDA. Então pretendemos demarcar o período de duas décadas para trazer algumas canções da música brasileira que foram inspiradas ou podem sugerir reflexões em torno de questões socioambientais no Brasil e no mundo. O período em foco nessa investigação começa logo após a divulgação da fotografia "Nascer da Terra" que mostra pela primeira vez o planeta Terra no espaço, a casa comum de toda humanidade, retirada em 1968 pela missão Apollo 8 na órbita da Lua. Até a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como a Rio 92. Essa foi a primeira conferência da ONU com a participação da sociedade civil gerando inúmeros documentos como a Agenda XXI e incluindo definitivamente o meio ambiente na agenda política planetária (Reigota, 2017, pp. 20-21).

A frase do poeta Tetê Catalão bastante usada pelos ambientalistas brasileiros "O meio ambiente começa no meio da gente" serviu para propor uma viagem musical sobre os quatro elementos da Natureza: terra, fogo, água e ar (Trigueiro, 2009, p. 27). Na Ecologia, eles são identificados como os bens comuns ou serviços ecossistêmicos que sustentam a vida existente no planeta. E como alguns teóricos dividem o ambiente em meio abiótico e meio biótico, dedicamos um tópico para canções que têm a biodiversidade como tema (Dulley, 2004, p. 19). "Nem a atmosfera acima de nós, nem as rochas abaixo de nós são vivas, mas foram criadas e são modeladas e transformadas pelos seres vivos numa dinâmica que possibilita a manutenção de toda a Biosfera do planeta" (Capra, 1996, p. 173). Então na nossa análise dividiremos as canções em 5 temas principais: terra, fogo, água e ar (os quatro elementos da Natureza) e biodiversidade ameaçada.

5 ELEMENTO TERRA

Para abordagem deste elemento, três canções foram analisadas: *Planeta Blue* – Milton Nascimento e Fernando Brant, *O Sal da Terra* – Beto Guedes e Ronaldo Bastos, e *Terra* – Caetano Veloso. A origem da palavra Homem e Humanidade vem do latim *húmus* ou seja, terra fértil. Basta um simples exame de sangue para percebermos que circulam em nossas veias os mesmos minerais que são encontrados no solo: ferro, zinco, cálcio, potássio, selênio, manganês, magnésio, fósforo e outros. A Terra, o planeta, além de ser a nossa casa comum, está presente em nossas vidas como o solo que nos alimenta e nos sustenta. Em todas essas canções os compositores colocam a humanidade como a grande responsável pela degradação ambiental e como a espécie que deveria assumir o papel de guardião da vida no planeta por sua inteligência.

5.1 Canção – TERRA

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação:

Título da canção: TERRA

Autor da canção (Melodista/Letrista): Caetano Veloso

Ano da Criação: 1978

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Muito

Ano de lançamento - 1978

Artista - Caetano Veloso

Tipo de mídia- Disco LP

Gravadora - Philips

C. Letra²³

Quando eu me encontrava preso

Na cela de uma cadeia

²³ Letra da canção Terra (Caetano Veloso) <https://www.letras.com.br/caetano-veloso/terra>

Foi que eu vi pela primeira vez

As tais fotografias

Em que **apareces inteira**

Porém lá **não estavas nua**

E sim coberta de nuvens...

Terra! Terra!

Por mais distante

O errante navegante

Quem jamais te esqueceria?...

Ninguém supõe a morena

Dentro da estrela azulada

Na vertigem do cinema

Mando um abraço pra ti

Pequenina como se eu fosse

O saudoso poeta

E fosses a Paraíba...

Terra! Terra!

Por mais distante

O errante navegante

Quem jamais te esqueceria?...

Eu estou apaixonado

Por uma menina **terra**

Signo de elemento terra

Do mar se diz terra à vista

Terra para o pé firmeza

Terra para a mão carícia

Outros astros lhe são guia...

Terra! Terra!

Por mais distante

O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...

Eu sou um leão de fogo
Sem ti me consumiria
A mim mesmo eternamente
E de nada valeria
Acontecer de eu ser gente
E gente é outra alegria
Diferente das estrelas...

Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...

De onde **nem tempo, nem espaço**
Que a força mande **coragem**
Pra gente te dar carinho
Durante toda a **viagem**
Que realizas no **nada**
Através do qual **carregas**
O nome da tua carne...

Terra! Terra!
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?...

Nas sacadas dos **sobrados**
Da velha são Salvador
Há lembranças de donzelas
Do tempo do Imperador
Tudo, **tudo na Bahia**

**Faz a gente querer bem
A Bahia tem um jeito...**

Terra! Terra!

Por mais distante

O errante navegante

Quem jamais te esqueceria?

Terra!

D. Dados biográficos do autor

Compositor, cantor e escritor, Caetano Veloso²⁴ nasceu em 1942, em Santo Amaro da Purificação, Bahia, Brasil. Filho de José Telles Veloso, funcionário público do Departamento de Correios e Telégrafos, e de Claudionor Vianna Telles Veloso, mais conhecida como dona Canô. Teve sete irmãos e a mais nova, Maria Bethânia, Caetano escolheu o nome por causa de uma valsa do compositor pernambucano Capiba. Estudou em Salvador o ensino médio e começou a cursar Filosofia na Universidade Federal da Bahia. Nesse período escrevia críticas de cinema para o Diário de Notícias e através do produtor Roberto Santana conheceu Gilberto Gil, Maria das Graças (Gal Costa) e Tom Zé. Com eles e sua irmã Maria Bethânia fazia o show Doces Bárbaros e o Tropicalismo, movimento musical que influenciou definitivamente a música brasileira.

Os primeiros trabalhos musicais foram trilhas para teatro e em 1965, conheceu o disco 'Chega de Saudade' de João Gilberto, um marco para sua trajetória musical. Mudou para o Rio de Janeiro acompanhando a irmã Maria Bethânia, convidada para substituir Nara Leão no show "Opinião". A partir daí, Caetano se torna um dos maiores compositores da música brasileira, presente nas rádios, festivais e discos de grandes intérpretes. É um dos artistas de maior produtividade musical com mais de 50 anos de carreira e diversos discos gravados e shows em palcos do Brasil e do mundo.

E. Contexto histórico da produção

²⁴ Site oficial de Caetano Veloso <http://www.caetanoveloso.com.br/>

A primeira canção da autoria de Caetano Veloso que colocamos nessa dissertação foi inspirada pela foto "Nascer da Terra" (*Earthrise*)²⁵ retirada pelo astronauta Bill Anders na missão Apollo 8 em dezembro de 1968. Esta imagem foi tão forte que foi capa de diversas revistas na época, entre elas a revista O Cruzeiro. Caetano viu essa capa enquanto estava preso no Rio de Janeiro devido a ditadura resultante do Golpe Militar de 1964. Momento histórico, onde a música brasileira foi mensagem de resistência à ditadura e registro de importantes acontecimentos.

"Eu considerava a ironia de minha situação: preso numa cela mínima, admirava as imagens do planeta inteiro, visto do amplo espaço. Anos depois, já de volta à Bahia, compus a canção. Dirigindo-me à Terra, nos primeiros versos da canção, comento as tais fotografias 'onde apareces inteira porém lá não estavas nua e sim coberta de nuvens', trecho do livro "Verdade Tropical" de autoria do próprio compositor.

Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque e outros artistas foram exilados nesse período da história do Brasil. O disco "Muito" também incluía o clássico da MPB "Sampa" e a regravação de "Muito Romântico", composição que foi feita e gravada por Roberto Carlos.

F. Análise Textual (leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

a) Palavras de significado desconhecido

As palavras usadas nesse texto musical são da linguagem coloquial. A riqueza de muitas canções brasileiras está nas metáforas e referências históricas. Como nesse caso, a primeira foto do planeta retirada na missão Apollo 8 que serviu de inspiração para o tema da letra.

b) Identificar estilo e método do texto

Letra escrita para formato canção.

²⁵ The New York Times about "Earthrise" <https://www.nytimes.com/2018/10/02/opinion/earthrise-moon-space-nasa.html>

A icônica foto “Nascer da Terra”, feita pela Apollo 8, continua a impressionar mesmo depois de 50 anos por George Dvorsky em 25/12/2018
<https://gizmodo.uol.com.br/foto-nascer-terra-earthrise-apollo-8>

São seis estrofes diferentes intercaladas pelo refrão:

Terra! Terra!

Por mais distante

O errante navegante

Quem jamais te esqueceria?...

c) Intertextualidade

Uma forte característica da música brasileira e das canções de Caetano Veloso é a referência de outros textos e de eventos de alguma determinada época. O evento mais importante que inspirou essa canção foi a primeira foto do planeta Terra retirada pelo astronauta Bill Anders na missão Apollo 8. Essa foto também influenciou diversos pesquisadores e ambientalistas, a exemplo do ex-vice-presidente Al Gore, pois jamais tinha-se visto o planeta com tamanha clareza. E a força dessa visão se repete no refrão da canção sugerindo que mesmo distante e até perdido no tempo e no espaço, jamais a Terra poderia ser esquecida.

A primeira estrofe conta a experiência do compositor ao ver aquela fotografia e descreve a Terra naquela imagem.

A estrofe 3 tem uma brincadeira entre o planeta, o elemento terra na astrologia e a terra, o solo.

Na estrofe 5, o compositor ressalta da imagem o fato do planeta se encontrar solto no espaço em uma viagem no nada.

E na última estrofe se refere à Bahia através de um trecho da música "Você já foi a Bahia?" de Dorival Caymmi (1941), um dos temas da animação teatral de Walt Disney com Zé Carioca em 1944. Também é o estado onde Caetano nasceu e que tem grande importância para formação do país Brasil como conhecemos, pois foi onde começou a colonização portuguesa.

Devido ao tamanho da letra, durante as palestras musicais, duas estrofes (2 e 4) ficaram fora da explanação. A estrofe 2 privilegia uma referência cinematográfica da Estrela Azulada e o Cinema Novo. E na estrofe 4, o compositor fala do seu signo na astrologia de elemento fogo que se consumiria se não existisse o elemento terra para contê-lo.

Etapa 2 - Exploração do material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

O impacto da fotografia "*Earthrise*" para o compositor e para o mundo em 1968. Uma bola no espaço, casa comum de todos os seres vivos, inclusive os humanos.

b) Qual a problemática que levou o autor a fazer a canção?

Toda a letra gira em torno das reflexões proporcionadas pela visão do planeta Terra no espaço. O compositor de imediato compartilha sua experiência e depois desenvolve as suas próprias reflexões.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

A estrutura da letra está dentro do formato canção com estrofes intercaladas pelo mesmo refrão. Cada estrofe desenvolve uma ideia:

1. a experiência de vê-la e a descrição da fotografia "*Earthrise*";
2. fala de uma morena dentro da estrela azulada e do cinema;
3. se refere à Terra como menina, fala da terra solo e da terra como elemento na astrologia;
4. continua no universo da astrologia, ao falar do seu signo de elemento fogo que só a terra pode conter;
5. nessa estrofe sugere a necessidade do ser humano ter coragem para tratar a Terra com carinho nessa longa viagem no espaço;
6. a última estrofe é um trecho da música de Caymmi e se refere à primeira capital do Brasil colônia, Salvador da Bahia, como um lugar de querer bem como o planeta Terra.

d) Qual a resposta ou posição do autor? Ele defende alguma ideia?

Caetano Veloso na maioria de suas canções defende suas ideias. Nessa canção se dirige ao planeta com paixão ao mostrar que terra é a carne do planeta, o solo que pisamos

e que acaricia nossas mãos, como também é o elemento para alguns signos da astrologia. O apelo ecológico fica mais evidente na quinta estrofe, quando pede à força (Star Wars - 1977) para nos mandar coragem para tratar a Terra com o devido carinho durante toda sua existência. Uma longa viagem realizada no nada (solta no espaço), onde a relação tempo e espaço desaparece.

B. Tratamento dos dados:

Codificação (escolha das Unidades, escolha das Regras e escolha das Categorias)

- a) Recorte - música em formato canção com seis estrofes intercaladas pelo mesmo refrão. Essa composição foi registrada em 1978 e está classificada como uma das pérolas da MPB.
- b) Enumeração - a palavra mais forte em toda canção é Terra. Repetida várias vezes no refrão, não deixa dúvidas que para a Terra foi feita esta canção. Uma imagem de grande impacto que criou naquele jovem e rebelde compositor uma paixão imediata. A terra também aparece como chão para os pés, como solo para plantar e acariciar as mãos, como elemento de alguns signos do zodíaco, como a terra firme depois de longo período no mar, e como a carne, ou seja, o corpo do planeta.
- c) Classificação e Agregação - o *eu* narrador trata o planeta Terra com intimidade. Terra, como a segunda pessoa nesse diálogo, é a palavra mais constante na letra. Como enumerei no item anterior a palavra "terra" assume diversos sentidos em diferentes contextos. Por se tratar de uma letra grande, cada estrofe aborda um ou alguns aspectos do tema principal. Há extrapolações como pontuar o Cinema Novo, movimento capitaneado pelo cineasta baiano Glauber Rocha e as várias referências à astrologia, reflexo de um certo esoterismo da época. O fato é que a terra ou Terra seria só beleza e poesia, como uma bela menina ou uma entidade nobre que nós deveríamos cuidar com carinho durante a sua longa jornada independente do tempo e espaço.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

O texto tem seis estrofes que brincam com as diversas dimensões da palavra 'terra'. Claro que tudo começa com a imagem do planeta Terra, ou seria melhor afirmar como

fala o ex-vice-presidente dos EUA Al Gore, *"tudo ficou diferente ao ver a primeira foto do planeta no vazio do espaço a partir da órbita da Lua"*. O "Nascer da Terra" mostrava de longe o quão insignificante tornavam-se as fronteiras, as diferenças ideológicas, as disputas económicas, políticas, religiosas. Aquele pequeno globo é a casa de todos, que se deixasse de existir, toda humanidade sucumbiria com ele.

Desde a primeira estrofe em uma melodia relativamente complexa em um arpejo cíclico, Caetano começa a contar a sua experiência ao ver aquela imagem da Terra solta no espaço e ele em um momento difícil de total confinamento numa prisão. Descreve com detalhes como ela estava: "a Terra não estava nua, mas coberta de nuvens".

Na quarta estrofe, sugerida para reflexão, o narrador fala de estar apaixonado pela terra e pela menina de signo elemento terra. E continua a falar desse elemento que representa a alegria para as embarcações depois de muito tempo a navegar, o chão que nos dá firmeza para caminhar e o solo que acaricia as mãos que nela semeiam. E conclui, como em um mapa astral, onde os planetas fazem aspectos com os signos do zodíaco, o planeta Terra mantém-se em uma órbita determinada porque há forças advindas de outros astros.

A estrofe seguinte de trabalho, começa a falar sobre uma força que vem de onde não há tempo e nem espaço. Essa força precisa nos dar coragem para tratar a Terra / terra com o devido carinho, pois a sua jornada é a nossa jornada sobre o seu orbe, sobre a sua carne (solo).

A última estrofe da canção, o narrador fala de Salvador da Bahia, primeira capital do Brasil colonial, onde encontramos uma arquitetura similar aos casarões portugueses. Nas janelas desses casarões, podemos ver as meninas-moças com graça e acolhimento. Por acreditar que essa é uma característica desse povo e lugar, afirma que a Bahia tem um jeito ... Terra. Nesse momento, retornamos ao refrão que tem referência às grandes navegações e descobertas de terras distantes. Mesmo errante, o navegante jamais esqueceria a terra ou a Terra.

Caetano era o próprio navegante descobrindo mesmo sem intenção o planeta Terra naquela fotografia, de um jeito jamais antes apreciada, azulada, solta no espaço e coberta de nuvens.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

Os elementos mais relevantes no texto são os diversos sentidos da palavra 'terra' e os sentimentos que essas diversas terras podem causar aos nossos sentidos. Primeiro o compositor se impressiona ao ver as tais fotografias enquanto estava preso. Depois fala do elemento terra na astrologia, sobre a terra firme para os navegantes, terra chão para pisar e a terra solo para plantar. E finalmente refere-se ao planeta em relação às órbitas dos outros astros tanto na galáxia quanto no zodíaco.

No texto o narrador cita a relação do tempo e espaço. Pode-se pensar na relatividade de Einstein e a inexistência desta relação (tempo e espaço) quando o planeta realiza a viagem no nada. Nesta estrofe, a terra é a carne do planeta Terra e faz-se um apelo à coragem humana de tratá-la com carinho.

A última estrofe trabalhada fala de um lugar, onde para o narrador, além de ter uma memória afetiva, representa o Brasil gentil como o planeta ou como a terra. O refrão faz essa relação entre os viajantes do espaço e os navegantes. Ambos jamais esquecerão a Terra/terra por mais que estejam equivocados ou distraídos na sua jornada.

Por se tratar de um discurso literomusical, ficaria sempre incompleto sem a apreciação dos seus acordes e melodia. Acredito que a maior tensão se encontra nos caminhos melódicos de cada estrofe que sempre começa em região mais grave e se desenvolve em uma sequência de notas que lembra a música / harmonia árabe.

Etapa 3 - Exploração do material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

Ainda sobre o elemento **TERRA**, já sabemos que a origem da palavra Homem e Humanidade vem do latim *húmus*, terra fértil. Como também diversos minerais existentes no solo circulam em nossas veias. Mas a peculiaridade desta canção é a foto do planeta na capa de uma revista que inspirou Caetano a fazê-la quando estava preso durante a ditadura militar em uma cela do Batalhão do Exército em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro. O astronauta Bill Anders registrou essa imagem na missão Apollo 8 — a primeira viagem humana à Lua em 1968. Esta missão não chegou a pousar na Lua, mas gerou uma das imagens mais impactantes para humanidade. A foto retirada na órbita da Lua, ficou conhecida como *Earthrise* ou seja, "Nascer da Terra". Divulgada pela NASA no Natal de 1968, se tornou capa dos principais jornais e revistas da época. Inclusive esta foto aparece

no *slideshow* do ex-vice-presidente e ambientalista Al Gore que descreve que esta imagem foi determinante para conscientizar as pessoas de que estamos todos compartilhando o planeta Terra, nossa casa comum. Para ilustrar o elemento Terra e esse momento de grande impacto para humanidade, propomos usar algumas estrofes da canção **Terra** de **Caetano Veloso** que foi gravada no disco **Muito** em **1978**.

Caetano já na primeira estrofe descreve a emoção de ver a tal fotografia em que a Terra aparece inteira, porém coberta de nuvens. Na estrofe seguinte, ele brinca com os signos de elemento terra, a ansiedade dos navegadores em ver a terra firme depois de longos períodos no mar e o fato da terra ser firmeza para os pés e carícia para as mãos. A terceira estrofe sugerida para palestra musical fala de coragem para tratar com carinho essa casa que viaja no nada e possui como carne, como essência, a terra. Na última estrofe Caetano fala de Salvador da Bahia, primeira capital do Brasil, onde o país colonizado por portugueses começou. Do global para o local, ele afirma que a Bahia faz a gente querer bem e por isso a Bahia tem um jeito terra. O refrão que se repete constantemente – uma forte característica do modo canção – refere-se aos navegadores que mesmo errantes, as vezes perdidos ou distraídos, jamais esqueceriam ou não deveriam esquecer a Terra.

5.2 Canção – O SAL DA TERRA

Etapa 1 – Pré-Análise

A. Identificação

Título da canção: O SAL DA TERRA

Autores da canção (Melodista/Letrista): Beto Guedes / Ronaldo Bastos

Ano da Criação: 1981

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Contos da Lua Vaga

Ano de lançamento - 1981

Artista - Beto Guedes

Tipo de mídia- Disco LP

Gravadora - EMI /Odeon

Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo desse **chão**, da **nossa casa**,
Vem que tá na hora de arrumar

Tempo, **quero viver** mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante,
Nem por isso quero me ferir

Vamos precisar de todo mundo pra **banir** do mundo a opressão
Para **construir** a vida nova, **vamos precisar** de muito amor
A felicidade mora ao lado e quem não é tolo pode ver

A paz na Terra, amor, **o pé na terra**
A paz na Terra, amor, o sal da...

Terra, és **o mais bonito dos planetas**
Tão te maltratando por **dinheiro**,
Tu que és a **nave nossa irmã**

Canta, leva tua vida em **harmonia**
E nos alimenta com teus **frutos**,
Tu que és do homem **a maçã**

Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor **juntar** as nossas forças é só **repartir** melhor o pão
Recriar o paraíso agora para **merecer** quem vem depois

Deixa nascer o amor
Deixa fluir o amor
Deixa crescer o amor

²⁶ Letra da canção O Sal da Terra
<https://www.vagalume.com.br/beto-guedes/o-sal-da-terra.html>

Deixa viver o amor

O sal da Terra

Terra...

D. Dados biográficos dos autores

Beto Guedes²⁷ nasceu em 1951 em Montes Claros (MG), filho de Godofredo Guedes, também compositor. Em 1970, aos 18 anos de idade, participou do V Festival Internacional da Canção (FIC) com a música "Feira Moderna", composta em parceria com Fernando Brant. Desde adolescente tocava em bandas, primeiro com os irmãos e depois com alguns amigos que se tornaram companheiros do Clube da Esquina, grupo formado por músicos e compositores que viviam em Belo Horizonte nas décadas de 60 e 70, como Milton Nascimento, Lô Borges, Márcio Borges, Fernando Brant, entre outros. O primeiro disco do grupo foi "Clube da Esquina", lançado em 1972, no qual participou tocando baixo, viola de 12 cordas, guitarra, percussão, atuando no coro, e cantando ao lado de Milton Nascimento as faixas "Saídas e Bandeiras nº 1" e "Saídas e Bandeiras nº 2", ambas de Milton e Fernando Brant, e "Nada será como antes", de Milton e Ronaldo Bastos. A participação no LP "Minas", de Milton Nascimento foi um marco na carreira do cantor, devido sua atuação na faixa "Fé cega, faca amolada", parceria de Milton com Ronaldo Bastos, onde sua voz soa como um eco ao canto de Milton. Essa atuação alcançou grande popularidade no ano de 1975. No ano seguinte, Beto lançou o disco "Amor de Índio", um dos maiores sucessos de sua carreira. Seu terceiro LP, "Sol de Primavera" (1979), alcançou também grande repercussão, principalmente com a faixa que dá nome ao disco, que recebeu letra de Ronaldo Bastos e arranjo de Wagner Tiso.

Ronaldo Bastos Ribeiro²⁸, apesar de forte participação no movimento mineiro Clube da Esquina, ele nasceu em Niterói no Rio de Janeiro em 1948. É jornalista, produtor musical e compositor de diversos sucessos da MPB. Começou a compor desde menino escrevendo marchinhas de carnaval. Fundou o coletivo de poetas Nuvem Cigana e foi presidente da União Brasileira de Compositores (UBC). Sua carreira artística começou com parcerias de sucesso com Milton Nascimento em canções como "Três Pontas", "Fé cega, faca amolada" e "Nada será como antes". Em 1994 criou o selo Dubas Música, onde

²⁷ Site oficial do cantor e compositor Beto Guedes <http://www.betoguedes.com.br/>

²⁸ Site dedicado aos artistas da cidade de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
<https://culturanageroi.com.br/blog/?id=2556&equ=mapadeartistas>

produziu discos de diversos artistas da música brasileira. O livro "Hotel Universo" de Marcos Lacerda, lançado em 2019, faz uma análise de parte da sua obra poética (poesias e músicas).

E. Contexto histórico de produção

Não existem informações sobre o contexto da feitura dessa canção pelo próprio Ronaldo Bastos. No livro "Hotel Universo: a poética de Ronaldo Bastos (Lacerda, 2019)", Marcos Lacerda trabalha com a hipótese de que esta canção, ao lado de outras do autor, como "Lumiar", "Amor de índio" e "Sol de primavera", fazem parte de um momento de mudança significativa na sua poética, com os temas das canções voltados para a natureza, o ciclo natural do tempo, a vida vivida fora das ambiências da história e da política dos homens, o que vai ao encontro do nosso tema de análise. Ronaldo Bastos, no livro "Hotel Universo", afirma admirar os poetas, mas que ele apenas é um compositor popular, uma testemunha do seu tempo que transforma a vida comum em canção.

F. Análise Textual (Leitura "flutuante" ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

- a) Palavras de significado desconhecido: o vocabulário da letra é de fácil compreensão.
- b) Identificar estilo e método do texto: o texto foi escrito para formato canção.
- c) Intertextualidade: pode-se perceber a primeira referência no próprio título da canção. No texto bíblico é encontrado entre os ensinamentos de Jesus uma afirmação para os seus discípulos após a passagem do Sermão da Montanha, que eles são o Sal da Terra e a Luz do mundo (Mateus, 5: 13, 14). A segunda referência é a ideia do planeta Terra como nossa casa comum. Essa exortação aparece em diversas Encíclicas desde o Papa Paulo VI em 1971 que anunciava uma catástrofe ecológica devido a explosão industrial que acontecia sem evolução social e moral. Outro Papa muito ligado às questões ambientais foi João Paulo II que convidou todos os católicos para uma conversão ecológica global e advertiu sobre a ausência de condições morais para uma autêntica **Ecologia Humana**. Esse pensamento ganhou ainda mais ênfase com o atual Papa que mesmo advindo dos Jesuítas, foi "batizado" como o primeiro Papa Franciscano resultado do seu empenho em ações sociais na Argentina. O santo da ecologia, Francisco de Assis, personalidade católica que tratava o Sol, a Lua,

os animais e a própria Terra como irmãos é reconhecido por sua visão holística do mundo. A canção usa diversas referências cristãs: "quero não ferir meu semelhante, nem por isso quero me ferir"— amar o próximo como a si mesmo; o dinheiro e o egoísmo que destrói a natureza são as tentações que desviam o homem simbolizadas pela maçã, o pecado original; repartir o pão como a ceia de Jesus com seus discípulos; e recriar o paraíso perdido em a Gênese para que as próximas gerações possam viver nesse belo planeta. Apesar da música ser anterior à Cúpula da Terra em 1992, é possível identificar nesse trecho a definição de desenvolvimento sustentável que determina que os humanos de hoje devem usufruir dos recursos naturais sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

Etapa 2 - Exploração do material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

A degradação ambiental resultante das atividades humanas e um convite para a humanidade adotar uma cidadania socioambiental.

b) Qual a problemática que levou os autores a fazerem a canção?

A destruição ambiental e a desigualdade social resultantes principalmente das atividades econômicas.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

Cada trecho da canção começa com um convite a ação ou alguma interjeição: Anda, Tempo, Vamos, Terra, Canta, Vamos, Deixa ...

A partir da análise da letra e da melodia, conseguimos identificar duas partes da história: uma que começa com "Anda" e a outra com "Terra". As duas partes começam com afirmações sobre o planeta e reflexões sobre o comportamento humano. No segundo momento de cada parte, há sempre um convite à mudança para alcançarmos um mundo melhor.

Mais uma vez temos uma letra relativamente grande, desta vez sem refrão. Apenas no final de cada parte, algumas frases de efeito com estrutura e melodia similares se repetem para afirmar todo o pensamento desenvolvido até aquele momento:

"A paz na Terra, amor
O pé na terra,
A paz na Terra, amor
O Sal da ..."

"Deixa nascer, o amor
Deixa fluir, o amor
Deixa crescer, o amor
Deixa viver, o amor"

d) Qual a resposta ou posição do autor? Ele defende alguma ideia?

Desde o título, os autores convidam o ser humano a assumir a sua responsabilidade de cuidar do planeta Terra por usar como referência uma passagem bíblica onde se declara que o cristão é o sal que dá sabor ao mundo. Mas o discurso ou o convite é para todos indiscriminadamente pois acredita que a missão de arrumar a casa e ter uma vida em harmonia com o próximo, seu semelhante, precisa da ajuda de todos. Conclui a primeira parte mostrando que isso é possível, pois a felicidade está ali perto e quem possui um olhar atento pode perceber a Paz e o pé na Terra (planeta e chão).

A segunda parte da música ou história, pois há um retorno à harmonia inicial, os autores falam da beleza do planeta que é vítima da ambição humana, apesar de ser a nossa única morada e fonte de sustento da vida. Após o primeiro trecho de afirmações, a letra retoma o convite a todos sem exceção para viver em harmonia, compartilhar o alimento e finalmente construir o paraíso na Terra para as futuras gerações. E como a pedir uma permissão à sensibilidade de cada indivíduo, repete várias vezes para deixar nascer, crescer, fluir, viver o Amor.

B. Tratamento dos dados: Codificação (1. Escolha das Unidades, 2. Escolha das Regras, 3. escolhas das Categorias)

a) Recorte - música em formato canção identificada como MPB

- b) Enumeração - as palavras mais fortes da letra são verbos que giram em torno de dois substantivos 'terra' (planeta e chão) e 'amor'. Há vários verbos no presente e no infinitivo: 'quero', 'vamos', 'anda', 'canta', 'deixa'; 'dizer', 'viver', 'ferir', 'precisar', 'banir', 'construir', 'juntar', 'repartir', 'recriar', 'merecer', 'nascer', 'crescer', 'fluir', 'viver' ...
- c) Classificação e Agregação - as palavras mais recorrentes são Terra (planeta e chão) e amor. Os verbos alertam e convidam à ação: "Quero te dizer", "Vem que tá na hora", "Vamos precisar ... banir a opressão, construir a vida nova, com todo mundo e muito amor". Fala com a Terra como se dialogasse com alguém próximo: tu és o planeta mais bonito", "és nave e irmã", "és a maçã". Então sugere à Terra: "Canta e leva tua vida" e "nos alimenta". E retorna o convite a ação: "Vamos precisar... juntar, repartir, recriar e merecer". Conclui-se a canção com o pedido: "deixa" e alguns verbos no infinitivo que precisam ser conjugados por toda humanidade para que haja amor.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

A letra da canção tem duas partes bem definidas com organização e sequência harmônica-melódica semelhante. Nesses dois momentos há um diálogo constante cujo objetivo principal é chamar a atenção do ser humano sobre os problemas socioambientais que nosso estilo de vida tem gerado.

Parte 1

Na primeira estrofe os compositores chamam o ouvinte para conversar algo que não é segredo sobre arrumar a nossa casa comum. Em seguida se dirige ao tempo, como um desabafo de desejar mais tempo nesse planeta sem ferir e ser ferido pelos iguais.

O segundo momento é caracterizado pelo chamamento à união em torno de um mundo sem opressão, uma vida nova pautada no amor. E sugere que essa felicidade é visível, possível, basta aguçar o olhar para percebê-la. Depois das duas grandes guerras mundiais e da guerra fria que alimentou focos de batalhas menores, a paz finalmente poderia ser alcançada quando colocássemos o pé na terra em sentido de comunhão. Afinal como afirmou Jesus, nós somos o Sal da Terra.

Parte 2

Então retorna-se à primeira melodia com um diálogo íntimo com o planeta, onde a Terra é tratada na segunda pessoa: tu és bela; tu és nossa nave e irmã; tu és do homem, a maçã. Com certa liberdade poética muda-se para terceira pessoa como é comum na linguagem coloquial em algumas regiões do Brasil – tu e você denotam informalidade. Então canta e leva a vida em harmonia nos alimentando com seus frutos mesmo que exista um sujeito indeterminado (eles) que a maltratam por dinheiro.

E novamente o segundo momento é caracterizado pelo convite a todos sem distinção para juntar as nossas forças, ser solidário e compartilhar o alimento e enfim, recuperarmos o paraíso hoje para garantir o futuro das próximas gerações.

A canção finaliza solicitando para todos deixarem o amor nascer, crescer, fluir, viver entre os seres humanos que estão presentes em todo tipo de ambiente, a única espécie dotada de inteligência e capacidade de zelar pelo planeta, ou seja, o Sal da Terra.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

O diálogo predomina em todo o texto da canção. Primeiro o locutor chama a humanidade para uma conversa. Imperativo, chama a atenção para a importância do tema que será abordado: precisamos arrumar a nossa casa comum. Depois fala ao tempo sobre a urgência de agir pois não temos mais 200 anos para continuar persistindo nos mesmos erros, ferir e ser ferido por nossos semelhantes. Então conjuga na primeira pessoa do plural, incluindo a si e a todos para essa mudança e ainda provoca os mais céticos para perceberem o potencial dessa transformação: "e quem não é tolo pode ver". O que consideram utopia, para o compositor é uma possibilidade: "a paz na Terra".

O diálogo continua, mas na segunda parte, o interlocutor se dirige ao planeta Terra em segunda pessoa. Fala das suas qualidades e denuncia a causa da degradação: a ganância pelo dinheiro. E novamente o compositor se coloca ao lado de toda humanidade na primeira pessoa do plural: "Vamos precisar de todo mundo". Os verbos que se seguem no infinitivo sugerem mais mudanças para um futuro próspero.

A maior tensão existente na canção é a resistência à mudança. Por isso no final, o compositor pede para deixar o Amor predominar na vida dos habitantes da Terra.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

O Sal da Terra é uma canção que convida o ser humano a repensar a relação com o planeta e com o outro. Em parceria com Beto Guedes, o compositor Ronaldo Bastos, primeiramente mostra no título uma referência à passagem bíblica, quando Jesus diz aos seus discípulos, vós sois o “Sal da Terra”, ou seja, aquilo que dá sentido e sabor ao mundo. A letra reconhece a responsabilidade humana de cuidar do planeta e a necessidade de se banir a ganância, a opressão e resgatar o amor. Um convite para melhorar o mundo que pede socorro com a participação de todos “um mais um é sempre mais que dois”. É fundamental conscientizar as pessoas que o planeta Terra é a nossa casa comum, e de maneira poética é tratada como a irmã em referência à Francisco de Assis que tratava todos os seres, corpos celestes, manifestações da natureza como irmãos e irmãs, e a nave que impossibilitada de suprir às nossas necessidades tornará a vida humana inviável. A motivação para a escolha dessa música, foi sua abordagem sobre os problemas socioambientais decorrentes do modo de vida pós-industrial. O desenvolvimento pautado em produção e aquisição indiscriminada de bens de consumo é socialmente perverso, ecologicamente predatório e politicamente injusto (Eco-92).

A música é uma das mais conhecidas do repertório de Beto Guedes, alcançou grande sucesso midiático quando do seu lançamento em 1981 e ainda hoje continua sendo bastante utilizada em manifestações ambientais e religiosas tornando a letra bastante atual e conhecida. (Azevedo, 2014).

Peres (2014) fez as seguintes inferências sobre a canção: “A letra retrata um mundo que pede socorro, pois está sendo maltratado pela má administração do homem. É um chamado para melhorar o mundo”. O autor aponta como solução a conscientização: “... o que precisamos fazer para mudar a situação, é conscientizar todo mundo de que a natureza é a nossa casa, nossa mãe, se ela morrer, morreremos com ela”.

Os enunciados da música transmitem recados diretos e objetivos à audiência. Na 1ª estrofe identifica-se um 'eu' narrador que é imperativo “Anda!”, que embute um enunciado que visa impulsionar o AGIR: “Vem que está na hora de arrumar”, esse discurso encontra eco no discurso oficial da emergência da ação-cidadã, da “mobilização planetária” em prol da Vida.

O segundo enunciado concreto (estrofe 2) expressa o querer do locutor, que diz o que almeja e deixa implícito o que não quer. A estrofe 3 retoma a questão da mobilização Planetária “...vamos precisar de todo mundo” e aponta a solução “vamos precisar de muito amor”. As estrofes subsequentes aportam enunciados diversos: onde a felicidade faz morada, a utopia (?) da “paz na terra” e da diminuição das desigualdades “É só repartir melhor o pão”. A estrofe 7 retoma o chamamento à participação social. “...Vamos precisar de todo mundo / Um mais um é sempre mais que dois” e finaliza com um convite ao 'agir' para garantir a existência das gerações futuras: “... Recriar o paraíso agora, para merecer quem vem depois” que se alinha com a mensagem da sustentabilidade que significa o uso responsável dos recursos naturais disponíveis para não privar as gerações futuras de suprir as suas necessidades.

5.3 Canção – PLANETA BLUE

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação

Título da canção: PLANETA BLUE

Autores da canção (Melodista/Letrista): Milton Nascimento / Fernando Brant

Ano da Criação: 1987

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Yauretê / O Planeta Blue na Estrada do Sol

Ano de lançamento- 1987 / 1991

Artista - Milton Nascimento

Tipo de mídia - Disco LP

Gravadora - CBS / SONY

C. Letra²⁹

Eu sou **atlântica** dor
plantada no lado do **sul**

²⁹ Letra da canção Planeta Blue <https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/planeta-blue.html#print>

De um **planeta** que vê
e que é visto **azul**

Mas essa primeira impressão
esse **planeta blue**
não é a visão mais real
além de **cor**, '*blue*' é também muito **triste**
pode ser o **lado nu**, o **lado** pra lá de **cru**
o lado escuro do azul

Eu sou **um homem comum**
eu sou **um homem do sol**
eu sou um '*african man*'
um '*south american man*'

A **fome continental**
miséria que o **norte** traz
a fome com a **morte** vem
a fome não vem da **paz**

O **ódio** que o ódio tem
se espalha bem mais veloz
que a **água** que a **chuva** traz
que o **grito** da nossa **voz**

Eu sou um **homem qualquer**
estou querendo saber
se dá pra **gente viver**
se dá pra **sobreviver**

Quero saber de **coração**
se a nossa **humanidade**

e este **planeta** vão poder prosseguir

Quem sabe se **a Terra** segue o seu destino
bola de menino para sempre azul
Quem sabe o **homem mata o lobo homem**³⁰
e olha o olhar do **homem** que é seu **igual**

Quem sabe a **festa** chega a **floresta**
e o homem aceita a **mata** e o **animal**
Quem sabe a **riqueza**
e toda a **beleza** estará **nas mesas da terra do sul**

Eu sou atlântica dor
plantada no lado do sul

D. Dados biográficos dos autores

Milton Nascimento³¹ nasceu no Rio de Janeiro, no dia 26 de outubro de 1942. Com dois anos ficou órfão de mãe e foi morar com a avó em Juiz de Fora, Minas Gerais. E aos seis anos foi adotado pelo bancário e professor de Matemática Josino Campos e pela professora de Música Lília Campos mudando-se para Três Pontas. Com 13 anos ganhou seu primeiro violão e aos 15 anos, Milton criou com Wagner Tiso, seu amigo de infância, o grupo vocal Som Imaginário.

Mudou-se para Belo Horizonte em 1963 para fazer vestibular para Economia, mas a música foi mais forte. Na época, formou com Lô Borges, Beto Guedes, Márcio Borges e Fernando Brant, o Clube da Esquina. Em 1966 foi para São Paulo, mas estava difícil conseguir que suas músicas fossem gravadas. A sorte começou a mudar em setembro desse mesmo ano, quando conheceu Elis Regina, que gravou “Canção do Sal”. Com o sucesso, Milton gravou com grandes nomes entre eles, Wayne Shorter e Sarah Vaughan, em 1994, e em “Angelus”, reuniu vários convidados internacionais, como o ex-vocalista do grupo inglês Yes, John Anderson. Com uma longa carreira, Milton lançou diversos álbuns e conquistou vários prêmios, entre eles, quatro Grammys. Seu nome esteve

³⁰ O significado da frase 'O homem é o lobo do homem' <https://www.culturagenial.com/o-homem-e-lobo-do-homem/>

³¹ Site oficial de Milton Nascimento <http://www.miltonnascimento.com.br/discos.php>

diversas vezes na lista dos melhores das publicações “Down Beat” e “Billboard”. Em 2015, Milton Nascimento lançou o CD “Tamarear”, junto com Dudu Lima Trio, uma homenagem aos 35 anos do Projeto Tamar, que trabalha na proteção das tartarugas marinhas no litoral brasileiro.

O parceiro de Milton na canção Planeta Blue é um dos mineiros do Clube da Esquina. **Fernando Brant** era escritor, letrista e poeta formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atuou como repórter da sucursal mineira da revista "O Cruzeiro". E na década de 1960, conheceu Milton Nascimento, com quem viria a iniciar uma fértil parceria. Atuou como presidente da União Brasileira de Compositores (UBC), associação de direitos autorais. Lançou, em 2012, o livro de crônicas "Casa aberta" (Editora DuBolsinho), com noite de autógrafos na Livraria da Travessa (RJ). Faleceu em 2015 após complicações de um transplante de fígado.

E. Contexto histórico de produção

Há duas versões bem diferentes desta canção. O primeiro registro aconteceu em 1987 em um disco de Milton cheio de referências à floresta e às culturas indígenas, começando pelo nome do disco *Yauretê* que significa a verdadeira onça. A segunda gravação aconteceu em um show realizado em São Paulo no Teatro Cultura Artística em outubro de 1991. No Brasil e no mundo havia notícias frequentes de diversas catástrofes ambientais como tempestades, tornados, secas e destruição das florestas. A ONU e outras organizações estavam se mobilizando para a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO-92 no Rio de Janeiro. No entanto como uma das vozes mais atuantes em eventos mundiais, Milton Nascimento exalta através da música as diferenças gritantes entre países dos dois hemisférios, diferenças entre países colonizados e colonizadores. Tanto que ele registrou na segunda versão desta canção um arranjo em *blue*, tão triste como o lamento dos *blues* afro norte-americanos.

F. Análise textual (Leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

a) Palavras de significado desconhecido

As palavras dessa letra são comuns no vocabulário coloquial da língua portuguesa, exceto alguns termos em inglês como '*blue*' que significa azul e representa um estilo de música triste dos africanos escravizados dos Estados Unidos; '*african man*' e '*south*

american man' representam os homens e mulheres dos continentes africanos e sul-americanos que foram explorados pelos povos colonizadores.

b) Identificar estilo e método do texto

Letra escrita para formato canção sem refrão.

c) Intertextualidade

As canções da MPB têm uma característica marcante que é a riqueza de referências históricas e de outros autores. Essa letra fala de miséria e da exploração dos recursos naturais, destruição das florestas e matança dos animais que sinalizam a ausência total do respeito à vida. Coloca o Homem colonizador branco como vilão dessa relação e clama para a morte do Lobo Homem. A frase em latim "homo homini lupus" do dramaturgo romano Pautus (254-185 a. C) se tornou célebre com Thomas Hobbes (1588-1679) no seu livro *Leviatã*. A frase "O homem é o lobo do homem" significa que o ser humano é um animal que ameaça a sua própria espécie com seu comportamento egoísta ao usurpar e matar o próprio semelhante.

Etapa 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

A desigualdade social entre povos do hemisfério Norte e Sul e a degradação ambiental resultante da exploração irresponsável da Natureza.

b) Qual a problemática que levou os autores a fazerem a canção?

Um contexto histórico que se reproduz até os dias atuais entre países exploradores e explorados, colonizadores e colonizados, países desenvolvidos e países subdesenvolvidos ou emergentes. Essas diferenças estão registradas e divulgadas por

documentos da ONU e outras organizações não governamentais³². Se hoje existe uma crise climática, 90% dos gases de efeito estufa que propiciaram o aquecimento global, foram emitidos por quase um século por países industrializados ou países considerados de primeiro mundo.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

Os autores primeiro fizeram um relato histórico que resultou em desigualdade entre os países dos dois hemisférios. E no segundo momento pinta o quadro com cores dramáticas, diferentes do lindo azul visto na imagem do planeta. E para encerrar questiona o comportamento humano sugerindo uma relação mais ética entre os homens e entre o ser humano e a natureza para assim continuarem a seguir juntos.

d) Qual a resposta ou posição dos autores? Eles defendem alguma ideia?

Defendem mudanças profundas nas relações estabelecidas entre homens do Norte e do Sul, ou seja, países que se ergueram explorando os recursos e as pessoas de países pobres colonizados e subdesenvolvidos. E uma relação de respeito para com as plantas e os animais, que ao lado dos humanos compõem a grande Teia da Vida como afirma Capra.

B. Tratamento dos dados: Codificação (1. Escolha das Unidades, 2. Escolha das Regras, 3. Escolhas das Categorias)

- a) Recorte - música em formato canção identificada como MPB
- b) Enumeração - as palavras mais fortes são planeta, *blue* como cor e tristeza, fome, homem
- c) Classificação e Agregação - os verbos da canção em análise não possuem tanta força quanto à associação e repetição de algumas palavras. O jogo de palavras como Sul e Azul; nu e cru; homem comum, homem qualquer, homem do sol, *african man*, *south american man*; fome, miséria, norte, morte, paz; ódio, veloz, água, chuva, grito, voz; a relação humanidade e planeta associados aos verbos no infinitivo como viver, sobreviver, saber, poder prosseguir. Para

³² O crescimento da pegada ecológica no mundo <http://www.ihu.unisinos.br/589677-o-grande-crescimento-da-pegada-ecologica-no-mundo-e-nos-continentes>

encerrar, os autores fazem uma série de questionamentos iniciados pelo termo 'Quem sabe...'?

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

O texto discorre por quatro eixos.

Primeiro o autor identifica sua origem às margens do oceano Atlântico no hemisfério Sul em um planeta que visto de longe parece de um azul belo, mas que de perto essa cor azul é realmente triste e escura. Ao definir suas origens ele se identifica como homem comum, solar, africano e sul-americano.

A segunda parte tem como foco evidenciar a diferença entre os povos dos dois hemisférios e as consequências dessa desigualdade: fome, morte, ausência da paz, o ódio que se espalha mais rápido que água da chuva e que abafa o grito do seu povo.

No terceiro momento afirma mais uma vez a sua simplicidade como um homem qualquer que busca respostas. Há condição da humanidade e o planeta Terra prosseguem?

Então começam as especulações iniciadas por 'Quem sabe...': a Terra segue seu destino como bola de menino; o homem mata o lobo homem e vê o outro como um igual; a festa chega à floresta e o homem convive em harmonia com as outras espécies; e por último, a beleza e a riqueza chegam aos povos do hemisfério sul.

Importante salientar que ao afirmar que é um homem plantado no lado Sul, o autor afirma que possui raízes profundas naquele ambiente cheio de dor, pobreza e degradação ambiental.

D. TENSÕES (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

A letra desta canção pretende contar uma história e por isso a ausência da estrutura estrofe / refrão. As contradições mais evidentes são Norte e Sul, azul claro e azul escuro, paz e ódio, morte e vida.

Há uma disposição lógica das ideias e toda a tensão do texto fica fortalecida pela melodia e harmonia.

Etapas 3 - Exploração do Material

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

Um dos conceitos trabalhados pela Ecologia Humana é essa relação desigual entre os países do hemisfério Norte e os países do hemisfério Sul, normalmente ex-colônias de países do primeiro mundo que forneciam e ainda fornecem recursos naturais para as grandes indústrias. O conceito abordado por diversos autores, entre eles Richard Auty, conhecido como a Maldição dos Recursos Naturais ou Paradoxo da Abundância salienta que tais recursos geram riquezas para pequenos grupos ou governos corruptos, e a tão propalada igualdade e liberdade da Modernidade se configura em problemas políticos, sociais, econômicos e ambientais.

A canção **Planeta Blue** de **Milton Nascimento e Fernando Brant (1991)** fala da desigualdade histórica resultante da permanente relação de exploração estabelecida entre os países ditos desenvolvidos e os seus colonizados. E conclui propondo uma reflexão sobre como transformar a relação ser humano - meio ambiente em algo ético e sustentável. Nas primeiras estrofes, há uma referência geográfica onde localizamos a dor nos países do hemisfério Sul que ficam à margem do oceano Atlântico. Seu povo, mesmo diante de todo o belo azul do mar, esse *blue* se identifica com a música triste dos escravos e o lado mais cruel da dominação colonial. Na terceira estrofe, o compositor se autodenomina comum, solar, africano e americano do sul. Depois os versos seguintes salientam a desigualdade social sustentada pelos povos do Norte que provoca a fome, o ódio, a escassez ... e a voz que grita questionando se será possível viver e sobreviver neste contexto.

Milton e Fernando querem uma resposta: "Quero saber de coração se a nossa Humanidade e esse planeta vão poder prosseguir". Daí podemos encontrar respostas positivas caso o comportamento humano se torne mais ético e sustentável.

6 ELEMENTO FOGO

O elemento **FOGO** se revela simbolicamente em diferentes fenômenos fundamentais à manutenção da vida. Além de ser usado para aquecer, cozinhar alimentos e nos defender de outros animais, o fogo pode ser representado pelo Sol, a energia que sustenta todas as estruturas vitais do planeta assim como o magma incandescente existente no núcleo da Terra. Isto posto, aproveitamos para falar do Efeito Estufa, que é a capacidade da atmosfera de reter o calor irradiado pelo Sol, um fenômeno natural que mantém a temperatura média do Globo. E o Aquecimento Global ou as Mudanças Climáticas que são o agravamento desse efeito devido a emissão dos Gases de Efeito Estufa (GEE) resultantes das atividades humanas. Há também as queimadas que provocam incêndios devastadores, algumas vezes consequências do uso indevido dessa prática em períodos de baixa umidade e altas temperaturas, outras vezes decorrentes de ações criminosas para explorar áreas de preservação. A música ***Luz do Sol*** de Caetano Veloso foi analisada como sugestão para ilustrar as reflexões acima mencionadas.

6.1 Canção – LUZ DO SOL

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação

Título da canção: LUZ DO SOL

Autor da canção (Melodista/Letrista): Caetano Veloso

Ano da criação: 1982

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Minha Voz

Ano de lançamento - 1982

Artista - Gal Costa³³

Tipo de mídia - disco LP

Gravadora - Philips

³³ Site oficial de Gal Costa <https://galcosta.com.br/index.php>

C. Letra³⁴

Luz do sol
Que **a folha traga e traduz**
Em verde novo
Em folha, em graça,
Em vida, em força, em **luz**

Céu azul que vem
Até onde os pés
Tocam a **terra**
E a **terra** inspira
E exala seus **azuis**

Reza, reza o **rio**
Córrego pro rio
O **rio pro mar**
Reza a correnteza,
Roça a beira, doura a **areia**

Marcha o **homem sobre o chão**
Leva no **coração** uma **ferida** acesa
Dono do sim e do não
Diante da visão da **infinita beleza**
Finda por **ferir** com a mão essa **delicadeza**
A **coisa mais querida**,
A glória da **vida**

Luz do sol
Que **a folha traga e traduz**
Em verde novo
Em folha, em graça,

³⁴ Letra da canção Luz do Sol <https://www.lettras.com/caetano-veloso/44742/>

Em vida, em força, em luz

D. Dados biográficos do autor³⁵ (pp. 48)

Os dados biográficos do compositor, cantor e escritor, Caetano Veloso foram anteriormente apresentados nesta dissertação ao analisarmos a canção Terra (p. 47)

E. Contexto histórico de produção

A canção 'Luz do Sol' foi feita para a trilha sonora do filme "Índia, a filha do Sol" em 1982. O filme reunia duas grandes referências da força feminina nas artes brasileiras: a estreia da atriz Glória Pires no cinema e a poderosa voz da intérprete Gal Costa³⁶. Caetano Veloso assinou toda a trilha sonora do filme.

A canção 'Luz do Sol' é uma das mais citadas em pesquisas relacionadas à educação ambiental e possui artigos ou capítulos exclusivos de análises diversas (semiótica, sintática, semântica, musical). Apesar da gravação realizada por Gal Costa ter alcançado grande sucesso, o cantor compositor Caetano Veloso, a registrou em compacto simples em fevereiro de 1983. Depois a encontramos em outras versões do próprio Caetano e de outros intérpretes.

F. Análise Textual (Leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

a) Palavras de significado desconhecido

A riqueza das letras das canções está principalmente no uso de metáforas para descrever algum fato ou imagem. Essa canção não possui vocabulário complexo, mas várias imagens traduzidas em palavras.

b) Identificar estilo e método do texto

Letra escrita para formato canção sem refrão, cuja primeira estrofe se repete no final como a sugerir algo cíclico como alguns fenômenos da natureza. Há uso de

³⁵ Site oficial de Caetano Veloso <http://www.caetanoveloso.com.br/>

³⁶ Perfil dedicado à música brasileira Gal Costa fala sobre a música Luz do Sol <https://www.facebook.com/espacogalcosta/posts/583007788450145/>

repetições como a preposição 'em' na primeira estrofe e de vocábulos que começam ou possuem forte pronúncia da letra 'r': reza, rio, roça, córrego, correnteza.

c) Intertextualidade

O primeiro e mais importante fenômeno descrito na canção é a fotossíntese: capacidade de plantas clorofiladas e algumas bactérias de transformar energia solar em energia química. Um fenômeno ou serviço da natureza fundamental para a vida no planeta Terra. Além da transformação da energia solar em moléculas orgânicas como carboidratos, a fotossíntese ajuda na fixação do carbono e disponibiliza oxigênio no ambiente. Podemos reler a primeira estrofe com esse olhar:

Luz do sol

Que a folha traga e traduz

Em verde novo

Em folha, em graça,

Em vida, em força, em luz

Para completar a descrição desse fenômeno, fala-se do céu, da terra e da água que flui do rio para o mar até surgir uma ameaça: a espécie humana a fazer escolhas que destroem a glória da vida.

Etapa 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

A luz solar é o ponto central de todo o texto. Esta luz é um processo natural e fonte de Vida no planeta que se encontra ameaçada pelas escolhas humanas.

b) Qual a problemática que levou o autor a fazer a canção?

A Vida em toda sua beleza e glória está sendo ameaçada pelas atividades humanas.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

A primeira estrofe descreve o fenômeno da fotossíntese;

A segunda estrofe se refere ao céu iluminado que chega até o elemento terra;

A terceira estrofe fala do elemento água e sua fluidez da nascente até o mar;

Então as duas estrofes seguintes o compositor se dirige a uma espécie específica, que dotada de inteligência e livre arbítrio, tem ferido e destruído toda essa delicadeza que é a vida.

Na canção a estrofe final é a primeira como se demonstrasse um ciclo permanente do nascer ao pôr do Sol.

d) Qual a resposta ou posição do autor? Ele defende alguma ideia?

Caetano descreve e canta a luz do Sol e os fenômenos naturais como espetáculos de grande beleza nas três primeiras estrofes. Em seguida coloca o homem como o elemento que destrutura, desequilibra, destrói toda essa harmonia e beleza que a natureza nos oferece. Apesar de depender da natureza para viver, o homem toma as decisões erradas que ameaçam a sua própria vida e toda a vida no planeta.

B. Tratamento dos dados: Codificação (1. Escolha das Unidades, 2. Escolha das Regras, 3. escolhas das Categorias)

- a) Recorte - música em formato canção identificada como MPB
- b) Enumeração - a palavra mais importante da letra é 'luz', desde o título como um fenômeno da natureza, passando pelos processos bioquímicos da fotossíntese ao ato simbólico de gerar vida como 'dar a luz'. Outros elementos da natureza são citados como a terra e a água. O homem, mesmo fazendo parte da natureza, aparece como elemento desestabilizador de toda uma harmonia que culmina sempre com a beleza da vida.
- c) Classificação e Agregação - a palavra central do texto é "luz" e apenas através dela há possibilidade de vida no planeta e só diante da luz conseguimos presenciar tamanha beleza. Verbos como tragar e traduzir têm sentido metafórico, pois trata-se da fotossíntese onde a folha absorve e transforma a luz em outros elementos. O céu iluminado pela luz nos permite ver os diversos azuis como as águas do córrego, rio e mar. O homem ao "marchar", pisa no chão em ritmo mecânico, desprovido de consciência das suas escolhas entre

"o sim e o não" ou o bem e o mal. Apesar de ter o poder da escolha, segue ferido e ferindo, ameaçando a glória da vida.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

A letra possui uma mensagem "icônica" pois pretende descrever imagens de fenômenos e elementos da natureza. Apenas o homem em seu perfil antropocêntrico, tem atitudes que destoam do espetáculo de vida que a natureza nos oferece.

A sequência mais bonita dessa canção é a descrição do processo da fotossíntese, como a folha absorve (traga) e transforma (traduz) a luz em "verde novo", ou seja, em mais folhas e em uma série de “coisas” abstratas, porém fundamentais como graça, vida, força e mais luz. "Céu azul", o céu iluminado toca a terra, o chão onde os pés caminham e onde essa luz ganha mais "azuis" por ser o solo a morada de muitas espécies (fauna e flora), e também pelo contraste das cores da terra com o céu. Importante salientar que essas duas estrofes possuem praticamente a mesma melodia. Como uma celebração do nascer do Sol a iluminar tudo até o por do Sol.

Assim a água flui desde a nascente, pequeno "córrego" até virar rio, correnteza e chegar ao mar onde a areia é dourada. Como o Sol nos permite ver a terra, também nos possibilita ver as águas como veias na terra até chegar aos oceanos. São outros azuis.

Então chegamos ao ser humano que marcha sobre o chão poderoso por possuir o dom da razão, mas com uma terrível culpa, uma "ferida no coração". Por ser a única espécie dotada de inteligência para construir mecanismos mais sofisticados para melhor adaptação nos diferentes ambientes e desenvolver a ciência e a tecnologia, o ser humano está presente nos diversos lugares do planeta com o poder de modificá-los. No entanto esse homem que antes era motivado por necessidades básicas, agora interfere e altera a delicada dinâmica da vida por ganância.

Ao voltar à primeira estrofe demonstra a resiliência da natureza que sempre nos proporciona nova oportunidade com uma nova manhã.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

Os elementos da natureza conduzem a mensagem pictórica do texto. Primeiro o nascer do Sol, cuja luz proporciona fenômenos importantes no meio biótico. Essa luz nos

possibilita ver as cores e a beleza da natureza na terra, na água e porque não dizer no ar, meio abiótico. No entanto o contraste ou a tensão se estabelece com a chegada do ser humano e sua cultura alterando tudo à revelia das dinâmicas da natureza que são o sustentáculo da vida. Aborda-se o ambiente do meio biótico ao meio abiótico como algo em harmonia, até surgir a tensão entre o natural e o artificial, imposta pelas escolhas humanas.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

A música sugerida para orientar a discussão do elemento FOGO foi 'Luz do Sol' que Caetano Veloso compôs para a trilha sonora do filme "Índia, a filha do Sol" gravada pela primeira vez por Gal Costa em 1982 no álbum "Minha voz". A canção aborda a capacidade do Sol de interferir em diversos sistemas naturais como a fotossíntese e a produção de alimentos, elementos importantíssimos para a subsistência dos seres vivos. Na etapa de pré-análise verificou-se que, dentre as canções deste estudo, esta retornou muitas informações sobre seu uso em atividades educativas.

Na análise do conteúdo da canção, destacam-se duas linhas de inferências uma que versa sobre o que Saraiva (2014, p. 35) identifica como sentenças referentes ao mundo natural (Reza a correnteza, roça a beira, doura a areia) e ao mundo hominal ou cultural (Marcha o homem sobre o chão). Neste sentido, esta seria a canção com maior aporte de argumentos para o processo educativo, cujas inferências podem ser relacionadas aos diversos elementos da natureza, terra, céu, rio, mar (estrofes 2 e 3). Além de provocar as reflexões em torno da crise climática com a urgência de novas práticas para reduzir a emissão de gases de efeito estufa como novas fontes renováveis de energia, entre elas a própria energia solar.

Nas estrofes finais, Caetano trata do mundo hominal e menciona esse ser “dono do sim e do não”, com capacidade para refletir, agir e fazer escolhas contra ou a favor da VIDA. Em síntese, cabe à humanidade dizer SIM ou NÃO à chamada para transformação socioambiental.

7 ELEMENTO ÁGUA

Outro elemento cheio de referências musicais é a **ÁGUA**. Uma das canções mais conhecidas da MPB sobre o tema é *Planeta Água* onde Guilherme Arantes pontua que o nosso planeta poderia até mudar de nome devido a presença marcante da hidrosfera. Há também *Sobradinho* de Sá e Guarabira que retrata as consequências da construção de uma usina hidrelétrica no Rio São Francisco na Bahia, região nordeste do Brasil e *Lugar Comum* de Gilberto Gil e João Donato para falar do ciclo das águas flutuantes ou rios voadores. Para uma abordagem pedagógica é importante retificar algumas afirmações constantes na mídia ao falar que a água está acabando. Na verdade, a quantidade deste elemento no planeta sempre foi a mesma. O Ciclo da Água é um ciclo fechado. O que está mudando é a localização e a qualidade da água, principalmente a pequena margem de água doce disponível para consumo. Há registros que as primeiras estruturas vivas surgiram na água. Mas a maior afinidade entre o planeta e o ser humano é o fato de ambos possuírem aproximadamente 70% de água na sua composição. A gestação humana acontece em ambiente líquido no útero, no líquido amniótico, e para garantir bom metabolismo e boa saúde é fundamental a ingestão de água. Dados da ONU demonstram que um terço da população mundial não tem acesso a água potável e carece de serviços de saneamento. Até o ar sem umidade representa risco à saúde humana.

7.1 Canção - LUGAR COMUM

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação

Título da canção: LUGAR COMUM

Autores da canção (Melodista/Letrista): João Donato / Gilberto Gil

Ano da Criação: 1974

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Lugar Comum

Ano de lançamento - 1974

Artista - Gilberto Gil

Tipo de mídia - Disco LP

Gravadora - Philips

C. Letra³⁷

Beira do mar, lugar comum

Começo do **caminhar**

Pra beira de **outro lugar**

À beira do mar, **todo mar é um**

Começo do **caminhar**

Pra dentro do fundo azul

A **água** bateu,

O **vento** soprou

O **fogo** do sol,

O **sal** do senhor

Tudo isso **vem**,

Tudo isso **vai**

Pro mesmo lugar

De onde tudo sai

D. Dados biográficos dos autores

Gilberto Gil³⁸ é compositor, cantor e instrumentista nascido em 1942 em Salvador na Bahia. Até os nove anos de idade viveu com o pai, o médico José Gil Moreira, e a mãe, a professora primária Claudina, na cidade de Ituaçu, no interior da Bahia, para onde foi com vinte dias de nascido. De volta a Salvador, foi morar na casa de sua tia Margarida, e passou a frequentar a Academia Regina, onde teve aulas de acordeom. Mas foi em 1961 que ganhou de presente da sua mãe, o instrumento que seria seu companheiro de palcos e criações, o violão. Paralelo à música, Gil também entrou na Universidade Federal da Bahia e se formou em Administração de Empresas em 1964. Sua estreia em discos foi em 1962, quando se apresentava em programas de rádio e TV ainda em

³⁷ Letra da canção Lugar Comum <https://www.letras.com/gilberto-gil/46214/>

³⁸ Site oficial de Gilberto Gil <https://gilbertogil.com.br/index.php>

Salvador. Estava ao lado de Caetano, Gal, Bethânia e Tom Zé no movimento conhecido como Tropicalismo. Participou dos Festivais da Canção do final da década de 60 e ao lado de Caetano com as respectivas esposas foram exilados por causa da ditadura militar. Gravou diversos discos e sucessos, como compôs canções para importantes intérpretes. Em 2015 e 2016 celebrou os 50 anos de carreira e amizade em show com Caetano Veloso. É considerado um dos maiores nomes da música brasileira ao lado de outros que fazem parte dessa pesquisa.

João Donato nasceu em Rio Branco, capital do Acre em 1934. Foi um dos precursores da Bossa Nova e o seu primeiro instrumento foi o acordeom que começou ainda aos 6 anos. Aos 11 anos passou a viver no Rio de Janeiro devido a transferência do trabalho do seu pai. Pianista e compositor desde os 17 anos se dedica exclusivamente à música onde acompanhou diversos nomes importantes da música brasileira como João Gilberto e internacionais como Tito Puente. Suas andanças musicais o levaram a morar no México e Estados Unidos. Compositor de mais de 500 músicas, afirma que "Música e água são indispensáveis" para viver.

E. Contexto histórico de produção

Vilaça (2013) resgata as duas etapas da criação dessa música, fazendo menção ao encarte do disco de mesmo nome, onde o melodista João Donato conta que a origem da música foi o assobio de um homem descendo a canoa no Rio Acre, em Rio Branco.

"Ao cair da tarde, eu estava lá, pequenininho ainda, com uns sete ou oito anos, não me lembro bem. Passou uma canoa com o cara assobiando, e eu fiquei melancólico pela primeira vez na minha vida, um sentimento até então desconhecido para mim. Fiquei pensando, 'por que eu fiquei assim?', mas eu sabia que esse sentimento vinha daquele assobio e eu guardei a melodia. [...] Muitos anos depois, Gilberto Gil botou letra naquela melodia, deu o nome de Lugar Comum."

É importante registrar que essa música teve também outro título: Índio Perdido e foi gravada como música instrumental ainda em 1963 pelo João Donato Trio. O texto de Vilaça fala das referências de Gilberto Gil. Como surgiu a ideia da letra na praia de Itapuã, a mesma que serviu de inspiração para Vinícius de Moraes e sua Tarde em Itapuã. Um lugar comum para tantas pessoas comuns. E se refere no trecho final aos ciclos que se repetem, um eterno retorno, a partir do trecho do Tao te ching, o Livro do Caminho, obra

mestra do taoísmo e do zen. Em seu verso 49, afirma: O Tao (o caminho) gera o um / O um gera o dois / O dois gera o três / O três gera as dez-mil-coisas.

F. Análise Textual (Leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

- a) Palavras de significado desconhecido - todas as palavras são do uso coloquial;
- b) Identificar estilo e método do texto - letra simples escrita para formato canção sem uso de refrão, apenas repetição e jogo de palavras.
- c) Intertextualidade - conscientemente a única referência usada nesta canção que nos remete a tantas reflexões é a ideia de ciclo e complementaridade identificada por Gil no *Tao te ching*, o *Livro do Caminho* verso 49, onde se afirma:

*O Tao (o caminho) gera um
O um gera dois
O dois gera três
O três gera as dez-mil-coisas*

Da fonte criadora surge cada elemento que termina por possibilitar o surgimento de outro e assim sucessivamente chegamos a muitos. Da unidade para a multiplicidade. Do lugar comum para outro lugar. De um lugar para o mar que é todo um, ou para dentro do fundo azul. Porque como a música e a letra sugerem tudo vai e vem para onde tudo começou como os ciclos da vida.

Etapa 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

- a) Qual o tema ou assunto da canção?

Um lugar de todos. Um lugar comum onde tudo começa e termina.

- b) Qual a problemática que levou os autores a fazerem a canção?

A melodia criada por João tem uma origem completamente diferente da inspiração de Gil para letra. Ambos estavam diante da água, mas em condições completamente

díspares no tempo e no espaço. João quando criança à margem do Rio Acre que corta sua cidade natal Rio Branco, ouviu essa melodia assobiada por um canoeiro. Gil fez a letra quase três décadas depois diante das ondas da praia de Itapuã, lugar de lazer comum a todos. Há um sentimento de pertencimento que parte de um lugar comum para algo mais profundo.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

Como a música surgiu antes da letra, devido a sua estrutura melódica e harmônica terminou sugerindo algo cíclico. O que isso significa é que todas as vezes que cantamos a última frase há uma sugestão de recomeço.

A primeira estrofe a beira do mar é um lugar comum que pode nos levar a outro lugar. Na segunda estrofe, há o sentimento que estando à beira do mar, você está diante de todo mar que é um só, que é o mesmo. E nas estrofes finais, o compositor cita diversos fenômenos naturais que fazem parte da nossa vida, a água, o vento, o fogo e o sal. E ainda como o próprio Gil comentou, todos esses elementos fazem parte de um todo maior e a ele retorna como em ciclos: o Tao.

d) Qual a resposta ou posição dos autores? Eles defendem alguma ideia?

A riqueza desta canção está na sua simplicidade. O lugar comum de João na margem do rio na floresta e o lugar comum de Gil na beira do mar, nos acolhem seja qual for o nosso lugar. Gil remete a ciclos, à movimento, começo, partida, caminho e chegada a outro lugar e / ou ao mesmo lugar pois tudo é um, tudo é lugar, tudo é comum. Ele defende essa dinâmica da existência da complementaridade, da unidade para multiplicidade, do um para o todo e vice-versa.

B. Tratamento dos dados: Codificação (1. Escolha das Unidades, 2. Escolha das Regras, 3. escolhas das Categorias)

- a) Recorte - música em formato canção identificada como MPB;
- b) Enumeração - a água de Gil é do mar. Água salgada dos oceanos que dominam o planeta e através dos quais viajaram e ainda viajam pessoas e mercadorias para vários pontos do globo. O compositor enumera alguns fenômenos simples

e constantes que acontecem na natureza com o objetivo de evidenciar que a existência está repleta de ciclos.

- c) Classificação e Agregação - um dos efeitos mais interessantes das duas primeiras estrofes é o uso da preposição e dos artigos. A primeira frase: "Beira do mar" - o lugar; "À beira do mar" - estar em um lugar. "Começo do caminhar" - o caminho para outro lugar; "Começo de um caminhar" - um caminho para dentro desse mar que é um e um caminho para dentro de si mesmo. Depois cantamos frases infantis de situações corriqueiras que trazem beleza e sentido à vida dentro de um ciclo infinito de fim e começo:

A água bateu, o vento soprou

O fogo do sol, o sal do senhor

Tudo isso vem, tudo isso vai

Pro mesmo lugar de onde tudo sai

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

A beleza dessa canção está na sua simplicidade. Diferente da canção "Planeta Água" cujos detalhes sobre o ciclo das águas dispensa maiores comentários, "Lugar Comum" exige mais imaginação e oferece surpresas para quem queira interpretá-la. Primeiro a canção nunca terminaria, pois a sua harmonia e melodia sempre sugerem retornar ao começo, como os ciclos da natureza. Por se tratar de compositores de lugar e tempo diferentes, nos possibilita fazer essa viagem através das águas no tempo e no espaço. Claro que muitos não sabem que a melodia dessa canção foi um assobio de um ribeirinho no Rio Acre em Rio Branco que João Donato ouviu quando criança no início da década de 1940. Desse fato surge a oportunidade de falar da Amazônia, bioma que possui a maior quantidade de água doce do mundo. Bioma esse que tem sido bastante ameaçado principalmente nas últimas décadas. E a letra foi criada por Gil no início da década de 1970 na praia de Itapuã, lugar de lazer para o povo da cidade de Salvador, Bahia, Brasil. Poderiam ser outras águas, mas como afirma o próprio Gil: "tudo isso vem, tudo isso vai pro mesmo lugar de onde tudo sai". Há também uma referência com o Tao, o Ying / Yang, a origem e o retorno do todo a partir e para o Tao / um. Entretanto isso também não está explícito na canção. O que ela nos sugere é um movimento cíclico de ir e vir, e complementaridade através dos elementos da natureza ali na praia com as

ondas do mar: "*a água bateu, o vento soprou, o fogo do sol, do sal do senhor...*" tudo isso vem e vai mesmo que estejamos em outro lugar.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

Tanto a música quanto a letra de "Lugar Comum" são de uma leveza quase infantil, como o próprio Gil fala: João é um compositor minimalista. Aqui o pouco é muito pois dá margens à imaginação. E por tratar de ciclos vitais, os temas são essenciais: água, vento, Sol, sal ... E o movimento da própria existência de ir e vir. Também há uma ideia de pertencimento, territorialidade, lugar comum a todos. A Natureza normalmente tem esse poder de nos proporcionar esse sentimento ou afeto através da percepção do ambiente (*topofilia*): o cheiro de mar, o som das ondas, o barulho das árvores, o cheiro do mato ou do rio, a sensação do barro ou da areia nos pés, o calor na pele, o som da chuva...

Etapas 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica formuladas)

Lugar Comum é uma excelente canção para falar dos rios flutuantes ou voadores que comprovam a importância da preservação das florestas, principalmente a Amazônica. Esta música foi gravada por **Gilberto Gil** em **1974** no disco **Lugar Comum** e é uma parceria com **João Donato**. Um compositor do Nordeste e o outro do Norte. Ambos se inspiraram nas águas em lugares e períodos diferentes. Gil se inspirou na beleza das ondas da praia de Itapuã e João na lembrança quando menino da melodia assobiada por um pescador no rio Acre. Entretanto, devido ao movimento das águas do planeta, as águas da praia e do rio poderiam até ser as mesmas. No filme de animação da Disney, *Frozen II*³⁹ em exibição nos cinemas em dezembro de 2019, apresentaram os elementos da Natureza como tema central da história. Todavia um dos elementos recebeu maior destaque em uma frase constantemente repetida por suas personagens: "A água tem memória". Há dados que afirmam que a quantidade de água do planeta é basicamente constante desde a sua

³⁹ Trecho onde Olaf, o boneco de neve personagem do desenho da Disney *Frozen*, explica sobre a memória e os percursos da água <https://www.youtube.com/watch?v=L-thto67u2U>

cosmogénese há 4,5 bilhões de anos, o que mudou ao longo da história da Terra é o estado e a localização dessas águas.

Portanto uma temática de gestão dos recursos hídricos deve ir além das práticas cotidianas de fechar a torneira ao escovar os dentes e tomar banho, ou reaproveitar a água da máquina de lavar, mas exige reflexões sobre todas as práticas que dependem das escolhas individuais que implicam no consumo de água potável, desde o preparo de alimentos até o consumo de produtos industrializados e agropecuários que são as atividades que representam mais de 90% do consumo de água doce.

Vamos considerar alguns exemplos: para produzir 1 kg de carne de boi, são utilizados 15,4 mil litros de água; uma camiseta de algodão custa 2,5 mil litros; uma tonelada de aço leva 300 mil litros; e um carro gasta mais de 400 mil litros. No meio agrícola, a soja é uma das campeãs, com 1,8 mil litros para cada quilo produzido – lembrando que o Brasil é um dos maiores produtores e exportadores mundiais desse produto. (Brasil Escola)

O cenário que inspirou a criação da letra foi a praia de Itapuã, a mesma dos famosos versos de Vinicius de Moraes, musicados por Toquinho: “... passar uma tarde em Itapuã, ao sol que arde em Itapuã...”. Segundo Gilberto Gil, em entrevista concedida a Rennó (2001, p. 178), a criação da letra foi estimulada pela sensação boa de estar ali e de ali ser um lugar comum a tanta gente comum – pela ideia de comunidade. Os versos finais reafirmam a obsessão do artista com o eterno retorno, com o sentido yin-yang da realimentação, da sobreposição vida-e-morte, da polaridade e complementaridade dos contrários.

Nas quatro estrofes que constituem a letra da música, nota-se a ausência de um 'eu' narrador e, por conseguinte, de um enunciado concreto, o que abre espaço para que a produção de sentido, ganhe diversas versões, como a percebida pelo anônimo na audiência. Ainda que textualmente, não faça nenhuma menção aos constituintes do Elemento água (Água, Hidrosfera, Recursos Hídricos, Desertificação), as inferências podem levar os interlocutores a discutir a importância do recurso água no cotidiano, para além de suas necessidades básicas de higiene.

A primeira estrofe coloca o interlocutor em um ato de contemplação do mar, e esta é uma das importâncias da água, a função de lazer, seja por meio de um banho (de mar ou de rio), da pesca, ou simplesmente a contemplação que indica movimentos repetitivos: a retomada de um caminhar (ir-e-vir), a água que bate, o vento que sopra, o

que dá sentido a explicação de Gil quanto ao yin-yang da realimentação, da reflexão sobre a impermanência da vida, esta que pode ser abreviada em razão da degradação ambiental e mau uso dos recursos hídricos.

7.2 Canção - SOBRADINHO

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação

Título da canção: SOBRADINHO

Autores da canção (Melodista/Letrista): Sá e Guarabyra

Ano da Criação: 1977

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Pirão de Peixe com Pimenta

Ano de lançamento - 1977

Artista - Sá e Guarabyra

Tipo de mídia - Disco LP

Gravadora - Som Livre

C. Letra⁴⁰

O homem chega e já desfaz a natureza

Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar

O São Francisco lá pra cima da Bahia

Diz que dia menos dia vai subir bem devagar

E passo a passo vai cumprindo **a profecia**

Do beato que dizia que o Sertão ia alagar

O Sertão vai virar mar, dá no coração

O medo que algum dia o mar também vire sertão

⁴⁰ Letra da música Sobradinho <https://www.letras.com/sa-guarabyra/356676/>

Adeus **Remanso, Casa Nova, Sento-Sé**
Adeus **Pilão Arcado, vem o rio te engolir**
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o *gaiola* vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar

O Sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Pilão Arcado, Sobradinho
Adeus, adeus, adeus

D. Dados biográficos dos autores⁴¹

Luiz Carlos Pereira de **SÁ** nasceu em outubro de 1945 em Laranjeiras, cidade do Rio de Janeiro. Desde menino teve contato com o samba de Noel Rosa em Vila Isabel. Em 1965 teve sua primeira composição gravada por Luhli. Em 1966 foi classificado no Festival Internacional da Canção quando teve oportunidade de fazer o seu primeiro trabalho solo pela RCA e passou a compor para outros nomes da MPB. Trabalhou também com jornalismo, produção, publicidade e rádio. Começou com Guarabyra e Rodrix um trio musical em 1973 e com eles mudou-se para São Paulo, onde fundaram o estúdio **Vice-Versa**, famoso por suas criações para publicidade. Hoje mantém uma coluna mensal da revista *Backstage* e mora em Belo Horizonte com sua esposa Verlaine com quem teve cinco filhos.

Guttemberg Nery **Guarabyra** Filho nasceu às margens do rio São Francisco, em Barra do Rio Grande, Bahia em novembro de 1947. Por ser filho de pastor batista, iniciava-se na música cantando hinos na igreja. Em Bom Jesus da Lapa montou com o irmão Gilson um espetáculo de música folclórica. E em 1966 mudou-se para o Rio de Janeiro. Lá participou de diversos festivais, inclusive ganhando em primeiro lugar no II Festival Internacional da Canção em 1967 com a música Margarida. Dois anos depois lançou o

⁴¹ Site oficial de Sá e Guarabyra <http://www.saeguarabyra.com.br/index.php?pag=dupla> Biografias de Sá e Guarabyra <http://www.mpbnet.com.br/musicos/sa.rodrix.guarabyra/> e <http://dicionariompb.com.br/sa--guarabyra>

seu primeiro disco solo. Formou o trio Sá, Rodrix e Guarabyra que a partir de 1973 se tornou uma dupla com a saída de Zé Rodrix. Também fez atividades de produção musical, direção artística e composição para publicidade e consolidou uma carreira jornalística como cronista do Diário Popular e do Estado de São Paulo. Gut, como é conhecido na família, continua morando em São Paulo e tem três filhos. Hoje apresenta-se em palestras-shows com Toninho Vaz falando sobre o icônico Solar da Fossa, pensão que abrigou figuras importantes das artes brasileiras nas décadas de 1960 e 1970.

E. Contexto histórico de produção

A música Sobradinho foi composta em 1977 com o objetivo de denunciar as consequências da construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho para o povo daquela região da Bahia. O Brasil ainda estava no período do Regime Militar e pouco se questionava das atividades do governo. Sá e Guarabyra viajavam muito fazendo shows pelas cidades da região Nordeste, entre elas as cidades do Vale do São Francisco. E foi assim em Bom Jesus da Lapa, na casa do pai de Guarabyra, que um homem comentou sobre a construção da barragem e a movimentação do povo para ser deslocado para outra área pois muitas cidades seriam submersas.

F. Análise Textual (Leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

- a) Palavras de significado desconhecido - muitas palavras se referem às cidades que foram inundadas pela barragem do Sobradinho. E a palavra *gaiola* que normalmente é associada a certo tipo de jaula, nesse caso trata-se de um barco típico que navega os rios brasileiros do Norte e Nordeste.
- b) Identificar estilo e método do texto - letra escrita para formato canção com refrão. Nas diversas reportagens da época os especialistas denominavam o estilo musical da dupla como Rock Rural. Entretanto podem ser enquadrados na MPB por atenderem a diversas características desse gênero.
- c) Intertextualidade - os compositores contaram em entrevista para TV Cultura que fizeram a música sob o ponto de vista do sertanejo, o povo da região do vale do Rio São Francisco, importante bacia hidrográfica que passa pelo bioma mais árido do Brasil, a Caatinga. E usam no refrão uma frase de Antônio Conselheiro, líder religioso e antirrepublicano que foi perseguido e vencido na

Guerra de Canudos que aconteceu no Nordeste em 1896 e 1897. A frase do beato é o refrão:

**O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão**

Etapa 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

A construção da hidrelétrica de Sobradinho e seus impactos socioambientais.

b) Qual a problemática que levou os autores a fazerem a canção?

A construção de Sobradinho realizada no período da ditadura militar, quando o povo não podia fazer críticas ou manifestar qualquer resistência às decisões do governo. A dupla estava em visita ao pai de Guarabyra em Santo Antônio de Jesus, próximo à Sobradinho e ficou sabendo da barragem. Então Sá e Guarabyra foram pessoalmente ver a situação que inspirou a canção.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

De imediato coloca-se o "homem" contra a natureza. Esse homem tem o poder de mudar o ambiente, mexer na vida da gente simples, fazer represa e mudar tudo. Então sugere que o rio São Francisco dali em diante vai ter o fluxo reduzido e conclui a estrofe falando a profecia de Antônio Conselheiro que o Sertão geralmente árido, vai encher de água.

O refrão é a fala do beato.

A segunda estrofe começa com as cidades que foram submersas e sobre a vida do povo, o sentimento de pertencimento que será inundado com a represa. O barco vai passar por cachoeiras no alto do Sobradinho. E claro, o povo sem alternativa, vai embora com medo de se afogar.

Repete-se o refrão.

E depois de repetir toda a canção, eles citam as cidades que foram inundadas com um repetido 'adeus'.

d) Qual a resposta ou posição dos autores? Eles defendem alguma ideia?

Fica muito clara a diferença nesse trecho "*o homem chega e já desfaz da natureza, tira gente põe represa, diz que tudo vai mudar...*" que o 'homem' que faz e acontece é diferente da 'gente'. De fato o 'homem' representa o poder que naquela época era o governo militar que não estava preocupado com o povo. Ao citar Antônio Conselheiro se identifica também uma representação da resistência ao poder instituído pois foi o que aconteceu na história do beato. Dizer adeus àquelas cidades, demonstra um sentimento de solidariedade com o povo que foi retirado das suas casas e das suas origens. Os compositores afirmaram que queriam dar voz ao sertanejo desalojado do seu lugar.

B. Tratamento dos dados: Codificação (1. Escolha das Unidades, 2. Escolha das Regras, 3. escolhas das Categorias)

- a) Recorte - música em formato canção conhecida na época como rock rural e hoje também identificada com a MPB
- b) Enumeração - há a dicotomia homem do poder \neq homem do povo; como há dicotomia homem \neq natureza. A água como elemento fundamental para a vida, se torna uma ameaça. Vai secar onde há em abundância e vai alagar o Sertão. As cidades desaparecem pois o rio vai engolir vidas inteiras e o povo vai precisar fugir para não se afogar.
- c) Classificação e Agregação - a letra é uma narrativa que pretende mostrar o impacto socioambiental da construção da usina hidrelétrica de Sobradinho na Bahia. Nesta narrativa há um vilão que é o 'homem' que desconsidera a natureza e o povo do lugar. O São Francisco, o rio que nutre a região seca do Sertão nordestino brasileiro vai perder a sua força depois dessa alteração no seu curso e as consequências podem confirmar a profecia de Antônio Conselheiro, o líder religioso de Canudos. A segunda parte da canção fala especificamente das cidades e vidas inteiras (memórias, afetos e sentimentos de pertencimento) que desapareceram sob as águas. O que demonstra é que as pessoas foram retiradas das suas cidades sem serem consultadas. Exceto o refrão que trata de uma profecia, uma possibilidade, o tempo verbal predominante é o presente. E o

elemento água está em sua face tecnológica, quando gera energia e proporciona o progresso em detrimento das consequências para natureza e para o povo do lugar.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

Toda manifestação artística é um reflexo da cultura de um lugar. Os compositores trazem para música um contexto socioambiental muito importante. O impacto da construção de usinas hidrelétricas que naquela época de ditadura e total analfabetismo ecológico, nem era considerada uma pauta de discussão com a comunidade.

A letra tem característica narrativa onde se conta o fato da construção da barragem do Sobradinho, quem autorizou e as consequências desse empreendimento para o Rio São Francisco e para o povo que vivia nas cidades que foram alagadas. A canção possui duas partes bem definidas pela melodia e harmonia, com o refrão entre elas. Já no final destaca repetidamente um trecho da segunda parte.

A primeira parte se refere ao 'homem', provavelmente representante do poder político da época que decidia o que fazer com a natureza e com o povo sem consultar a ninguém. No entanto para os compositores esse 'homem' do poder faz escolhas contra a natureza e contra o povo do lugar. E assim muda o destino do Rio São Francisco, levando-o a secar em alguns lugares e a inundar onde não havia água. Cumpre-se dessa maneira a profecia de uma figura histórica, emblemática que foi António Conselheiro, líder religioso e revolucionário de Canudos.

O refrão é a profecia do beato de Canudos. Um impacto ambiental inevitável:

O sertão vai virar mar, dá no coração

O medo que algum dia o mar também vire sertão

A segunda parte refere-se às cidades que foram inundadas pela barragem. Também trata do sentimento de pertencimento e a ausência de referência histórica e afetiva que o desaparecimento desses lugares representa para o seu povo. Com as alterações no curso natural do rio, vai ter lugar onde o barco não vai conseguir navegar; e onde havia uma bela queda d'água, vai ter uma usina hidrelétrica que dá medo ao povo pois todos podem se afogar.

Na gravação original, a dupla repete toda a canção até chegar à despedida das cidades submergidas pela barragem do Sobradinho:

Remanso, Casa Nova, Sento-Sé

Pilão Arcado, Sobradinho

Adeus, adeus, adeus

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

A tensão mais evidente é a diferença do 'HOMEM' do poder e o 'POVO'. Essa relação de dominação estabelecida em uma ditadura configura uma situação de opressão e ausência total de oposição. Tanto a natureza quanto o povo devem se submeter às decisões desse 'homem' - poder. Subentende-se que o povo, principalmente o povo simples das cidades do vale do São Francisco, vive em harmonia com a natureza e o seu rio. E que essa harmonia foi abalada pelo progresso a qualquer custo por determinação da autoridade dominante.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica).

Um dos grandes desafios da modernidade é a geração de energia para alimentar as atividades humanas com menor impacto ambiental possível. Como os combustíveis fósseis foram um dos grandes causadores da crise climática e a energia nuclear, apesar da sua eficiência, vem associada a muitos riscos ao planeta, surgiram pesquisas e alternativas de energias renováveis como energia eólica, solar, mares e ondas. A energia hidroelétrica por muito tempo esteve entre essas fontes limpas de geração de energia, no entanto sabemos hoje que muitas dessas usinas hidrelétricas causaram grande impacto socioambiental. No caso específico de Sobradinho, tema e título da canção analisada, motivou a criação de uma organização chamada MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens.

Em torno deste tema, além da abordagem sobre o recurso água, como bem precioso para a vida, principalmente em locais de clima árido como o Sertão Nordeste, temos a possibilidade de avaliar os impactos dos diversos projetos de geração de energia. A usina de Belo Monte na região Norte do Brasil foi bastante criticada devido aos impactos socioambientais da sua construção. Com o crescimento da gestão ambiental e

da educação ambiental crítica, podemos analisar as vantagens e desvantagens de projetos como esse e quais as melhores alternativas.

7.3 Canção - PLANETA ÁGUA

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação

Título da canção: PLANETA ÁGUA

Autor da canção (Melodista/Letrista): Guilherme Arantes

Ano da Criação: 1981

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Guilherme Arantes / Festival MPB Shell

Ano de lançamento - 1981

Artista - Guilherme Arantes

Tipo de mídia – Disco Compacto dublo

Gravadora - WEA

C. Letra⁴²

Água que **nasce** na fonte serena do mundo

E que **abre** um profundo grotão

Água que **faz** inocente riacho

E **deságua** na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios

Que **levam** a fertilidade ao sertão

Águas que **banham** aldeias

E **matam** a sede da população

Águas que **caem** das pedras

No véu das cascatas, ronco de trovão

E depois **dormem** tranquilas

⁴² Letra da canção Planeta Água <https://www.letras.com/guilherme-arantes/46315/>

No leito dos lagos
No leito dos lagos
Água dos igarapés
Onde Iara, a mãe d'água
É misteriosa canção
Água que o sol **evapora**

Pro céu **vai** embora
Virar nuvens de algodão
Gotas de água da chuva
Alegre arco-íris sobre a **plantação**
Gotas de água da chuva
Tão tristes, são lágrimas na **inundação**
Águas que **movem** moinhos
São as mesmas águas que **encharcam** o chão
E sempre **voltam** humildes
Pro fundo da terra
Pro fundo da terra
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água
Terra! Planeta Água

D. Dados biográficos dos autores

O cantor, compositor e pianista Guilherme Arantes⁴³ nasceu em julho de 1953, em Santo Amaro da Poluição em São Paulo. Assim ele brinca ao comparar a sua cidade natal com a cidade Santo Amaro da Purificação de Caetano e Bethânia no Recôncavo Baiano. Único filho homem dos três filhos do Dr. Gelson, médico-cirurgião, e Dona Hebe, bibliotecária e tradutora. Como ele mesmo afirma, apesar do rigor da criação, foi muito rebelde na adolescência e juventude. Começou a estudar piano aos 6 anos, e abandonou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo para se dedicar à música. Sua carreira começou em bandas a partir de 1969 e partiu para carreira solo em 1976 fazendo muito sucesso cantando principalmente baladas românticas. Compositor de grandes sucessos

⁴³ Site oficial de Guilherme Arantes <http://guilhermearantes.com/site/br/>

com harmonias inesquecíveis, desde 2000 mora na grande Salvador, área metropolitana da Bahia onde possui uma Fundação / Instituto Planeta Água e um estúdio de gravação às margens do Rio Jacuípe.

E. Contexto histórico de produção

Guilherme Arantes⁴⁴ fala que foram as visitas às Cataratas do Iguaçu desde criança que o inspiraram a compor essa canção. Foz do Iguaçu, *iguazu* é uma palavra tupi-guarani que significa água grande, se encontra numa tríplice fronteira e acredita o compositor que ali existe uma força umbilical do planeta. A música foi feita como uma guarânia, ritmo inspirado nos indígenas do Paraguai que influenciou diversos estilos musicais nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do país. Até o momento ele não autorizou versões em outros idiomas pois acredita que essa característica musical precisa ser mantida como uma identidade dos povos originais, além de considerar que a água doce é a força natural do Brasil, como Iara, Oxum e Nossa Senhora Aparecida são as forças religiosas do país. Ele comenta que compôs essa canção em quinze minutos como uma psicografia, ou seja, mensagem advinda de outra dimensão. E se sente muito grato por ter essa canção em sua biografia musical. Planeta Água foi uma das canções finalistas do Festival MPB Shell de 1981. E apesar de ter sido feita a pedido do produtor musical Mazzola para o cantor Ney Matogrosso, ela foi defendida e eternizada na voz do próprio Guilherme.

F. Análise Textual (Leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

a) Palavras de significado desconhecido

Todas as palavras da letra são expressões relacionadas aos diversos tipos de ambientes e fenômenos relacionados ao elemento água.

b) Identificar estilo e método do texto

Letra escrita para formato canção composta por seis estrofes e uma frase forte usada como refrão: "Terra, planeta água".

⁴⁴ Guilherme Arantes fala em show sobre as Cataratas do Iguaçu, lembranças de criança e a música Planeta Água <https://www.youtube.com/watch?v=IHiR8TgtBts>

c) Intertextualidade

Esta canção é uma verdadeira aula sobre o ciclo da água. Desde as águas subterrâneas, aquíferos ou lençóis freáticos, de onde brotam muitos dos rios brasileiros, abrindo caminhos como riachos, cachoeiras, lagos e igarapés, essas águas com a ajuda do Sol, evaporam e formam as nuvens no céu que depois se precipitam em chuvas. Durante o percurso das águas, elas matam a sede e fertilizam a terra, enquanto o seu excesso causa tristeza nas inundações. Mas sempre o compositor as coloca no final em condição de tranquilidade e humildade para retomar todo o ciclo novamente.

Etapa 2 - Exploração do Material (2)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

A grande presença e importância da água no planeta Terra.

b) Qual a problemática que levou o autor a fazer a canção?

Apesar do planeta se chamar Terra, o elemento mais presente e evidente no globo terrestre é a água.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

Para contar o quão essa presença é forte e importante, o compositor fala das diversas manifestações da água doce, principalmente, desde as grutas até as chuvas. E como a sua presença altera a vida das pessoas matando a sede e possibilitando a cultura de alimentos. O texto conta a trajetória dessas águas em diversas nomenclaturas: riacho, ribeirão, rios, cascatas, lagos, igarapés, nuvens, chuvas, inundações e águas subterrâneas.

d) Qual a resposta ou posição do autor? Ele defende alguma ideia?

Defende que a Terra é um planeta cujo elemento predominante é água. Que a água, apesar da sua força ela sempre voltará humilde para nutrir a vida nos seus diversos estágios e assim conclui que a água é fundamental para a vida.

B. Tratamento dos dados: Codificação (1. Escolha das Unidades, 2. Escolha das Regras, 3. escolhas das Categorias)

- a) Recorte - música em formato canção identificada como MPB
- b) Enumeração - a palavra central de toda composição é 'Água'. Essa água aparece nas suas mais diversas manifestações, quando o compositor passa a tratá-la como águas. Seja no plural ou singular sempre será a mesma água que vai realizar o ciclo determinado pela natureza assim alimentando o ambiente e propiciando vida.
- c) Classificação e Agregação - nós podemos dividir essa canção em duas partes, cada uma possuindo três estrofes. A água como figura central é o sujeito de todas as ações. O elemento água **nasce, abre, faz e deságua** na primeira estrofe. Na segunda, as águas, agora no plural, **levam, banham e matam** a sede; e continuam na terceira estrofe, as águas **caem** e finalmente **dormem** "no leito dos lagos". Retoma-se a estrutura melódica e harmônica e a segunda parte toca na figura mística indígena Iara, ligada à água doce. A água "é misteriosa canção", depois **evapora, vai** embora e **vira** nuvens. Na estrofe seguinte, como no ciclo natural, as nuvens **caem** como chuva, alegre para plantação, mas triste na inundação. E finalmente na última estrofe, as águas são energia que **movem** moinhos, **encharcam** o chão e depois de toda trajetória, "**voltam** humildes para o fundo da terra". Para encerrar a canção, repete-se incessantemente, a frase refrão: "**Terra, planeta água**" como se quisesse lembrar a todos que apesar do planeta ser conhecido como Terra, o elemento água representa maior parte da sua constituição, ou seja, 70%.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

Guilherme Arantes coloca em poesia as diversas manifestações da água na Natureza desde a fonte até retornar aos lençóis freáticos ou águas subterrâneas. Desenha desde a primeira estrofe a singela força de uma nascente que abre grotões, faz riachos e ribeirão. Na segunda, fala dos serviços da fertilidade no sertão, bioma árido do Brasil,

banha aldeias e mata a sede. E apesar do som estrondoso da queda das águas, elas dormem tranquilas nos lagos.

A partir da quarta estrofe se retoma o caminho melódico-harmônico inicial e a água aparece frágil nos igarapés que são pequenos e rasos cursos d'água típicos da Amazônia e Pantanal, onde embarcações pequenas das comunidades ribeirinhas idolatram a Iara, rainha das águas doces na mitologia indígena. Fala que essa água evapora com o calor do Sol e se torna nuvens e chuva, que ao cair em doses graciosas representam alegria na plantação e tristeza em grandes tempestades e inundações. Fonte de energia, essas águas movem moinhos, encharcam o chão, mas sempre fecham o ciclo voltando humildes para o fundo da terra. Encerra-se a canção afirmando repetidamente que a Terra é um planeta água.

A letra da canção "Planeta Água" tem sido ferramenta de diversas atividades educativas sobre o elemento água. Como afirma o próprio compositor, sua canção até foi adotada como tema da usina hidrelétrica de Itaipu, uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo que fica no rio Paraná, um dos rios que alimenta as Cataratas do Iguaçu.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

O texto dessa composição é basicamente pautado no elemento água e seu ciclo na natureza. A maior afirmação do texto é o planeta Terra ser de fato o planeta água. E isso fica evidente em qualquer imagem do globo terrestre ou mapa mundial. No entanto, apesar do planeta ser 70% água, sabemos que desses 70%, apenas 3% são água doce que envolve águas subterrâneas, rios, lagos e geleiras. Já que os oceanos e mares possuem água salgada e as geleiras são inviáveis para exploração e utilização, Guilherme Arantes se concentra exatamente nas águas que fazem parte da vida das pessoas, desde os lençóis freáticos aos lagos ou desde os pequenos cursos de água às chuvas que levam as águas para o fundo da terra. Ele traça em cada parte da canção, um percurso dessas águas, sempre concluindo com tranquilidade e humildade para recomeçar todo o ciclo novamente.

Estas águas assumem diversos nomes durante o percurso como riacho, ribeirão, rios, cachoeiras e lagos. Enquanto abrem as veias na terra, as águas possibilitam atividades e mudam a vida das pessoas. Ainda nos igarapés, os povos originários cultuam a Iara, a rainha das águas doces. E graças ao Sol, evaporam e se tornam nuvens e chuvas. Aqui

faz-se uma diferença das chuvas que regam a plantação e as tempestades que causam transtornos às pessoas. E na sexta estrofe chega à conclusão de que mesmo com toda a força que move moinhos e gera energia, a água volta para o fundo da terra. A água, elemento tão poderoso e fundamental para a vida, parece ter uma certa generosidade ao se oferecer para os seres que dela necessitam.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses o uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

A música Planeta Água foi uma das finalistas do Festival MPB Shell em 1981, ficando em 2º lugar. Mesmo assim se tornou um grande sucesso e passou a ser adotada em várias campanhas e práticas de educação ambiental. Podem-se abordar questionamentos como: De onde vem a água? Como podemos encontrar a água na Natureza? Qual a sua importância para a vida no planeta? Quais as atividades que necessitam de água? Como podemos economizar esse recurso natural?

Importante salientar que apesar da água representar 70% do planeta, apenas uma margem pequena de toda essa água, menos de 1%, pode ser usada para consumo humano. Esse líquido precioso também se encontra em proporções diferentes nos diversos continentes. Enquanto há grandes concentrações de água doce na América do Sul, há regiões como o norte da África, o Oriente Médio e o sul da Ásia que carecem desse recurso.

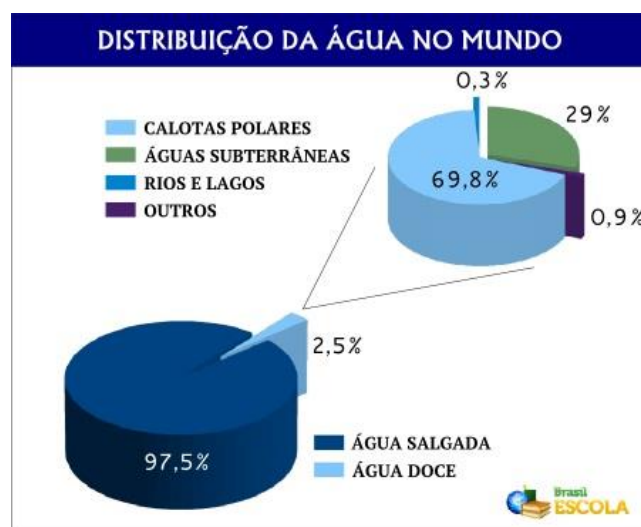


Figura 2. Gráfico da distribuição da água na biosfera terrestre. Fonte:
<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/distribuicao-agua-no-mundo.htm>

Por ser um elemento fundamental para a vida e devido a desigualdade na distribuição, muitas organizações preveem um futuro de disputas pela água no mundo. O fato é que as regiões com maior recurso hídrico possuem menor densidade demográfica e os centros urbanos, além de consumir toda a água disponível, ainda contaminam seus rios e águas subterrâneas. Apesar de existirem diversas campanhas para conscientizar o cidadão a reduzir o consumo de água no dia a dia, o que parece um fator positivo, a maior parte da água doce é usada para atividades agropecuárias e industriais que terminam por suprir as necessidades de consumo da população dos grandes centros. Então tanto faz beber um copo de suco, comprar uma roupa ou comer um legume, todos eles têm água no seu processo produtivo. Então, além de educar as pessoas a usarem a água tratada com responsabilidade, devemos mostrar que todo produto é resultado de diversos serviços oferecidos pela natureza e que o consumismo (consumo irresponsável) e o desperdício, são os maiores inimigos do meio ambiente.

8 ELEMENTO AR

O **AR** é o elemento mais urgente para nossa existência porque podemos passar vários dias sem alimento, um número menor de dias sem água, mas apenas poucos instantes sem ar. A poluição atmosférica foi o primeiro sinal de degradação ambiental resultante da industrialização e do excessivo uso dos combustíveis fósseis. Poder respirar em um ambiente com ar 'puro' é fundamental para saúde. A respiração profunda regula os batimentos cardíacos, ajuda a clarear o raciocínio e apaziguar as emoções. A conexão do ser humano com o seu Eu interior (*self*) através da meditação é uma prática que favorece qualidade de presença e interação com o meio ambiente. Como também podemos associar a música a esse elemento pois o fenômeno físico do som necessita do ar para propagar. Para representar esse elemento contamos com a divertida canção de Joyce Moreno, *Monsieur Binot*.

8.1 Canção – MONSIEUR BINOT

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação

Título da canção: MONSIEUR BINOT

Autora da canção (Melodista/Letrista): Joyce Moreno

Ano da Criação: 1981

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Água e Luz

Ano de lançamento - 1981

Artista - Joyce

Tipo de mídia - Disco LP

Gravadora - EMI

C. Letra⁴⁵

⁴⁵ Letra da música Monsieur Binot <https://www.lettras.com/joyce/266696/> ou <https://www.vagalume.com.br/joyce/monsieur-binot.html>

Olha aí, monsieur Binot
Aprendi tudo o que você me ensinou
Respirar bem fundo e devagar
Que a energia está no ar

Olha aí, meu professor,
Também no ar é que a gente encontra o som
E num som se pode viajar
E aproveitar tudo o que é bom

Bom é não fumar
Beber só pelo paladar
Comer de tudo que for bem natural
E só fazer muito amor
Que amor não faz mal

Então, olha aí, monsieur Binot
Melhor ainda é o barato interior
O que dá maior satisfação
É a cabeça da gente, a plenitude da mente
A claridade da razão

E o resto nunca se espera
O resto é próxima esfera
O resto é outra encarnação

D. Dados biográficos dos autores

A carioca Joyce Moreno⁴⁶ nasceu em 1948 no Rio de Janeiro e tem uma história musical muito respeitada. Cantora, compositora, arranjadora e instrumentista tem cerca de 400 gravações de suas músicas por expressivos nomes da música brasileira como Elis Regina, Gal Costa, Ney Matogrosso, Zizi Possi, Simone e outros. Além de nomes de peso

⁴⁶ Site oficial da cantora, compositora e instrumentista Joyce Moreno <https://www.joycemoreno.com/>

internacional como Annie Lennox, Wallace Roney, Omara Portuondo, Black Eyed Peas, Flora Purim ...

Se formou em Comunicação em 1970, deu um tempo na carreira musical para cuidar das filhas Clara e Ana que deram título e inspiração a uma das suas mais famosas canções. Em 1975 retorna aos palcos ao lado do poetinha Vinícius de Moraes fazendo turnês na América Latina e depois Europa. Passou a gravar vários trabalhos em outros países e assim consolidou uma maravilhosa carreira internacional, principalmente nos festivais de Jazz e Bossa Nova. Cantora, instrumentista e compositora de grande competência, representa com maestria a música brasileira em diversos festivais internacionais sem perder nunca sua identidade brasileira feminina. Desde o início da carreira, adotou a linguagem feminina na 1ª pessoa sendo a primeira compositora brasileira a se expressar desta forma na história da MPB. Recebeu 4 indicações ao Grammy Latino e tem até o momento 34 CDs e 2 DVDs individuais, além de compilações e participações. Ademais da música possui livros, programas de TV e documentários sobre os bastidores da MPB, a Bossa Nova, seus compositores e o Rio de Janeiro.

E. Contexto histórico de produção

A história do contexto de produção da música escolhida para representar o elemento Ar, por si só justifica sua escolha. A milenar tradição mística da Índia afirma que o *Prana* ou força vital está no ar e a boa respiração harmoniza os centros de força ou *chakras* que acumulam, transformam e distribuem essa energia. Segundo Viegas (2013) Monsieur Binot é uma elegia à vida saudável, mas sobretudo, é uma homenagem da autora ao professor de yoga Vitor Binot⁴⁷, que foi considerado o mestre de toda uma geração saudável e alternativa que começou a se formar nos anos 1960/70 no Brasil.

Binot, aos vinte e poucos anos, foi para a Índia, viveu em templos budistas e voltou de lá como mestre Yoga. Por conseguinte, foi a cultura indiana e os ensinamentos de Binot que inspiraram a criação da música. Em setembro de 2017, Joyce fez um show em São Paulo, denominado Águas de Março e no repertório estava a naturalista canção Monsieur Binot, mostrando sua atualidade.

Os enunciados abordam o respeito à transmissão de conhecimentos tradicionais “*aprendi tudo o que você ensinou*” (estrofe 1), aprendizados que sugerem a conexão

⁴⁷ História de Vitor Binot, personalidade que inspirou a canção
<http://decarlicris.blogspot.com/2013/06/monsieur-binot-joyce.html>

consigo mesmo e com o meio ambiente, o ar puro para respirar e o respeito ao próprio corpo ao manter hábitos saudáveis “*bom é não fumar, beber só pelo paladar, comer de tudo que for bem natural*” (estrofe 3).

Vitor Binot faleceu muito jovem de leucemia, mas ficou imortalizado na memória e no afeto daqueles que conviveram e aprenderam com ele a simplicidade de ser no mundo sem apegos.

F. Análise Textual (Leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

- a) Palavras de significado desconhecido – O título remete ao idioma francês: *monsieur* - *senhor* Binot.
- b) Identificar estilo e método do texto – Letra escrita para formato canção sem refrão. Apenas identifica-se duas mudanças melódicas que favorecem a apresentar uma linha de raciocínio, um argumento. Como uma boa canção, essa melodia retorna algumas vezes como um diálogo.
- c) Intertextualidade – Todos os ensinamentos compartilhados na canção fazem parte de uma filosofia naturalista, vinda do oriente. Respirar fundo e devagar é uma prática meditativa conhecida como *pranayama* que favorece o equilíbrio dos *chakras* ou centros vitais através da respiração consciente. No ar encontramos o *prana* ou fluido universal. Sobre o fenômeno do som, na física é definido como onda longitudinal e mecânica que se propaga pelo ar e por outros meios a partir da vibração de suas moléculas. Esses sons são percebidos pelo nosso aparelho auditivo e decodificado pelo cérebro. A estrofe 3 tem uma lista de dicas de saúde sobre fumo, bebida alcoólica, alimentação e sexo seguro. Nas estrofes finais a compositora retoma o diálogo com Binot falando sobre o autoconhecimento, saúde emocional e mental que deve ser cultivada agora, nessa existência. As muitas filosofias orientais acreditam em reencarnação, ou seja, que há vida após a morte e o renascimento, caso tenha perdido a chance de adquirir algum conhecimento importante. Em síntese, se não aprender nessa vida, vai ter que renascer de novo.

Etapas 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

- a) Qual o tema ou assunto da canção?

Os ensinamentos de um mestre de Yoga para uma vida saudável e plena.

- b) Qual a problemática que levou a autora fazer a canção?

A compositora foi uma das discípulas do Vitor Binot.

- c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

Em cada estrofe ela fala um pouco sobre os princípios aprendidos com o mestre Binot.

- d) Qual a resposta ou posição da autora? Ela defende alguma ideia?

O argumento da autora é que ela aprendeu tão bem que transformou tudo o que ele ensinou em uma canção.

B. Tratamento dos dados: Codificação (1. Escolha das Unidades, 2. Escolha das Regras, 3. escolhas das Categorias)

- a) Recorte – música em formato canção identificada como MPB
- b) Enumeração – Apesar do foco da canção ser o aprendizado com o professor Binot, o elemento AR é citado logo nas duas primeiras estrofes pois tanto na filosofia oriental como para música é um elemento crucial. No meio da canção a compositora sugere práticas saudáveis e encerra com o resultado de tudo isso: saúde plena.
- c) Classificação e Agregação – O ar, nas duas primeiras estrofes, determina a intenção da letra: compartilhar práticas saudáveis através de um bom som, ou seria, boa música. No entanto respirar e ouvir boa música não são suficientes. Essas práticas exigem outros hábitos como não fumar, beber socialmente, se alimentar com comidas naturais e fazer amor (*peace and love*). As estrofes finais mostram o que é possível conquistar com tais hábitos: um encontro

consigo mesmo, cabeça boa e mente clara. E como nos anos 1960/70, a meditação se tornou moda no novo milênio: o *mindfulness*, atenção plena, qualidade de presença. Então se não conseguir viver plenamente o presente, só em outra vida.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

Nessa canção, o texto não fala sobre poluição atmosférica, gases de efeito estufa, emissões de carbono, qualidade do ar das cidades, etc. É uma canção leve, bem-humorada onde o AR aparece como elemento fundamental para ter saúde plena e para propagar o som. A compositora dialoga com o professor Binot, mestre de yoga, afirmando que aprendeu tudo que ele ensinou. Na prática de yoga, a respiração é fundamental para concentração, posturas, meditação e iluminação que só será alcançada através da absorção da energia vital ou *prana* que se encontra no ar. Para acontecer a música, também é fundamental o som, e o som é feito de ondas que se propagam no ar. E como na meditação, através do som, também podemos viajar. Através da música ou dos sons de alguns ambientes, cria-se a possibilidade de nos transportar para momentos vividos alegres ou tristes, situações, territorialidades, culturas, memórias afetivas.

No miolo da canção, que é o momento em que a melodia muda, a compositora faz uma lista de hábitos saudáveis. Afinal, mesmo com toda yoga e boa música, fumar, se embriagar, comer mal e fazer sexo desregrado podem causar doenças.

Novamente, ela volta a dialogar com Binot, agora para falar das consequências das dicas anteriores, o seja, dos hábitos para uma vida saudável: autoconhecimento, satisfação, cabeça boa, mente plena e raciocínio claro. Se por acaso depois de toda essa transformação, algo dessa qualidade de vida não for conquistada, fica ainda aberta a possibilidade de alcançar na próxima esfera ou em outra encarnação.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

O elemento que proporciona ao indivíduo captar a energia e o som é o Ar. Depois outras sugestões de hábitos saudáveis são citadas para finalmente se alcançar o equilíbrio mental, emocional e físico no momento presente.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses o uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

A canção Monsieur Binot de imediato não se relaciona às questões ambientais, no entanto como uma das características de toda arte, podemos através da sua mensagem, inicialmente voltada para estimular a qualidade de vida, desdobrá-la para uma visão holística. Não há saúde mental, física e até espiritual sem um ambiente saudável. O elemento que nos liga à canção é o ar. Elemento urgente para se estar vivo, pois podemos ficar sem alimento e água por algum tempo, mas poucos minutos sem respirar. Ainda há o fato da qualidade desse ar e quantos males a poluição atmosférica vêm causando no planeta e principalmente nas populações de cidades e áreas industriais.

Apesar da tradição milenar oriental ser cada vez mais difundida nos países do ocidente, independente de crenças, a ciência tem provado o poder da meditação e consequentemente os efeitos da sua prática. Respirar fundo regula os batimentos cardíacos, propicia clareza de pensamento e acalma as emoções. Na meditação, ainda potencializamos esses benefícios quando favorecemos o autoconhecimento e a interação com o ambiente.

Outro *link* estabelecido pela canção é a relação do ar com o fenômeno Som. Só há música se houver som. Então os sons, sejam musicais ou apenas som ambiente, podem nos transportar, nos curar e nos inspirar sensações boas ou ruins como o barulho do tráfego pesado das grandes cidades ou o som de um instrumento musical bem executado. O pesquisador geógrafo Ye-fu Tuan, no seu livro *Topofilia* (2012, pp. 20-21), afirma que a audição de todos os sentidos é o que nos dá melhor noção de espaço e pode ser uma excelente oportunidade de despertar a memória afetiva.

9 BIODIVERSIDADE AMEAÇADA

Biodiversidade ou diversidade biológica "significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas". Esta é a definição que encontramos na Convenção sobre Diversidade Biológica⁴⁸ (1992) adotada pelos países membros da ONU. A perda da biodiversidade é um dos maiores problemas ambientais resultantes do modelo predatório de vida humana. A redução da variedade de espécies coloca em risco todo um ecossistema, já que nenhum organismo vive isoladamente. As principais ameaças aos ecossistemas e perda da diversidade biológica são a destruição de habitat, a exploração exacerbada de algumas espécies de animais e plantas, a introdução de espécies exóticas, o aumento das atividades agropecuárias, a poluição e a alteração climática.

A Ecologia Profunda do filósofo norueguês Arne Naess (1970) citado em Capra, (1996, pp. 25-26) e a Alfabetização Ecológica (1996, pp. 231-235) recomendam uma nova abordagem sobre a interdependência entre toda a vida no planeta, o que Capra chama de a Teia da Vida. Ele coloca a urgência de uma visão sistêmica da natureza e aponta uma divergência entre os princípios da Economia que enfatizam a concorrência, a expansão e a dominação e os princípios da Ecologia que valorizam a VIDA. Esses princípios precisam ser apreendidos para alcançarmos a sustentabilidade: cooperação, conservação, reciclagem, flexibilidade, diversidade, interdependência e parceria. As canções *Saga da Amazônia* - Vital Farias, *Matança* - Jatobá, *Passaredo* - Francis Hime e Chico Buarque, e *Xote Ecológico* - Luiz Gonzaga e Aguinaldo Batista falam sobre as ameaças à biodiversidade e as consequências negativas para a vida da humanidade, sobretudo para as comunidades tradicionais como os indígenas e quilombolas e os socialmente vulneráveis, caso dos moradores de favelas e periferia.

9.1 Canção – SAGA DA AMAZÔNIA

Etapa 1 – Pré-análise

⁴⁸ Convenção da Diversidade Biológica <https://mma.gov.br/biodiversidade/conven%C3%A7%C3%A3o-da-diversidade-biol%C3%B3gica>

A. Identificação:

Título da canção: SAGA⁴⁹ DA AMAZÔNIA

Autores da canção (Melodista/Letrista): Vital Farias

Ano da Criação: 1979

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Sagas Brasileiras

Ano de lançamento - 1982

Artista - Vital Farias

Tipo de mídia - DISCO LP

Gravadora - Polygram

C. Letra⁵⁰

Era uma vez na Amazônia, a mais bonita floresta
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
No fundo d'água as Iaras, caboclo lendas e mágoas
E os rios puxando as águas

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores
Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir
Era fauna, flora, frutos e flores

Toda mata tem caipora para a mata vigiar
Veio caipora de fora para a mata definhar
E trouxe dragão-de-ferro, pra comer muita madeira
E trouxe em estilo gigante, pra acabar com a capoeira

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
Pra o dragão cortar madeira e toda mata derrubar

⁴⁹ Qualquer canção ou lenda antiga acerca de feitos heroicos. Narrativa baseada em alguma dessas lendas, rica de incidentes. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/saga>

⁵⁰ <https://www.letras.com/vital-farias/380162/>

Se a floresta meu amigo, tivesse pé pra andar
Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá

O que se corta em segundos gasta tempo pra vingar
E o fruto que dá no cacho pra gente se alimentar
Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
Igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar

Mas o dragão continua a floresta devorar
E quem habita essa mata, pra onde vai se mudar?
Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá
Tartaruga, pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura

No lugar que havia mata, hoje há perseguição
Grileiro mata posseiro só pra lhe roubar seu chão
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
Afora os que já morreram como ave-de-arribação
Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
Gente enterrada no chão

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro
Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
Roubou seu lugar

Foi então que um violeiro chegando na região
Ficou tão penalizado que escreveu essa canção
E talvez, desesperado com tanta devastação
Pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção
Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
Dentro do seu coração

Aqui termina essa história para gente de valor
Pra gente que tem memória, muita crença, muito amor
Pra defender o que ainda resta, sem rodeio, sem aresta

Era uma vez uma floresta na Linha do Equador

D. Dados biográficos do autor⁵¹

Vital Farias nasceu dia 23 de janeiro de 1943, em Taperoá - Paraíba, caçula de 14 irmãos. Foi alfabetizado com as irmãs através da Literatura de Cordel. Aos 18 anos, apesar da tradição musical da família, começou a estudar violão sozinho. Nessa época, foi para João Pessoa para servir ao Exército. Participou de diversos conjuntos musicais, entre os quais "Os quatro loucos", que apresentava imitações de músicas do conjunto de rock inglês "The Beatles". Pouco depois passou a dar aula de violão e teoria musical no Conservatório de Música de João Pessoa. Em 1975 mudou-se para o Rio de Janeiro, e no ano seguinte ingressou para a Faculdade de Música do Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro começou a participar de shows e outros eventos artísticos, como a peça "Gota d'água" (1976), de Chico Buarque de Hollanda, atuando como músico. Sua primeira composição gravada foi "Ê mãe", em parceria com Livardo Alves e gravada por Ari Toledo. Em 1978 gravou o seu primeiro disco. Dois anos depois saía "Taperoá", seu segundo disco. Em 1982 lançou o LP "Sagas brasileiras". Em 1984 lançou, pela Kuarup, o CD Cantoria I, com Elomar, Geraldo Azevedo e Xangai. Em 1985 lançou o LP "Do jeito natural", uma coletânea com seus maiores sucessos. No mesmo ano participou do álbum Cantoria II, com os mesmos integrantes do CD anterior. Depois disso resolveu parar de gravar por um tempo e passou a se dedicar aos estudos. Suas composições destacam-se pelo humor e inventividade, onde se mesclam canções nordestinas, sambas de breque, modinhas, xaxados e outros ritmos.

Em 2002, produziu o disco de estreia de sua filha, a cantora Giovanna, no qual estão presentes 15 composições de sua autoria. O disco foi lançado pelo selo Discos Vital Farias. No mesmo ano lançou o disco "Vital Farias ao vivo e aos mortos vivos". Recebeu, ainda no mesmo período, o título de Cidadão do Rio de Janeiro.

E. Contexto histórico de produção⁵²

⁵¹ <https://www.mpbnet.com.br/musicos/vital.farias/index.html>

⁵² <https://ruboresdeaurorablog.wordpress.com/2016/08/20/vital-farias-e-a-saga-da-amazonia/>

Apesar de Vital Farias ser paraibano de Taperoá, estado do nordeste brasileiro onde não há qualquer contato com a Amazônia Legal⁵³, como um menestrel conseguiu descrever a saga daqueles que lá vivem entre a beleza e a riqueza da biodiversidade e a ganância violenta dos homens que a querem explorar e destruir. Ele mostrou essa música para Chico Mendes, seringueiro e ativista ambiental conhecido por lutar a favor dos indígenas e do povo ribeirinho que trabalha com extrativismo não madeireiro na Amazônia. Chico ficou tão impressionado com a riqueza da letra ao contar os desafios do povo e sua Floresta que pediu uma fita K7 com a gravação da canção. Chico Mendes fez cópias e distribuiu para vários líderes comunitários e indígenas. Vital não voltou a encontrar Chico antes dele ser assassinado em 1988, mas sempre conta essa história e a emoção de cantar em um evento da FUNAI (Fundação Nacional do Índio)⁵⁴, órgão do governo federal brasileiro em defesa do povo indígena, onde teve o coral de vários indígenas, ribeirinhos e povo da floresta cantando de cor toda sua Saga.

Em muitas apresentações onde Vital Farias cantou essa canção, ele contava o fato explicitado no parágrafo anterior e fazia uma citação de *A Peleja do Cantador* (Françóis Silvestre):

"Só é cantador quem traz no peito o cheiro e a cor de sua terra

A marca de sangue de seus mortos e a certeza de luta dos seus vivos"

Logo no ano seguinte da sua primeira gravação, Vital Farias ao lado de outros cantadores registraram ao vivo a Saga da Amazônia no disco Cantoria 1. A cantora Elba Ramalho também fez a sua versão no disco Popular Brasileira em 1989. Essa canção também aparece em diversos estudos relacionados aos movimentos ambientalistas de preservação à biodiversidade, educação ambiental e defesa da Amazônia.

F. Análise Textual (leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

a) Palavras de significado desconhecido

A maioria das palavras usadas nessa grande letra tem referência com a fauna, a flora, as pessoas e os mitos da floresta.

⁵³ <https://www.ecoamazonia.org.br/2020/06/ibge-atualiza-mapa-amazonia-legal/>

⁵⁴ <https://www.gov.br/funai/pt-br>

Algumas lendas⁵⁵ e palavras indígenas mencionadas:

Iara - índia guerreira que vive nas águas doces

Curumim⁵⁶ - crianças, jovens

Jurupari - o legislador ou o demônio dos sonhos, também pode ser um ritual de iniciação masculina ou de agradecimento pela boa pesca

Uirapuru⁵⁷ - um pássaro mágico que traz muita sorte

Caipora - em tupi *caapora* quer dizer "habitante do mato" e trata-se de uma ou um guardião da floresta contra os caçadores

*Kamaiurá*⁵⁸ - povo indígena que vive no Alto Xingu conhecido principalmente pelos rituais *Kwarup* (festa dos mortos) e o *Jawari* (festa de celebração dos guerreiros). O Alto Xingu fica no Mato Grosso, região do centro oeste brasileiro.

Termos regionais⁵⁹:

Caboclo - nome que se dá aos nativos brasileiros filhos de indígenas e brancos, cujos traços incluem pele morena ou acobreada, cabelos escuros e lisos.

Capoeira - área de mata que foi roçada ou queimada

Igarapé - curso de água estreito e de pouca profundidade navegável apenas por pequenas embarcações

Seringueiro - pessoa que extrai o látex da seringueira para converter em borracha

Castanheiro - pessoa que cata, comercializa e / ou assa castanhas para vender

Grileiro - pessoa que tenta obter a posse de terras por meios ilegais

Posseiro - pessoa que ocupa terra abandonada ou devoluta para a cultivar

Peão - homem que se ajusta a trabalhar no campo

Ave de arribação - ave que muda de região em certas épocas do ano

Violeiro - quem toca viola, ou seja, o tocador de viola

b) Identificar estilo e método do texto

A Saga conta uma longa história em grandes estrofes como se fosse canção de um musical ou trecho de uma ópera. As melodias giram em ciclos, mas sem ser monótono.

⁵⁵ <https://www.todamateria.com.br/lendas-indigenas/>

⁵⁶ <https://www.academia.org.br/artigos/curumim-e-um-ser-livre>

⁵⁷ https://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/lenda_uirapuru.htm

⁵⁸ <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kamaiur%C3%A1>

⁵⁹ <https://dicionario.priberam.org/>

Mesmo enquadrado no estilo musical sertanejo nordestino dos violeiros e cantadores, os compositores desse gênero por sua riqueza musical e cultural são considerados também, importantes nomes da MPB.

c) Intertextualidade

As referências mais fortes da letra de Saga da Amazônia são as lendas indígenas como a Iara, a Caipora e o Uirapuru. Alguns animais da região são mencionados, no entanto, a prioridade da mensagem é mostrar a tensão social resultante do choque de interesses entre as pessoas, nativos da região que respeitam a dinâmica da natureza e os forasteiros que ameaçam a preservação e a paz daquele lugar.

Etapa 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

O tema principal dessa canção é a degradação socioambiental da Amazônia.

b) Qual a problemática que levou o autor a fazer a canção?

Vital Farias inspirado nas notícias que chegavam daquela região, mesmo sem ter vivenciado tais situações, conseguiu transformar em uma bela obra musical a natureza ameaçada e a saga daquele povo.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

A primeira frase "Era uma vez na Amazônia ..." demonstra que o autor pretende contar uma história de algo mágico, bonito que já não existe mais. Assim o autor apresenta nas duas primeiras estrofes as belezas naturais e as lendas do lugar. A partir da terceira estrofe mistura fantasia e a ameaçadora realidade. O 'dragão de ferro come muita madeira' com base em projetos irregulares que ameaçam e destroem a floresta, suas águas, fauna, flora e seu povo que se sente acuado e perseguido. Então, na oitava estrofe o foco é o conflito social gerado pelas disputas entre as diversas faces do povo amazônico e os

forasteiros que chegam para explorar as riquezas do lugar. A principal consequência é a violência e a morte de muitos.

d) Qual a resposta ou posição do autor? Ele defende alguma ideia?

A resposta do autor se encontra na conclusão da canção. Nas duas últimas estrofes, ele fala em terceira pessoa como o violeiro entristecido em testemunhar aquela situação que chega a abandonar o lugar sem destino. Entretanto, antes de sumir no mundo, faz a canção como denúncia e termina a história convidando as pessoas de bem para defenderem o que ainda resta dessa floresta equatorial.

B. Tratamento Dos Dados: Codificação (escolha das Unidades, escolha das Regras e escolha das Categorias)

- a) Recorte - música em formato canção classificada como Música Popular Brasileira do Nordeste (Sena & Matos, 2012, p. 170). A principal inspiração dos violeiros e cantadores é a vida do povo, suas histórias ou causos que podem ser contados nas rodas de viola. No Brasil, encontramos a música sertaneja em diversas regiões do país, não apenas circunscrita ao bioma Sertão, mas possui algumas características marcantes como a viola ou violão como instrumento principal, inspiração rural, linguagem regional, voz de timbre anasalado que algumas vezes se apresenta em duetos de terças (Ulhoa, 2018, pp. 6-7).
- b) Enumeração - a saga se passa na Amazônia, uma bonita e imensa floresta. Vital Farias desenvolve a sua saga, primeiro nos localizando e descrevendo as paisagens, os bichos, as águas abrindo caminhos para a inocência dos pequenos indígenas e os mitos do lugar. Como testemunha da história, ele conta o que mudou a harmonia desse local em detalhes e muitas metáforas. Da degradação ambiental surgiu o conflito social que causa morte e fuga do povo nativo. Apesar da grande extensão da letra, poucas palavras se repetem como 'floresta' (4 vezes), 'mata' (7 vezes) que significa tanto vegetação com diferentes espécies de árvores como o verbo matar que aparece conjugado no indicativo: "grileiro mata posseiro só pra lhe roubar seu chão", " Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro...". Fica claro que a ganância dos forasteiros gerou uma série de atos de violência contra a natureza e contra os nativos. A situação

parece difícil de ser resolvida sem a ajuda de outras pessoas de bem e de valor para defender aquele povo e aquele importante lugar na linha do Equador do planeta Terra.

- c) Classificação e Agregação - o *eu* narrador é o menestrel, o violeiro que sai cantando e declamando seus versos e canções pelo mundo. E como músico ambulante, ele é testemunha do que acontece em todos os cantos por onde passa. O interessante é que apesar dos fatos da degradação ambiental e das disputas sangrentas na Amazônia serem conhecidos pelos meios de comunicação, essa não era uma realidade vivida pelo compositor. E essa genialidade em alcançar tamanho realismo e sentimento foi o que impressionou o ambientalista Chico Mendes que logo depois de ouvir o compositor mostrar a canção, pediu uma gravação da Saga para partilhar com seu povo da floresta.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

A canção Saga da Amazônia de Vital Farias possui dez estrofes que contam uma história que dialoga com a realidade e a mitologia. A frase que inicia "Era uma vez ..." introduz nas primeiras estrofes as lendas da floresta enquanto o compositor descreve o ambiente em harmonia com os seres que habitam esse bioma. Na terceira estrofe o elemento intruso é colocado como 'dragão-de-ferro' que come muita madeira sem limites promovendo o desmatamento ou desflorestamento. Na quarta estrofe outro elemento intruso é o projeto feito às escondidas. Onde há farsa, há mentira e perigo. Então o 'dragão' realizando o ambicioso projeto desse homem forasteiro que invadiu a floresta, destrói tudo espantando os animais e os nativos do lugar. Da terceira à sexta estrofe, a melodia é bem parecida e desenvolve os temas invasão e desflorestamento. Na sétima e oitava estrofes, o autor fala das consequências sociais dessa invasão à floresta. Violência e conflito entre os invasores e o povo do lugar. Na nona estrofe o compositor se identifica como o violeiro, o menestrel que testemunhou essa saga e a transformou em canção, compartilhando os seus sentimentos. A última estrofe é um convite para as pessoas boas de todos os lugares agirem em defesa da mata e do seu povo pois a canção é um alerta para as ameaças que ainda rondam a floresta Amazônica.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

A característica mais importante dessa canção é a letra em discurso narrativo. É uma letra com dez estrofes bem desenvolvidas numa relação de tempo e espaço. Primeiro um passado onde a Natureza e os seres viviam em harmonia na floresta. O 'Era uma vez na Amazônia ...' sugere esse passado em equilíbrio, como também sugere um futuro sem a Amazônia se os ouvintes permanecerem desatentos ao que o narrador vai contar.

De um passado em harmonia, o autor expõe um presente difícil, quando o forasteiro, o homem que não tem vínculos com a floresta só a vê como fonte de lucro. Esse homem é tão ambicioso que usa os piores meios para garantir suas vantagens como projetos sem fiscalização e autorização, e a disseminação da violência para prevalecer o negócio ilegal que degrada o ambiente e gera conflitos na comunidade, espalhando medo e morte.

O narrador ao avisar que a história está chegando ao fim, ele assume ser testemunha dos fatos como o violeiro que foi tocado pelo cenário socioambiental devastador daquela linda região. E afirma que está usando aquela canção para denunciar os sérios problemas que estão acontecendo na Amazônia. E encerra ao pedir ajuda às pessoas de valor, sem rodeios, em um discurso claro e objetivo, para salvar o que ainda resta desse importante bioma localizado na latitude da linha do Equador.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

Apesar da canção *Saga da Amazônia* ser uma composição de 1979/1982, os temas abordados retratam fatos ainda atuais. A letra é uma fonte rica para trabalhar diversos temas relacionados à crise ambiental no mundo. O bioma cenário da canção é considerado um marco entre as florestas tropicais possuindo a maior biodiversidade e a maior reserva de água doce do planeta. Também é considerado um dos importantes pontos de serviços ecossistêmicos em prol da manutenção da vida no planeta no Holoceno. Os geólogos chamam de Holoceno – a época do período Quaternário da Era Cenozóica que se iniciou há cerca de 11,5 mil anos e que se estende até o momento. Durante essa fase com o apoio da Natureza, meio biótico e meio abiótico, o clima se tornou mais ameno e os fenômenos naturais menos extremos e mais previsíveis favorecendo ao desenvolvimento da espécie humana.

As maiores pressões para degradação de áreas da Amazônia são atividades econômicas como agropecuária, mineração e extração de madeiras. Então alguns países passaram a dar um apoio aos governos para preservarem essas regiões. É o caso do Fundo Amazônia que se baseia nos resultados do REDD+, sigla que se refere à redução de emissões de gases de efeito estufa oriundas de desmatamento e degradação ambiental. Alguns resultados do Fundo Amazônia de acordo com o artigo de Marcovitch e Pinsky (2020):

Um milhão de imóveis rurais inscritos no Cadastro Ambiental Rural (CAR); 1.236 missões de fiscalização ambiental efetuadas; 338 instituições apoiadas diretamente e por meio de parceiros; 193 mil pessoas beneficiadas com atividades produtivas sustentáveis; 190 unidades de conservação apoiadas; 65% da área das terras indígenas da Amazônia apoiadas, e 594 publicações científicas ou informativas produzidas (BNDES, 2019).

Fica evidente que mesmo diante de tropeços governamentais, o investimento proporcionou alguns bons resultados para região. Mas a Natureza tem valor? Em uma matéria da BBC News Brasil in London, a jornalista Mônica Vasconcelos aborda duas investigações onde tentam mensurar o valor dos benefícios que a Floresta Amazônica oferece ao mundo. Esses estudos pretendem auxiliar os brasileiros a encontrarem atividades sustentáveis baseadas no potencial da floresta, rendendo dólares e dignidade às comunidades locais sem que mais nenhuma árvore precise ser derrubada. Um estudo é o *Changes in the Global Value of Ecosystem Services* sob a responsabilidade do professor e pioneiro em precificação de serviços ambientais, Robert Constanza da Crawford School of Public Policy da Universidade Nacional da Austrália. E o outro estudo, Valoração Espacialmente Explícita dos Serviços Ecossistêmicos da Floresta Amazônica Brasileira que foi realizado por uma equipe de pesquisadores de várias universidades brasileiras liderados pelo modelador ambiental Britaldo Soares Filho da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em parceria com o Banco Mundial.

Mesmo diante de muitas críticas de economistas por considerarem que a Natureza não vale mais que o PIB mundial e dos ecologistas por acharem absurdo reduzir a Natureza a cifrões, o professor Constanza oferece através de estimativas, qual é o patrimônio das regiões preservadas. Alguns serviços que foram citados na matéria: polinização das abelhas, o efeito protetor de manguezais, a biodiversidade para o desenvolvimento de medicamentos, produção de alimentos e matérias-primas, mitigação

dos gases de efeito estufa e regulação climática como produção de chuvas e energia hidrelétrica.

A pesquisa brasileira também destaca a importância da floresta para o sustento de 6 milhões de pessoas de populações ribeirinhas, populações tradicionais, indígenas e agricultores. O professor Raoni Rajão, um dos pesquisadores do grupo chega a afirmar: "O amazônida é aquele que vive da floresta, sabe do seu valor e não desmata. Quem desmata são os forasteiros que entram ilegalmente". Situação de conflito social descrita na canção de Vital Farias.

Sem dúvida falar de um bioma tão importante como a Amazônia, mesmo a partir de uma canção, exigiria muitos encontros e muitas reflexões, mas para encerrar a nossa argumentação sobre o potencial dessa música, visitamos o site do SOS Amazônia⁶⁰, onde encontramos a história que motivou a criação da organização na década de 1980. Ainda com a participação do seringueiro Chico Mendes, a Associação SOS Amazônia foi criada no dia 30 de setembro de 1988 devido a pressão da pecuária como causa principal do desflorestamento e invasão de terras. O movimento dos seringueiros no Acre defendia o extrativismo não madeireiro, a floresta e as populações tradicionais.

Outro trabalho já citado nesta dissertação é o "Música no Varal", onde ao problematizarem o ensino de Ciências, realizaram uma pesquisa-ação com estudantes de graduação com o apoio da Secretaria de Estado de Educação do Pará e professores da Universidade Federal do Pará (UFP). Os estudantes de ciências, futuros professores de química, física, biologia, ciências naturais, analisaram a canção *Saga da Amazônia* a partir das suas experiências identificando nas estrofes situações reais em suas comunidades. Nas considerações finais desse artigo, o grupo de pesquisadores indica o desejo de contribuir para visões mais críticas das relações entre o CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade) e a melhoria da prática docente onde professores e alunos possam fazer e pensar juntos no processo de ensino-aprendizagem (Fonseca et al., 2014).

9.2 Canção – MATANÇA

Etapa 1 – Pré-análise

⁶⁰ Site oficial da SOS AMAZONIA – Organização Não Governamental criada pelo movimento iniciado pelo seringueiro Chico Mendes na década de 1980 <https://sosamazonia.org.br/quem-somos>

A. Identificação:

Título da canção: MATANÇA

Autores da canção (Melodista/Letrista): Augusto Jatobá

Ano da Criação: 1981

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Qué que tu tem canário

Ano de lançamento - 1981

Artista - Xangai

Tipo de mídia - DISCO LP

Gravadora - Estúdio de Invenções

C. Letra⁶¹

Cipó caboclo tá subindo na **virola**,
Chegou a hora do **pinheiro** balançar,
Sentir o cheiro do mato, da **imburana**,
Descansar, morrer de sono na sombra da **barriguda**;

De nada vale tanto esforço do meu canto,
Pra nosso espanto tanta mata haja vão matar,
Tal mata atlântica e a próxima amazônica,
Arvoredos seculares impossível replantar;
Que triste sina teve o **cedro** nosso primo, Desde menino que eu nem gosto de falar,

Depois de tanto sofrimento
o seu destino,
Virou tamborete, mesa, cadeira, balcão de bar;

Quem por acaso ouviu falar da **sucupira**, Parece até mentira que o **jacarandá**
Antes de virar poltrona, porta, armário,

⁶¹ <https://www.vagalume.com.br/xangai/matanca.html>
<https://www.letras.com/xangai/385821/>

Mora no dicionário, vida-eterna, milenar;

Quem hoje é vivo corre perigo
E os inimigos do verde, da sombra o ar,
Que se respira,
E a clorofila das matas virgens
Destruídas vão lembrar
Que quando chegar a hora
É certo que não demora,
Não chame Nossa Senhora
Só quem pode nos salvar;

**É caviúna, cerejeira, baraúna,
Imbuia, pau-d'arco, solva,
Juazeiro, jatobá...
Gonçalo-alves, paraíba, itaúba, Louro, ipê, paracaúba,
Peroba, massaranduba;
Carvalho, mogno, canela, imbuzeiro,
Catuaba, janaúba, arueira, araribá;
Pau-ferro, angico, amargoso, gameleira,
Andiroba, copaíba, pau-brasil, jequitibá.**

Quem hoje é vivo corre perigo...

D. Dados biográficos do autor⁶²

O compositor de Matança tem uma grande lista de atividades para além da música como cantor e compositor. José Carlos Augusto Jatobá nasceu em Campo Formoso na Bahia, Brasil em 10 de março de 1946. É artista plástico premiado e design, arquiteto, publicitário, diagramador e arte-finalista. Trabalhou em importantes agências de publicidade e participou de diversos projetos de programação visual e cenografia. Também fez projetos arquitetônicos para casa de amigos artistas e foi convidado para ser responsável pela parte gráfica das capas dos discos da gravadora EMI-Odeon. Em 1978,

⁶² <https://dicionariompb.com.br/augusto-jatoba>

Jatobá fundou o Estúdio de Invenções Produtora Ltda, por onde Xangai lançou o disco em 1981 com a música Matança no repertório. Em 1982, essa canção ganhou um vídeo clipe em um programa importante da TV brasileira (Fantástico - TV Globo) cuja matéria já alertava para destruição ambiental.

A natureza sempre foi fonte de inspiração para o seu olhar sensível de artista. Veja alguns títulos: *Pés de milho*, *Água*, *Brisa*, *Mata Atlântica*, *O primeiro vegetal*, *Imbuzeiro*, *O homem arvoredo*, *Ave árvore*, *Paz dos animais*, *Eco-lógico* entre outros. Ao lado de parceiros compositores ou sozinho, Augusto Jatobá tem mais de 100 composições gravadas por diversos intérpretes, entre elas, o seu maior sucesso "Matança" com cerca de 30 regravações.

E. Contexto histórico de produção

Jatobá em entrevista para Ruy Godinho, no programa "Então, foi assim" para Agência do Rádio⁶³, explica que sua sensibilidade para as questões ambientais se deve à arquitetura e ao urbanismo. Apesar de nascido em Campo Formoso, foi em Feira de Santana que ele cresceu e lá também realizou um grande projeto urbanístico. No seu trabalho teve oportunidade de receber um carregamento de madeira e ao observar os diferentes tipos, percebeu que se tratava de árvores nobres da mata brasileira. Os versos em dodecassílabo foram inspirados nos forrós de Gonzagão que nem teve paciência na época de ouvir a composição, afirmando que a letra era muito grande. Essa opinião, Jatobá ouviu de diversos cantores até chegar ao cantador Xangai que a gravou em 1981 tornando-a um grande sucesso.

F. Análise Textual (leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

a) Palavras de significado desconhecido⁶⁴

As palavras menos conhecidas são nomes de árvores da Mata Atlântica e termos regionais como 'virola' que além de uma espécie de planta, pode ser usado com o significado de aro ou anel metálico, e 'tamborete' que se refere a um banco pequeno, um assento baixo. Como afirma Sena e Matos (2012), esta música possui rico conteúdo

⁶³ <https://brasil61.com/noticias/entao-foi-assim-ed-57-matanca-augusto-jatoba-pefa190059>

⁶⁴ <https://dicionario.priberam.org/virola>
<https://dicionario.priberam.org/tamborete>

poético de espécies da flora de dois biomas brasileiros, a Mata Atlântica e a Amazônica, ao citar 39 tipos de árvores diferentes: cipó-caboclo, virola, pinheiro, imburana, barriguda, cedro, sucupira, jacarandá, caviúna, cerejeira, baraúna, imbuia, pau-d'arco, solva, juazeiro, jatobá, gonçalo-alves, paraíba, itaúba, louro, ipê, paracaúba, peroba, massaranduba, carvalho, mogno, canela, imbuzeiro, catuaba, janaúba, arueira, araribá, pau-ferro, angico, amargoso, gameleira, andiroba, pau-brasil, jequitibá.

b) Identificar estilo e método do texto

Texto para letra de música em formato canção. Considerado por algumas características como música regional, devido à riqueza poética e beleza estética se enquadra no grupo de canções da MPB. Possui quatro estrofes com a mesma estrutura melódica e harmônica, uma estrofe que repete poucas vezes, mas que podemos identificar como refrão, e uma lista de espécies de árvores que perfazem a última grande estrofe com melodia e harmonia diferentes das anteriores.

c) Intertextualidade

O título da canção "Matança" poderia se referir à extinção de algumas espécies animais ou até de genocídios humanos históricos, mas o foco principal é a flora brasileira com a citação de nomes vulgares de espécies de árvores e plantas muito usadas nos diversos produtos cuja matéria prima é a madeira. Não há termos como desmatamento, ou serviços florestais como o resgate de carbono, no entanto deixa claro que sem verde, nos faltará até o ar para respirar.

Etapa 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

A matança de árvores e plantas da mata Atlântica e Amazônica.

b) Qual a problemática que levou o autor a fazer a canção?

O desmatamento de boa parte do bioma da Mata Atlântica que foi bastante atingido pelas atividades econômicas e povoamento da costa brasileira. E o alerta para que o mesmo não aconteça com a Floresta Amazônica.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

Na primeira estrofe o autor fala de situações agradáveis ao se encontrar em contato com a natureza, o cheiro do mato, a sombra de uma árvore, o som das folhas ao vento. Na segunda já alerta para o esforço de cantar por essa flora, pois parece que o ser humano está surdo ao seu apelo. Então na terceira e quarta estrofes cita algumas árvores mais conhecidas no uso para construção, móveis e fabrico do papel.

O que consideramos refrão é o trecho que a denúncia tem maior força, pois deixa claro a ameaça da ausência dessas árvores em nossas vidas. E não adianta pedir por milagres. A última estrofe é uma dinâmica sonora de nomes de árvores e plantas que estariam ameaçadas a desaparecer da natureza.

d) Qual a resposta ou posição do autor? Ele defende alguma ideia?

É uma mensagem explícita contra a degradação ambiental. Contempla especialmente a flora brasileira, entretanto casos similares ocorreram em diversas partes do mundo onde as matas virgens foram derrubadas para o uso da terra na agropecuária, extrativismo ou ocupação de pessoas. Sugiro o documentário *Nosso Planeta* do antropólogo David Attenborough⁶⁵, como uma testemunha privilegiada de 93 anos, ele mostra as alterações e os impactos promovidos pela ocupação humana em diversos pontos da Terra desde a sua infância até os dias atuais.

B. Tratamento dos dados: Codificação (escolha das Unidades, escolha das Regras e escolha das Categorias)

a) Recorte - música com letra em formato canção considerada inicialmente como regional, pode ser também classificada como pontuação Sena e Matos (2012, p. 170) como Música Popular Brasileira do Nordeste (MPB-NE).

⁶⁵ Trailer oficial do documentário *Nosso Planeta* – David Attenborough
https://www.youtube.com/watch?v=3_WvasZwTqU

- b) Enumeração - Uma letra sem repetições de palavras exceto a brincadeira de 'mata' com 'matar', 'mata Atlântica' e 'matas' que são variações de 'matança'. O que o compositor tenta enumerar de maneira sonora e poética é a lista de espécies da flora que apesar de estarem ameaçadas de 'morte' devido à presença do inimigo do verde, as árvores são a nossa salvação.
- c) Classificação e Agregação - o *eu* narrador mostra-se um ser humano ligado às árvores e feliz em ter contato com elas. Entretanto como colocam Sena e Matos (2012, p. 773) essas vozes dos cantores-compositores nordestinos podem ser um importante instrumento disseminador do ideário de resistência à degradação ambiental, a ameaça a biodiversidade e ao desmatamento florestal.

A madeira é matéria prima de muitos artefatos usados pelo homem, porém o compositor afirma que o consumo vai além da capacidade da floresta se renovar e trata as árvores como pessoas próximas: o primo cedro, a sucupira, o jacarandá.

Os assassinos do verde que dão sombra ao ar são uma ameaça à vida que nem uma santa como Maria, Nossa Senhora poderá nos salvar. E conclui apontando a solução com a lista de mais trinta tipos de árvores que em pé contribuem à continuidade da vida na Terra.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

Como a música anterior de Vital Farias, a *Saga da Amazônia*, a canção *Matança* de Jatobá, denuncia o impacto ambiental do desflorestamento. Inicialmente se identifica na primeira estrofe a satisfação da presença das árvores na vida do compositor. Os sentidos aguçados pelo som, aromas, beleza, sombra e porque não dizer, cura que as árvores podem propiciar.

Todavia, apesar do seu canto de alerta, a matança vai continuar. Então localiza essa 'matança' ou desflorestamento no bioma Mata Atlântica que desde a colonização foi o mais impactado pelo povoamento e desenvolvimento humano no Brasil. E prenuncia que a próxima mata será a Amazônica. Ambas com árvores seculares de largos troncos e raízes profundas que após o corte são impossíveis de recuperar.

Nas terceira e quarta estrofes, há personificação do 'cedro', da 'sucupira e do 'jacarandá' que tiveram um destino infeliz como matéria prima para móveis, portas e livros. Com apenas uma pequena ressalva pois ao ser transformado em dicionário, essa

madeira poderia adquirir uma vida eterna, milenar. Os livros no passado tinham grande valor.

Os versos do refrão são os mais enfáticos, pois declara que o perigo ronda todo ser vivo porque os inimigos do verde estão sombreando, manchando, poluindo o ar. A clorofila que é a matéria verde das células das folhas e o ar puro das matas virgens serão apenas lembranças saudosas. E nesse momento que nos conscientizarmos de tudo que perdemos, nem a Nossa Senhora, mãe de Jesus, poderá nos ajudar.

Na verdade só 'quem' poderá nos salvar é ... caviúna, cerejeira, baraúna e todas as dezenas de plantas listadas na última grande estrofe. O cantor sempre encerra com a primeira frase do refrão. Uma forma de reiterar o alerta:

"Quem hoje é vivo, corre perigo."

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

A maior tensão desta música é perceber a real possibilidade de inviabilizarmos a vida no planeta por desmatarmos sem critério as nossas árvores seculares, nossas árvores mais poderosas em serviços ambientais. Claro que precisamos da madeira oferecida por muitas dessas árvores, mas faz-se necessário o bom senso para o uso responsável dessa matéria prima através do manejo florestal.

Importante salientar que há coerência em toda letra ao tratar de parte significativa da flora brasileira. O texto pode até contemplar as queimadas, os maiores causadores de catástrofes ambientais desta década (2010-2020), algumas vezes causadas por crimes – os inimigos do verde que dão sombra ao ar – ou como consequência do aquecimento global, sem dúvida esses eventos agravam ainda mais a crise climática.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

A canção Matança como outras canções sugeridas nessa dissertação de acordo com rápida pesquisa na Internet aparecem com uso comprovado em educação ambiental formal e não formal em alguns pontos do Brasil. São letras e melodias que falam e tocam pessoas de diferentes idades. Nas referências há alguns exemplos dessa prática como o

trabalho de Educação Ambiental da Escola Rio Caeté (Bragança - Pará - Brasil) que no blog sob autoria de Kátia Regina Correa Santos (21/09/2012) compartilha algumas reflexões a partir da canção:

1. Os problemas ambientais identificados são desmatamento, falta de proteção às árvores seculares, destruição das florestas que possibilitam a vida de vários animais, inclusive a vida do ser humano;
2. Já vivemos as consequências do desmatamento como o aquecimento global e a perda da biodiversidade que ameaçam toda a vida;
3. No texto, há o alerta para um suicídio global, o que muitos ambientalistas chamam de Ecocídio⁶⁶, crime contra a natureza, a paz, a humanidade e as futuras gerações (Borges, 2013, p. 6467);
4. A canção através de uma lista de várias espécies de plantas/árvores mostra a riqueza da flora desse bioma;
5. A música nos alerta para os problemas ambientais mas também faz um convite a ação eco-cidadã. Nossas escolhas geram impactos maiores ou menores para o planeta?
6. E por último salienta a relação de proximidade, parentesco, carinho com a natureza. A música é uma maneira de despertar a nossa consciência ambiental através da sensibilidade de que também somos natureza.

Outro exemplo do uso desta canção em projeto educativo é o artigo de Oliveira (2008) em projeto realizado pela EMBRAPA no assentamento rural Nilson Campos, em Jacy Paraná, Porto Velho, Rondônia (Brasil). A atividade conduzida por um técnico ou engenheiro florestal tinha como objetivo a identificação das espécies florestais, se as árvores mencionadas se encontravam também na Amazônia e se possuíam o mesmo nome. Falou-se também sobre reflorestamento e o uso da madeira no assentamento. E por último, foi questionado quem era o inimigo da floresta e a quem poderiam recorrer diante dessa ameaça. Oliveira (2008, p. 7) conclui que a canção *Matança*, além de facilitar a abordagem de temas ligados à gestão das florestas, através da identificação e sensibilização sociocultural, o uso da música facilitou o processo de comunicação entre técnicos e produtores rurais.

⁶⁶ <https://conceitos.com/ecocidio/>

A educação ambiental nos exige uma constante atualização para novas práticas e mudanças da gestão ambiental local e global. Todos os assuntos relacionados ao uso dos recursos da floresta que a mantenham preservada podem ser desenvolvidos através da música de Jatobá, tais como técnicas de agrofloresta, manejo florestal, certificação florestal⁶⁷ e consumo consciente. Outros temas relevantes que podem ser também mencionados é o uso de sementes geneticamente modificadas e os impactos gerados nos ecossistemas, como as pesquisas com plantas de potencial medicinal e cosmético e os pedidos / concessões de patentes no Brasil e em outros países.

9.3 Canção – PASSAREDO

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação:

Título da canção: PASSAREDO

Autores da canção (Melodista/Letrista): Francis Hime / Chico Buarque

Ano da Criação: 1975-1976

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Meus Caros Amigos

Ano de lançamento - 1976

Artista - Chico Buarque

Tipo de mídia - DISCO LP

Gravadora - Ariola

C. Letra⁶⁸

Ei, pintassilgo

Engole-vento

Oi, pintaroxo

Saíra, inhambu

Melro, uirapuru

Foge, asa-branca

Ai, chega-e-vira

Vai, patativa

⁶⁷ <https://florestas.pt/conhecer/certificacao-florestal-o-que-e-e-quais-os-beneficios/>

⁶⁸ <https://www.vagalume.com.br/chico-buarque/passaredo.html>

Tordo, tuju, tuim
Xô, tié-sangue
Xô, tié-fogo
Xô, rouxinol, sem-fim
Some, coleiro
Anda, trigueiro
Te esconde, colibri
Voa, macuco
Voa, viúva
Utiariti

Bico calado
Toma cuidado
Que o homem vem aí
O homem vem aí
O homem vem aí

Ei, quero-quero

Oi, tico-tico
Anum, pardal, chapim
Xô, cotovia
Xô, ave-fria
Xô pescador-martim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
Voa, bicudo
Voa, sanhaço
Vai, juriti

Bico calado
Muito cuidado
Que o homem vem aí
O homem vem aí
O homem vem aí

D. Dados biográficos dos autores

O letrista dessa canção é **Francisco Buarque de Holanda**⁶⁹ que nasceu no Rio de Janeiro dia 19 de junho de 1944. O quarto filho do historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda e de Maria Amélia Cesário Alvim, desde pequeno demonstrou interesse pela música. Cantor, escritor e dramaturgo, Chico é considerado um dos principais nomes da Música Popular Brasileira (MPB). Coursou três anos de Arquitetura e Urbanismo, que interrompeu no ano do Golpe Militar. Ao lado de outros estudantes, artistas e intelectuais participou ativamente das campanhas e ações contra a ditadura. Se auto-exilou em Roma até março de 1970. E para que suas composições não fossem censuradas usava de metáforas e assinava a autoria com pseudônimos. Participou e ganhou grandes festivais, a exemplo do II Festival de Música Popular Brasileira da TV Record em 1966 com a canção *A banda* interpretada por Nara Leão e o 3º Festival Internacional da Canção em

⁶⁹ <http://www.chicobuarque.com.br/vida/vida.htm>

1968 com a canção *Sabiá* em parceria com Tom Jobim. Também foi influenciado por João Gilberto como Gilberto Gil e Caetano Veloso. Fez muitas músicas para teatro, cinema e projetos especiais. Escritor de alguns romances, entre eles, *O Estorvo*, *Benjamim*, *Budapeste* e o mais recente livro *Essa Gente*. Em 2019, Buarque foi indicado para o Prêmio Camões, o mais importante do universo da língua portuguesa. Há diversos livros e artigos sobre a sua obra e a sua jornada. Chico compôs com outros grandes nomes da música brasileira, além de Gil, Caetano e Tom Jobim. Os principais foram Vinicius de Moraes, Milton Nascimento, Ruy Guerra, Edu Lobo, Toquinho e Francis Hime, o melodista da canção *Passaredo*.

Francis Hime⁷⁰ é compositor, cantor, pianista, arranjador e maestro. Nasceu na capital do Rio de Janeiro, estudou piano desde os 6 anos e em 1963 começou a compor em parceria com Vinicius de Moraes. Depois passa a compor com uma lista interminável de parceiros como Ruy Guerra, Milton Nascimento, Paulo César Pinheiro, Adriana Calcanhoto, Paulinho da Viola, Lenine, Joyce, Moraes Moreira e outros. Fez trilhas sonoras para filmes e músicas para teatro e poemas. Também assumiu a direção de discos e arranjos de grandes nomes da música brasileira como Milton Nascimento, Gal Costa, Fafá de Belém, Clara Nunes, Elba Ramalho, Toquinho e o próprio Chico Buarque (direção musical de 4 discos). A partir da década de 1980, Francis Hime passou a se dedicar a escrever peças eruditas. Em 2015 celebrou com o CD e DVD "*Francis Hime 50 anos de Música*", uma bela trajetória dedicada a uma das maiores expressões da cultura brasileira.

E. Contexto histórico de produção

A canção *Passaredo* foi feita por Chico e Francis Hime para a trilha do filme "A noiva da cidade" de Alex Viany. Os nomes de pássaros foram retirados de uma enciclopédia e alguns foram sugestões do Tom Jobim. De acordo com Humberto Werneck (1989), Chico colocou a letra na música de Francis Hime sem qualquer apelo ou identificação ecológica. Inclusive o escritor de "*Chico Buarque letra e música*" ainda cita duas situações engraçadas relacionadas à essa canção: um dia Chico estava no terraço da sua casa ouvindo *Passaredo* e um passarinho fez cocô na sua cabeça e a outra foi comer um assado de capivara em um restaurante carioca especializado em caça ao som da música *Passaredo*. Na verdade, como Chico tornou a sua música um instrumento de

⁷⁰ <http://francishime.com.br/?lang=pb>

resistência à ditadura, o trecho que sugere: "Bico calado, muito cuidado / Que o homem vem aí ..." está se referindo aos homens da censura e da repressão. A música *Passaredo* também fez parte da trilha sonora do programa infantil da TV Globo, o "Sítio do Pica-pau Amarelo" baseado no livro do escritor Monteiro Lobato.

F. Análise Textual (leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

a) Palavras de significado desconhecido

O vocabulário dessa canção deve ser uma fonte de inspiração para os amantes dos pássaros. São mais de 30 espécies de aves canoras (sonora, suave e harmoniosa) exceto o *utiariti* que é um gavião, portanto uma ave de rapina. Algumas palavras reproduzem saudação na linguagem coloquial como: ei, oi, ai, xô. Outros termos são verbos que alertam algum perigo: foge, vai, some, anda, te esconde, voa.

b) Identificar estilo e método do texto

Como o próprio letrista afirma em entrevistas, o jogo do nome dos pássaros foi inspirado pela melodia sugerida pelo pianista Francis Hime. O texto é pura poesia viva, saltitante com um refrão de denúncia / alerta, algo comum em letras da MPB, principalmente no período da Ditadura.

c) Intertextualidade

O Brasil possui quase 2.000 espécies de aves, sendo que muitas delas são endêmicas (apenas encontradas em alguma região) e outras tantas se encontram ameaçadas de extinção. Das aves citadas na letra apenas uma está na ordem das aves de rapina. As outras espécies são da ordem dos pássaros que representa mais da metade das espécies conhecidas. Uma ordem que não aparece na letra mas que está muito relacionada à fauna brasileira é a dos psitacídeos que incluem as araras e os papagaios, que por serem muito contrabandeados estão seriamente ameaçados de extinção.

Etapas 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

O título sugere um elenco de pássaros.

b) Qual a problemática que levou os autores a fazerem a canção?

A música foi feita para trilha sonora de um filme e o letrista usou os nomes de pássaros por causa da sonoridade e métrica que combinavam com a melodia.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

Uma sequência de aves canoras associadas à saudações e verbos no imperativo.

d) Qual a resposta ou posição dos autores? Eles defendem alguma ideia?

Os compositores fizeram a música para trilha de um filme. Apesar do feliz resultado, os nomes de pássaros poderiam estar se referindo às pessoas, nomeadamente artistas que lutavam a favor da democracia e da liberdade. Como afirmou o letrista, o alerta era principalmente para aqueles que eram vítimas de opressão e perseguição no período da Ditadura brasileira.

B. Tratamento dos dados: Codificação (escolha das Unidades, escolha das Regras e escolhas das Categorias)

a) Recorte - música em formato canção com um refrão de alerta / denúncia.

b) Enumeração - a letra apresenta uma lista de 36 pássaros ou aves canoras e uma ave de rapina.

c) Classificação e Agregação - as aves canoras se expressam através do seu canto, mas esse canto precisa calar devido a chegada do 'homem', naquela época era a figura do censor ou opressor. Atualizando para as mobilizações ambientais, esse 'homem' é o caçador ilegal traficante de animais silvestres.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

A canção Passaredo é uma das pérolas da MPB. Composição de Chico Buarque e Francis Hime feita para um filme na década de 1970, se tornou a trilha sonora de diversas

matérias relacionadas à biodiversidade, fauna e aves brasileiras. Mesmo sem intenção ecológica, a música depois de compor a trilha sonora do programa infantil "Sítio do pica-pau amarelo" ganhou um certo engajamento ambiental pois os personagens centrais do livro de Monteiro Lobato além de se relacionarem com diversas lendas indígenas e personagens históricos, tinham grande cuidado com os animais, as plantas e os diversos ambientes que criavam a magia daquele lugar.

As aves mencionadas pelo compositor, são pássaros de médio e pequeno porte que vivem principalmente em regiões do Brasil. Há em todo o texto palavras de saudação e alerta para que esses pássaros se calem ou se escondam porque está chegando o bicho homem para caçá-los ou matá-los sem piedade.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

As entrevistas de Chico Buarque não deixam dúvida sobre o seu desinteresse na época por aves ou qualquer temática ambiental. A letra foi feita com intenção estética. Para ser agradável de se ouvir. Foi ganhando outra proporção com o seu uso em matérias e no programa infantil da TV Globo. Por se tratar de um período em que muitas composições eram um instrumento de resistência à Ditadura, o 'homem' interpretado como o caçador das aves, também poderia estar associado aos oficiais opressores e funcionários da censura bastante intensa naquela altura.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

As leis que restringem a caça de animais silvestres reduziram essa atividade, mas ainda existem vários fatores para além da caça e tráfico ilegal de animais que ameaçam as aves e toda biodiversidade do planeta. O primeiro fator e mais debatido nas últimas décadas é a crise climática que pode alterar os fluxos migratórios, a reprodução e a sobrevivência dessas aves. Outro fator determinante é a destruição dos seus habitats. O desmatamento e as queimadas são grande ameaça à fauna de diversos biomas. O uso de agrotóxicos e pesticidas nas lavouras podem intoxicar e levar à morte várias espécies de animais, além de poluir o solo e os mananciais.

Um estudo da ONG *Birdlife International*⁷¹ divulgado em 2018 demonstra que uma em cada 8 espécies de aves está ameaçada de extinção e pontua que todas as causas estão relacionadas de alguma maneira às atividades humanas: práticas de agricultura insustentável, desflorestamento e extrativismo madeireiro, invasiva presença de espécies exóticas, desenvolvimento de infraestrutura insustentável e mal planejado, aves marinhas capturadas por barcos pesqueiros, os impactos negativos das mudanças climáticas e não menos importante, o uso insustentável e injusto dos recursos naturais. Esse estudo salienta também a importância das aves como parâmetro para identificar as alterações ambientais e assim rapidamente buscar soluções. É uma maneira de entender a crise da biodiversidade através das aves e isso só será possível com educação e conscientização.

9.4 Canção – XOTE ECOLÓGICO

Etapa 1 – Pré-análise

A. Identificação:

Título da canção: XOTE ECOLÓGICO

Autores da canção (Melodista/Letrista): Luiz Gonzaga / Aguinaldo Batista

Ano da Criação: 1989

B. Dados do registro fonográfico:

Nome - Vou te matar de cheiro

Ano de lançamento - 1989

Artista - Luiz Gonzaga

Tipo de mídia - disco LP

Gravadora - Copacabana

C. Letra⁷²

Não posso respirar, não posso mais nadar
a terra está morrendo não dá mais pra plantar

⁷¹ Bird Life International (2018) State of the world's birds: taking the pulse of the planet. Cambridge, UK: Bird Life International – ISBN 978-1-91208671-9

⁷² <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/xote-ecologico.html>

se plantar não nasce, se nascer não dá
até pinga da boa é difícil de encontrar.

Cadê a flor que estava aqui?

poluição comeu.

O peixe que é do mar?

poluição comeu.

O verde onde é que está?

poluição comeu.

Nem Chico Mendes sobreviveu.

D. Dados biográficos dos autores

Luiz Gonzaga do Nascimento⁷³ era filho de Januário José Santos e de Ana Batista de Jesus. Nasceu na cidade de Exu, Pernambuco em 13 de dezembro de 1912. Desde criança demonstrou interesse pela sanfona de oito baixos do pai com quem tocava zabumba em festas religiosas, feiras e forrós. Saiu de casa em 1930 para servir o exército e viajou todo Brasil como corneteiro. Sempre que possível tocava sanfona em festas e finalmente em 1939 deixou o exército e se mudou para o Rio de Janeiro com uma sanfona novinha. E com ela passou a tocar na rua, nos mangues (casas de prostituição) no cais, bares e cabarés da Lapa para conseguir algum dinheiro. Foi um período muito difícil que até nos programas de calouros não obtinha êxito. Quando no programa de Ary Barroso, na Rádio nacional, ficou em primeiro lugar com sua composição instrumental "Vira e mexe". A partir desse momento passou a acompanhar e gravar como sanfoneiro, outros artistas. Em 1941 gravou seu primeiro disco solo e ganhou as rádios mais importantes do Brasil. Só em 1943 começou a usar as roupas de couro típicas do vaqueiro nordestino e consolidou uma cultura até então marginal desse povo que migrava do Sertão em busca de trabalho e oportunidades nas grandes cidades. Teve importantes parceiros como o poeta Miguel Lima; o advogado cearense de Iguatu, Humberto Teixeira; o médico pernambucano de Carnaíba, Zé Dantas; o poeta e repentista cearense Patativa do Assaré e o ator e produtor pernambucano Aguinaldo Batista que compôs com Gonzagão o Xote Ecológico que é foco dessa investigação. Gonzagão foi regravaado por muitos nomes

⁷³ <https://educacao.uol.com.br/biografias/luiz-gonzaga.htm>
<https://www.biografias.inf.br/luiz-gonzaga/>

importantes da música brasileira como Raimundo Fagner, Gilberto Gil, Elba Ramalho e depois de superar um relacionamento conflituoso com seu filho, chegou a gravar e fazer shows com Gonzaguinha, outra importante referência da MPB que morreu jovem em um acidente de carro. O Rei do Baião ou Lua, apelido carinhoso do amigo ator Paulo Gracindo, faleceu em Recife em 1989.

Aguinaldo Batista⁷⁴ começou sua carreira artística na década de 1950 depois de exercer diversas atividades como bicheiro, barbeiro e vendedor. Nasceu em Palmares, cidade pernambucana em 3 de março de 1930. No entanto foi na capital, Recife que fez a sua carreira como ator e produtor de Rádio e TV. Compôs polca, frevo, coco e alguns forrós que foram gravados principalmente pelo seu parceiro Luiz Gonzaga. De todas as suas composições, o Xote Ecológico foi a mais regravada e até hoje tem sido usada como tema de atividades de Educação Ambiental. Aguinaldo Batista faleceu em 1990 em Recife, Pernambuco, Brasil.

E. Contexto histórico de produção

A figura marcante de Chico Mendes na divulgação dos problemas que ameaçavam a floresta Amazônica e a vida dos nativos daquela região, o transformou no principal alvo dos criminosos da região. Chico Mendes morreu em dezembro de 1988 por ter criado a União dos Povos da Floresta ao lado de seringueiros, castanheiros, indígenas, pequenos pescadores e ribeirinhos. Ele defendia principalmente a preservação ambiental com a criação de reservas extrativistas para garantir o sustento e a qualidade de vida daquele povo. A morte de Chico Mendes foi um marco para luta ambientalista mundial. Quando o Xote Ecológico foi feito em 1989, além da recente perda do ambientalista Chico Mendes, nos encontrávamos às vésperas de um dos maiores eventos sobre desenvolvimento e meio ambiente realizado pela ONU, a Cúpula da Terra, a ECO-92. Os temas e os movimentos ambientalistas estavam mais presentes na mídia e o maior vilão contra a natureza era a Poluição. Poluição do ar com as fumaças de fábricas e automóveis, a poluição das águas e da terra com os esgotos e produtos químicos das diversas atividades humanas. Consequentemente toda vida estava ameaçada.

F. Análise Textual (leitura “flutuante” ou o primeiro contato com o documento que será submetido à análise)

⁷⁴ <https://dicionariompb.com.br/aguinaldo>

a) Palavras de significado desconhecido

A linguagem usada nas músicas de forró normalmente é cheia de regionalismos, mas no Xote⁷⁵ Ecológico o texto é simples e até inocente. Apenas devemos destacar o nome 'xote' que se refere a um estilo de dança e música nordestina de compasso binário executada tradicionalmente por sanfona, zabumba e triângulo. A palavra 'pinga' é um nome vulgar dado à cachaça⁷⁶, uma bebida alcoólica típica brasileira feita a base de cana-de-açúcar.

b) Identificar estilo e método do texto

A letra da música é pequena composta por uma estrofe principal e um refrão feito de pergunta e resposta.

c) Intertextualidade

A palavra 'poluição' representava todo o mal existente contra a natureza e a dignidade humana. A poluição 'comeu', ou seja, prejudicou o solo, as águas, o ar e ainda matou um líder ambientalista que defendia a natureza como Chico Mendes.

Etapa 2 - Exploração do Material (1)

A. Análise Temática

a) Qual o tema ou assunto da canção?

O tema é a poluição que impede o autor e a todos os seres o direito à vida.

b) Qual a problemática que levou os autores a fazerem a canção?

Os desastres ambientais causados pela poluição e a morte de Chico Mendes.

c) Qual foi o raciocínio, argumentação e estrutura lógica?

⁷⁵ <https://www.infoescola.com/danca/xote/>

⁷⁶ <https://super.abril.com.br/saude/qual-a-diferenca-entre-aguardente-cachaca-e-pinga/>

A primeira estrofe se concentra em tudo que estamos perdendo, do ar até a 'pinga' da boa. No refrão com perguntas e respostas, se mostra a causa dessas perdas: a poluição.

d) Qual a resposta ou posição dos autores? Eles defendem alguma ideia?

A letra toda é uma denúncia dos elementos fundamentais para nossa vida – ar, água, terra, alimento, diversão – que perdemos com a poluição. E o desfecho foi a morte de um defensor da natureza.

B. Tratamento dos dados: Codificação (escolha das Unidades, escolha das Regras e escolhas das Categorias)

- a) Recorte - Música em formato canção com refrão de pergunta e resposta.
- b) Enumeração - Há muitos trechos com 'não': não posso e não dá. Na sequência do refrão, a resposta é a mesma para todas as perguntas: poluição comeu. Exceto o desfecho que afirma que nem o ambientalista conseguiu sobreviver à poluição, ou seja, aos homens que a causavam.
- c) Classificação e Agregação - o *eu* narrador trata dos princípios fundamentais à vida oferecidos pela natureza: ar, água, alimento, e até a diversão que vem de uma boa bebida. Nesse caso para os nordestinos tratava-se da cachaça. No refrão o elemento que une todas as frases é a poluição ter destruído tudo que havia: a flor, o peixe, o verde. Até chegar ao homem que os defendeu e morreu por lutar em prol da natureza.

C. Análise Interpretativa (ver indicadores)

A música Xote Ecológico apesar de tratar de um tema tão denso como a destruição ambiental e a morte de um dos seus defensores, possui a letra, melodia e ritmo alegres. Na estrofe principal trata do que deixamos de fazer ou ter por causa da poluição resultante das atividades humanas. "Não posso respirar" porque o ar está poluído por gases lançados por fábricas e automóveis. "Não posso mais nadar" porque os rios estão sujos por esgotos e rejeitos tóxicos. "A terra está morrendo" porque o uso de agrotóxicos e pesticidas deixam o solo pobre e "não dá mais pra plantar". "Se plantar, não nasce" significa que a semente na terra morta não cresce. Mas "se nascer, não dá" porque mesmo que a planta cresça não dá frutos. E "até pinga da boa é difícil de encontrar" devido à falta da matéria

prima dessa bebida que é a cana de açúcar. Claro que o ser humano pode viver sem cachaça, mas acredito que a bebida nesse caso pode representar o lazer e a celebração.

O refrão de perguntas remete a uma brincadeira de criança: "Cadê a flor que estava aqui?", "E o peixe que é do mar?", "E o verde onde é que está?". Todos foram "comidos", ou seja, destruídos pela poluição. A força e a ganância daqueles que causam a poluição são tão grandes que levaram à morte o Chico Mendes que defendia o ar, a água, a terra, as plantas e as flores, os peixes e o mar, o verde das florestas.

D. Tensões (Identificação de elementos ou contradições que organizam o discurso)

Não há contradições, apenas a tensão dos interesses de homens que destroem a natureza e aqueles que defendem e vivem da natureza. Parece sensato afirmar que nem todos que degradaram o meio ambiente tinham consciência do mal que faziam. No entanto, os assassinos do ambientalista Chico Mendes sabiam o que estavam fazendo. Tinham total ideia da dimensão do trabalho que ele e seu povo da floresta realizavam. Os seringueiros, os castanheiros, os indígenas, os ribeirinhos e outros extrativistas não madeireiros precisam da floresta em pé e essas áreas devem ser preservadas e protegidas por lei pelo Governo brasileiro.

Etapa 3 - Exploração do Material (2)

A. Análise Final (Dissertar sobre os dados obtidos, indicadores que confirmam ou refutam as hipóteses do uso dessa canção como ferramenta de EA crítica)

O Xote Ecológico é uma das músicas que encontramos com mais frequência para uso didático na abordagem das questões ambientais com sugestões de temas e atividades desenvolvidas em sala de aula. Neiva (2010, p. 3) ao trabalhar com o conceito de *sujeito ecológico*, aponta que Luiz Gonzaga estabelece um diálogo entre o popular e o ambiental ao cantar a natureza com simplicidade e sabedoria. Suas músicas eram inspiradas no amor ao povo nordestino e à sua terra. Desta forma, mesmo sem o saber, ao homenagear o seringueiro Chico Mendes e ao falar da poluição que a tudo "come", que a tudo destrói na natureza, a música do Rei do Baião torna-se um veículo de sensibilização sobre a problemática ambiental. I. Carvalho (2001, pp. 187-188) apresenta as múltiplas faces do sujeito ecológico como um herói vanguardista de esquerda que pretende propor um novo

paradigma político-existencial, as vezes identificado como alternativo, integral, harmônico, equilibrado, holista no enfrentamento da crise ambiental.

Importante salientar que o cantor e compositor Luiz Gonzaga teve um papel determinante na consolidação e divulgação do ser "nordestino" e da Caatinga, bioma predominante nessa região caracterizado por longos períodos de estiagem. Assim o povo sofrido, o clima quente, a vegetação que inclui cactáceos como *mandacaru*, a fauna com pássaros como *assum-preto* e *asa-branca* e lindas noites de luar são temas presentes nas músicas de Gonzaga. Por isso *Xote Ecológico* foi usado por professores do Instituto de Educação de Ouro Preto em Pernambuco com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II e houve a apresentação do estudo de caso no VII Encontro de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade Senac (Freitas, Souza, Dudu, & Lima, 2014, p. 10) demonstrando a importância de começar a educação ambiental desde crianças para que elas entendam não apenas sobre as questões ambientais, mas sobretudo para agregar valores éticos e noção de cidadania para cuidar da ecologia do local ao global.

Outra experiência em sala de aula foi desenvolvida por Cordeiro (2012, p. 23) na escola Oséias Aranha de Vasconcelos em Pedro Régis, município da Paraíba com alunos do 9º ano do ensino fundamental. O professor dividiu a turma em três grupos para responderem questões pertinentes ao uso da canção *Xote Ecológico* como recurso didático nos respectivos âmbitos:

Grupo 1: A música como recurso didático;

Grupo 2: A percepção ambiental através da música;

Grupo 3: O conhecimento ambiental do espaço vivenciado pelo aluno.

Cordeiro (2012, p. 28) concluiu que o emprego da música no processo ensino-aprendizagem favorece ao aprofundamento do conhecimento adquirido, possibilitando maior interesse e participação do aluno enquanto cidadão na sociedade em que estão inseridos.

10 CONCLUSÃO OU REENCANTAMENTO

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.

Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade? (Krenak, 2019)

Parecia impossível investigar sobre Educação Ambiental com música brasileira sem ser educadora. Muito menos argumentar sobre essas contribuições entre leigos que não reconhecem sequer uma nota musical. Porém quando se trata de arte, há sempre a possibilidade de ir além. Estamos a falar de canções que representam uma cultura. E quantos conhecem a diversa cultura brasileira? O maior país da América do Sul e o quinto maior do planeta que se estende desde a Bacia Amazônica até as Cataratas do Iguaçu, abrangendo seis biomas distintos e uma rica biodiversidade que acolhem uma população em torno dos 210 milhões de habitantes (2019). Apesar da sua complexidade, o Brasil possui uma música que o identifica, a Música Popular Brasileira (MPB). Essa música não tão popular como o nome sugere, resultou das misturas e interações com os donos dessa terra, os indígenas, mais aqueles homens, mulheres e crianças que foram traficados da África e os portugueses que assumiram a paternidade da terra do Pau-Brasil. Depois outros povos vieram com suas influências, como os espanhóis, holandeses, franceses que disputaram a hegemonia territorial ainda no período dos grandes "descobrimentos" e em momentos históricos posteriores quando chegaram italianos, japoneses, alemães, estadunidenses e encontraram esta terra farta, terra fértil, terra rica.

"O *Brazil* não conhece o Brasil...", a cantora Elis Regina repetia várias vezes enquanto cantava a composição de Maurício Tapajós e Aldir Blanc, "Querelas do Brasil" (1978). Uma espécie de reação ao samba-exaltação "Aquarela do Brasil" (1939) de Ary Barroso que tinha por objetivo fazer reconhecer-se uma nação mestiça feliz, próspera e bela por natureza. A música tem esse poder. Para além de toda Natureza exuberante, vivemos um momento de crise socioambiental também no Brasil. A *Maldição dos Recursos*⁷⁷ se encontra nas poesias e letras dos diversos compositores da MPB.

⁷⁷ A tese da "maldição dos recursos naturais" se baseia principalmente no pobre desempenho econômico e a estagnação dos meios produtivos, associados à corrupção, violência e governança precária de países

Oferecemos a matéria-prima destruindo os ecossistemas e pagamos caro pelos produtos industrializados. Nos tornamos exportadores de alimentos e minerais (*comodities*) desflorestando o Cerrado, a Amazônia e principalmente a Mata Atlântica. Desenvolvemos às avessas apesar de todo potencial para a sustentabilidade, pois abrimos as portas para o progresso predatório onde a Natureza é devastada e o povo é excluído. E como marionetes ainda somos "educados" (adestrados) para consumir nos padrões do dito "primeiro mundo".

Para melhor assimilar o fato de ser ou não ser educadora, reconhecemos que no ambiente acadêmico, em especial nas pesquisas relacionadas à Pedagogia, existem debates sobre a quem caberia a 'responsabilidade' de educar as crianças e os jovens. Caberia à família, à escola, aos meios de comunicação, às instituições religiosas? De fato, o processo educacional é contínuo e cabe a todos nós. Porque educar é mais que instruir. Ensinar e aprender certos conhecimentos é diferente de apreender e usar essas informações e conhecimentos para a vida. O educador ou deseducador, como o educado ou equivocados, está em todo lugar, nas diversas instituições, em todos os veículos, e principalmente na internet e redes sociais. Paulo Freire (1987, p. 45) ao falar sobre educação dialógica, afirma ser *fundamental existir amor ao mundo e fé nos homens* para que exista diálogo no processo de ensino-aprendizagem, onde todos se sintam capazes de colaborar, para entender e transformar o mundo. Sem dominadores e oprimidos. "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (Freire, 1987, p. 39)

Então nesse projeto se estabelece esse processo dialógico, onde podemos ensinar e aprender ao pensar um ambiente melhor para todos. Se essa troca de conhecimentos e vivências pode ser pontuada com arte e cultura, agregamos mais valor. A linguagem artística possibilita outras dinâmicas de recepção e interpretação, como também facilita o reencantamento pelo tema ambiental, ao mesmo tempo que propicia ampliar o repertório musical e conhecimentos sobre a cultura brasileira. No entanto, para compartilhar tais canções, precisa-se entender o processo criativo, o momento e a história desses artífices da Música Brasileira que se sentiram motivados a cantar a Natureza e quais questões socioambientais os inspiraram ou quais questões podem suscitar reflexões.

com abundância de recursos naturais. Essa tese foi questionada por casos de países que através de instituições fortes e investimentos tecnológicos transformaram a abundância de recursos em oportunidade de crescimento para as suas respectivas economias (Pamplona & Cacciamali, 2018, p. 130).

Mais que uma crise ambiental, há diante de nossos olhos, uma crise de valores. Desde a revolução industrial, não se via padrões de consumo tão exacerbados. E como o primo pobre, o Brasil quer sempre aparecer *bem na fita*⁷⁸. O que parece impossível diante de tamanha desigualdade social que se reflete na criminalidade, taxas de desemprego, escolas precárias, falta de assistência médica e infraestrutura. Não há desenvolvimento sem envolvimento das pessoas. Pessoas com dignidade e igualdade de oportunidades. E a música brasileira canta em alto e bom som todas essas questões em belas poesias e melodias.

O recorte temporal deste projeto inicia com a música "Terra" de Caetano Veloso que foi inspirada pela primeira imagem da nossa casa comum fotografada em 1968 na órbita da Lua por um dos astronautas da missão Apollo 8 e se encerra no ano da Cúpula da Terra, o primeiro evento mundial sobre desenvolvimento e meio ambiente no Brasil, a ECO-92. Esse recorte foi motivado porque "a Conferência Rio 92 é considerada o ponto culminante do projeto de institucionalização e arranjo teórico e político do debate em torno da problemática ambiental" (Jacobi, 2005, p. 236) que, a partir daquele momento se converte em pauta constante dos meios de comunicação e das discussões políticas e econômicas em vários pontos do planeta.

A Natureza sempre foi uma importante inspiração para as manifestações artísticas no Brasil, porém, a criação musical brasileira naquele período demonstra grande sintonia com as discussões sobre as consequências socioambientais da relação do ser humano com o ambiente após a industrialização. Assim os grandes compositores da MPB cantaram em versos e melodias o planeta Terra, o Brasil e seu povo, as matas, os rios e os mares que alimentaram e ainda alimentam a nossa existência.

A principal motivação desta investigação foi a presença constante de algumas dessas músicas em sites, matérias, reportagens e documentários dedicados a algum tema ambiental. Parecia oportuno uma análise sobre o potencial dessa música brasileira inspirada na Natureza para educação/sensibilização ambiental de jovens e adultos em palestras ou aulas musicais. Tais práticas têm como base as noções de musicologia desenvolvidas por Tia DeNora em seu livro "*Music in Everyday Life*" (2004) e as abordagens de uma Educação Ambiental Crítica que abrange práticas pedagógicas pouco convencionais, onde conhecimentos de povos tradicionais e periféricos dialogam com as

⁷⁸Gíria brasileira que significa: ficar em boa colocação, se destacar entre os demais
<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/giria>

reflexões do conhecimento científico. Sem dominadores e sem oprimidos, a EA crítica está em constante busca de uma didática de reflexão crítica e da consciente participação ecocidadã. A música como um elemento de trans-forma-ção, em uma sociologia da música empírica que opera no “*nível certo de generalidade*”, argumentos sobre o poder ou influência da música são apoiadas por documentação de como tais efeitos são realizados, “os mecanismos reais através dos quais a música desempenha um papel mediador na vida social” (DeNora, 2004, p. 40).

Desde a antiguidade, a humanidade expressou a relação com a natureza em diversas linguagens artísticas. A música, considerada uma das artes mais ligadas à matemática e à física, tem uma base teórica escorada em medidas precisas. A música proporciona um fenômeno físico que é o som, e muitas vezes essa música interpreta o mundo através de metáforas inspirando a investigação científica (Moreira & Massarani, 2006, p. 292) e a produção de conhecimento. "Freire V.L B. (1992) ao investigar a relação entre música e sociedade no ensino superior de música da Universidade do Rio de Janeiro, tendo como base Allan Merrian (1964) confirmou que a arte, a música e a educação são instrumentos de transformação individual e social" (Hummes, 2004, p. 20). DeNora (2004, p. 129) usa uma série de estudos etnográficos para comprovar o papel ativo da música na construção da vida pessoal e social, como um meio capaz de transmitir forma e textura ao ser, sentir e fazer.

Há estudos sobre o papel da música no ensino formal e não-formal. A arte fala às emoções e mesmo tratando-se da canção, um modelo de características bem definidas, toda interpretação da recepção parte de um conhecimento prévio ou vivência pessoal para decodificar a mensagem. Quando o trabalho de educação ambiental com música acontece com o público infantil, os resultados são bastante positivos. Aliás a música é usada no processo de aprendizagem das crianças para uma apreensão lúdica dos conhecimentos mais básicos como cores, letras e números. Porém ao adotar semelhante estratégia com jovens e adultos, encontramos alguns obstáculos como o desinteresse pela MPB que difere bastante do estilo musical da moda no caso dos mais jovens; e uma certa resistência à mudança, em outras palavras, resistência a adotar novos hábitos de consumo e um comportamento mais sustentável, no caso dos adultos.

Os diversos atores sociais do campo educativo, com erros e acertos, têm se empenhado em lançar iniciativas para transformar este sombrio cenário de degradação contínua do meio ambiente. Tais iniciativas, enquanto práticas educativas demandam

ponderações sobre as práticas sociais existentes e sobretudo a compreensão da relação ser humano - ambiente. O que os estudiosos da EA percebem é a necessidade de um processo educativo articulado e compromissado com a sustentabilidade e a participação social, aberto ao diálogo e a transdisciplinaridade (Jacobi, 2005, p. 246).

A educação ambiental inicialmente restrita às questões como biodiversidade e sistemas vivos, depois da década de 1970 ganha outra dimensão e passa a promover a construção de valores, ética, cultura, qualidade de vida e atitudes em relação ao meio ambiente e às outras formas de vida, exigindo um processo de aprendizagem permanente para superar o analfabetismo ecológico. Diante do quadro atual, as diversas áreas do conhecimento e das artes precisam contribuir para consolidar a chamada "Ecologia Profunda", em outros termos, precisam promover a conexão com a natureza, com os outros e consigo mesmo, extrapolando a ideia da "Ecologia Rasa" que vê a natureza apenas como mera provedora dos recursos para satisfazer as necessidades humanas (Næss, 1970 citado em França, 2011, p. 31). Acredito através dos diversos artigos e autores pesquisados que temos a música como grande aliada. Muito mais que um recurso para o ordenamento social, a música pode ser um agente de mudança psicocultural (DeNora, 2004, p. 162). Em síntese, a música já é um instrumento de educação ambiental, entretanto ainda não sabemos a dimensão dos resultados do uso dessa ferramenta para estimular a ecocidadania. Na verdade, esta investigação é apenas o primeiro (com)passo, um convite para começarmos a cantar juntos a mais linda canção: a VIDA.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, D. R. M. (2010). *Projeto ASEMA: Uma proposta de inovação de Educação Ambiental através da música*. [Monografia de especialização, Universidade Federal de Santa Maria, Sapiranga]. <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/884>
- Araújo, G. M., Abdo, J. P., Oliveira, A. K. M., & Matias, R. (2020). A Música como Instrumento de Educação Ambiental no contexto da Pandemia. *Revista Brasileira De Educação Ambiental (Revbea)*, 15(4), 205-209. <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.10843>
- Arroyo, M. (2005). *Música na Floresta do Lobo*. Revista ABEM, Porto Alegre, V.13, p. 17-28, setembro
- AZEVEDO, C. N. L. (2014) *O sal da terra, na visão genial de Ronaldo Bastos e Beto Guedes*. In: Tribuna da Internet. Blog. Disponível in: <http://tribunadainternet.com.br/o-sal-da-terra-na-visao-genial-de-ronaldo-bastos-e-beto-guedes/> Publicado em 16 janeiro. Acesso: abril 2019.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bennett, R. (1994). *Uma Breve História da Música*. Jorge Zahar Editor.
- Borges, O. F. (2013). Ecocídio: um crime ambiental internacional ou um crime internacional maquiado de verde? *RIDB*, 2(7), 6457-6495.
- Belmonte, R. V. (2004). Texto: Menos catástrofe e mais ecojornalismo. In S. Vilas Boas, *Formação e Informação Ambiental*. Summus.
- Bevilaqua, T., & Sánchez, C. (2018). *GeaSur e a Arte*, GeaSur. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. <https://geasur.wordpress.com/author/geasur/>
- Bourdieu, P. (1986). *Espaço social e poder simbólico*. In P. Bourdieu. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Papirus.
- Canclini, N. G. (1999). *Consumidores e Cidadãos*. Editora UFRJ
- Capra, F. (1996). *A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Editora Pensamento; Cultrix.
- Carvalho, F. (2007). Da Ecologia Geral à Ecologia Humana. *Fórum Sociológico*, (17), 127-135. <https://doi.org/10.4000/sociologico.1680>
- Carvalho, I. (2001). A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em Educação Ambiental. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <http://hdl.handle.net/10183/3336>

- Carvalho, I. C. M., & Steil, C. A. (2013). Natureza e Imaginação: O Deus da Ecologia no Horizonte Moral do Ambientalismo. *Revista Ambiente & Sociedade*, 16(4), 103-120. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2013000400007>
- Coelho de Souza, J. P. (2010). A canção na ótica dos gêneros discursivos: uma constelação de gêneros. *Cadernos do IL*, (40), 123-133. DOI:10.22456/2236-6385.24911
- Cordeiro, J. M. P. (2012). O Xote Ecológico de Luiz Gonzaga e a Educação Ambiental na escola: uma experiência com alunos do ensino fundamental. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, 3(5), 21-29. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552856435004>
- Costa, N. B. (2003). Canção Popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos parâmetros curriculares da língua portuguesa. *Linguagem em (Dis)curso*, 4(1), 9-36.
- Couto, M. (2015). *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Companhia das Letras.
- Déjardin, I. P. (2019). Cidadania em uma perspectiva multidimensional: diálogos contemporâneos. *Revista Direito Ambiental e Sociedade*, 9(3), 215-247.
- DeNora, T. (2004). *Music in everyday life*. Cambridge University Press UK
- Dias, P. A. (2006). Uma Breve História da Canção (da Antiguidade ao rock). In: *Formatos Estéticos e Padrões de Recepção na Comunicação Contemporânea* FACOM / UFBA
- Duarte, C. F., Heerdt, B., Soldan, A. M., Procídonio, M., Costa, M. M., & Grofoski, L. C. (2016). Educação Ambiental: a Música como meio para expressar as noções de Meio Ambiente. *Revbea*, 11(4), 60-77.
- Dulley, R. D. (2004). Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais. *Agric.*, 51(2), 15-26.
- Faraco, C. A., & Negri, L. (1998). O falante: que bicho é esse, afinal? *Revista Letras*, 49, 159-170. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v49i0.18995>
- Fernandes, C. V. S., & Oliveira, V. B. V. (2019). Análise de conteúdo de temática ecológica em canções que expressam os elementos: água, ar, terra e fogo. *Educação Ambiental o Desenvolvimento Sustentável na Economia Globalizada*, 867-878.

- Fonseca Neto, S.N.; Silva Freitas, N.M.; Silva, P.V.; Freitas, N.M.S. (2014) "*Música no varal*": a educação para sustentabilidade na/para Amazônia ISBN: 978-84-7666-210-6 – Artículo 1454
- França, C. C. (2011). Ecos: educação musical e meio ambiente. *Música na Educação Básica*, 3(3), 28-41.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido* (17a ed.) Paz e Terra.
- Freitas, J. M. A. S., Souza, J. M., Dudu, R. E. S., & Lima, J. F. (2014). *Xote Ecológico de Luiz Gonzaga para estudar o tema poluição no 6º ano do ensino fundamental II: estudo de caso*. [Apresentação de painel]. Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão, Recife, Pernambuco.
- Gadotti, M. (2010). *A Carta da Terra na Educação*. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire.
- Giddens, A. (2000). *Mundo em Descontrole*. Editora Record
- Gomez, M., Nunes, E. S., Moura, G. J. B. (2016). Ecologia Humana: A ciência das partes e do todo. In: E. M. S. Nogueira, M. J. G. Andrade, W. M. Andrade & C. A. B. Santos (Org.), *Revista Os saberes populares no viés da Ecologia Humana* (pp. 12-29). SABEH. http://sabeh.org.br/wp-content/uploads/2017/06/2016_Livro-E-Book_Os-Saberes-Populares-no-vie%CC%81s-da-Ecologia-Humana-1.pdf
- Guattari, F. (2012) *As Três Ecologias* 21º ed. Campinas - SP, Editora Papyrus
- Guimarães, M. (2016). Por uma Educação Ambiental Crítica na Sociedade Atual. *Margens: Revista Interdisciplinar do PPGCITI*, 7(9), 11-22.
- Hummes, J. M. (2004). Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM* nº 11, setembro, Porto Alegre
- Iazzeta, F. (2001, 1 de setembro). *O que é música (hoje)*. [Apresentação] I Fórum Catarinense de Musicoterapia, Departamento de Música ECA - USP e PEPG Comunicação e Semiótica – PUCSP.
- Jacobi, P. R. (2005). Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Revista Educação e Pesquisa*, 31(2), 233-250.
- Kirylo, O. (2014). A canção como recurso mediador para o ensino-aprendizagem da leitura e suas interações sociais. In Secretaria de Estado de Educação Paraná. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produções Didático-Pedagógicas*. SEEPR

- Kesselring, T. (2000). O Conceito de Natureza na História do Pensamento Ocidental. *Episteme*, (11), 153-172.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Editora Schwarcz.
- Layrargues, P. P., & Lima, G. F. C. (2014). As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. *Revista Ambiente e Sociedade*, 17(1), 23-40.
- Lenoble, R. (1969). *História da ideia de Natureza*. Edições 70.
- Lima, G. F. C. (2009). Educação Ambiental Crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. *Revista Educação e Pesquisa*, (35), 145-163.
- Loureiro, C. F. B.; Layrargues, P.P.; Castro, R.S. (2006) *Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Marcovitch, J., & Pinsky, V. (2020). Bioma Amazônia: atos e fatos. *Estudos Avançados*, 34(100). https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000300083&lang=en
- Marques, J., & Dias-Lima, A. (2020). *Ecologia Humana e Pandemias: Consequências da Covid-19 para o nosso futuro*. SABEH.
- Ministério do Meio Ambiente. (2000). *Convenção sobre Diversidade Biológica - CDB MMA*.
- Marin, A. A. & Pereira, C. A. (2009) Sons, Corpos, Sensibilização: Diálogos entre a música e a Educação Ambiental. *Revista do PPGEA/FURG-RG*, ISSN 1517-1256 v.22, janeiro a julho.
- Moreira, I. C., & Massarani, L. (2006). (En)canto científico: temas de ciência em letras da música popular brasileira. *História, Ciências, Saúde*, 13 (Supl.), 291-307.
- Neiva, L. F. O. (2010). *O forró ecológico de Luiz Gonzaga: um diálogo entre o popular e o ambiental*. Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Floriano / CONNEPI V - Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica
- Oliveira, V. B. V. (2007). *Inter-relações entre comunicação e educação em grupos comunitários de estudos sobre questões ambientais do álbum seriado ao videoclipe*. (EMBRAPA - RO) [Apresentação em Congresso] VI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, Belém – PA.
- Oliveira, V. B. V. (2008). Música Matança: Reflexões sobre a biodiversidade florestal. In V. S. Hammes & M. F. G. Rachwal (Ed.). *Meio ambiente e a escola* (Cap. 4, pp. 433-442). Embrapa.

- Oliveira, V. B. V. (2020, 10 de dezembro). *Educomunicação socioambiental na prática: Valorização da castanha-da-amazônia por alunos de Escola Família Agrícola (EFA)*. [Apresentação Virtual]. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rondônia.
- Oliveira, V. B. V., & Bentes-Gama, M. M. (2006). *Sabor Açaí: o uso de música em grupos comunitários de estudos sobre o açaí (Euterpe sp.) com agricultores familiares ribeirinhos do Rio Madeira*. [Apresentação em Congresso] Congresso Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural, Campinas. FEALQ.
- Ortíz, A. I., Meza, M. J. A. & Alvim, R. G. (Orgs) *Ecología humana contemporánea: apuntes y visiones en la complejidad del desarrollo*. Souza Ribeiro, A. de (2017) Prefácio. San Lorenzo, Paraguay: FCA, UNA.
- Papa Francisco. (2015). *Encíclica sobre a nossa Casa Comum*. Solenidade de Pentecostes. Libreria Editrice Vaticano.
- Pamplona, J. B., & Cacciamali, M. C. (2018). A maldição dos recursos naturais: atualizando, organizando e interpretando o debate. *Economia e Sociedades*, 27(1), 129-159.
- Pereira Cordeiro, J. M. (2012). O Xote Ecológico de Luiz Gonzaga e a Educação Ambiental na escola: uma experiência com alunos do ensino fundamental. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, 3(5), 21-29. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552856435004>
- Pondé, G., Riche, R., & Sobral, V. (1992). *Brasil em cantos e versos – Natureza*. Editora Melhoramentos.
- Porto-Gonçalves, C. W. (2009). Ecologia e Capital: quando a teoria não esquece o mundo. *Revista de la Red Iberoamericana de Economía Ecológica*, 12, 85-90. https://ddd.uab.cat/pub/revibec/revibec_a2009v12/revibec_a2009v12p85.pdf
- Ramos, E. C. (2001). Educação ambiental: origem e perspectivas. *Educar*, (18), 201-218.
- Rees, D. K. (2008). Considerações sobre a pesquisa qualitativa. *Revista Signótica*, 20(2), 253-274.
- Reigota, M. (2010). A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza. *Revista Educação e Pesquisa*, 36(2).
- Reigota, M. (2017). *O que é Educação Ambiental*. Brasiliense. (Série Primeiros Passos).
- Reigota, M. e Prado, B.H.S. (2008.) *Educação Ambiental: utopia e práxis*. São Paulo: Cortez.

- Santos, M. (1992). A redescoberta da Natureza. *Estudos Avançados*, 6 (14), 95-106.
<https://doi.org/10.1590/S0103-40141992000100007>
- Santos, M. (2008). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* - EdUsp
- Saraiva, J. A. B. (2014). A arquitetura iconizante de "Luz do sol". *Estudos Semióticos*, 10(2), 26-36.
- Sena, A. M. C., & Matos, F. R. N. (2012). Vozes sem eco entoadas no Nordeste do Brasil: construtos de resistência à degradação ambiental. *Cad. EBAPE.BR*, 10(3), 769-778.
- Silva, J. E. C. (2019). Fundamentos Filosóficos para a Doutrina do Ethos Musical. *Opus*, 25(3), 110-132. <http://dx.doi.org/10.20504/opus2019c2506>
- Souza, L. A. F. (2010). Dilemas e hesitações da modernidade tardia e a emergência da sociedade de controle. *Mediações*, 15(2), 78-99.
- Sparemberger, R. F. L., & Rammê, R. S. (2012). Direitos Humanos e ecocidadania: ambiente, risco e o despertar do sujeito ecológico. *Ri FURG Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande*.
<http://repositorio.furg.br/handle/1/2478>
- Tatit, L. (1995). A Construção do Sentido na Canção Popular. *Jornal Língua e Literatura*, 21, 131-143.
- Tatit, L. (2003). Elementos para a análise da canção popular. *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, 1(2), 7-14. <http://www.fclar.unesp.br/pesq/grupos/CASA-home.html>
- Torres, M. A. (2011). Tambores, rádios e vídeoclipes: Sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades. *GeoTextos*, 7(2), 69-83.
- Trigueiro, A. (2009). *Espiritismo e Ecologia*. Editora FEB.
- Tristão, M. (2005). Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido. *Revista Educação e Pesquisa*, 31(2), 251-264.
- Tuan, Yi-Fu. (2012). *Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Eduel, <http://www.oziris.pro.br/enviados/201342123755.pdf>
- Ulhôa, M. T. (2001). Pertinência e música popular - em busca de categorias para análise da música brasileira popular. *Cadernos do Colóquio*, 51-61.
- Ulhôa, M. T. (2018). *Prolegômenos para um ensaio sobre a análise da música popular*. [Apresentação em Congresso]. 28º Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Manaus, Amazonas.

Valverde, M. E. G. L. (2006). *Experiência Estética*.
<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAhEHQAB/monclar-valverde-experiencia-estetica>

Vargas Llosa, M. (2013). *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Objetiva.

Links de sites, revistas, jornais sobre Música e Meio Ambiente

A Terra de 1,5 bilhão de anos era água

<https://hypescience.com/a-terra-de-15-bilhao-de-anos-tinha- apenas-agua-e-nenhum-continente-estudo/>

Atividade de Ciências da Natureza sobre o recurso Água

http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=lc&cod=_recursodemidiamusica
plan

Atividade para alunos do 3º B – professora Adriana Fischer Ribeiro – desenhos inspirados na canção Planeta Água (2011) <https://pt.slideshare.net/nana2705201133/msica-planeta-gua>

Aves Brasileiras

<https://www.todamateria.com.br/aves-brasileiras/>

Aves da música Passaredo (Hime e Buarque)

<https://brasildasaves.com.br/2014/05/16/todas-as-aves-de-passaredo-de-chico-buarque/>

BBC News Brasil em Londres – 23/11/2019

R\$ 7 trilhões por ano: os estudos que tentam calcular quanto a Amazônia, em pé, rende ao Brasil – <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50497413>

Blog da Plataforma Anísio Teixeira - Instituto Anísio Teixeira (Secretaria de Educação e Cultura - Bahia) Radiola PW - Raulino Júnior – Educação Ambiental 9/05/2014

<http://blog.pat.educacao.ba.gov.br/blog/2014/06/radiola-pw-xote-ecologico/>

Blog da professora Maria Aparecida, usa a tecnologia para promover a educação. Sugestão da música Xote Ecológico para trabalhar Direitos Humanos dos povos indígenas no 6º e 7º ano. Publicado 12/02/2020

<https://www.historiajaragua.com.br/2020/02/xote-ecologico.html>

Brasil Escola - Atividades econômicas e o consumo de água

<https://brasilescola.uol.com.br/geografia/atividades-que-mais-consomem-agua.htm>

Brasil Escola - Biografia de Chico Mendes

<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/chico-mendes.htm>

Brasil Escola – Bioma Caatinga

<https://brasilescola.uol.com.br/brasil/caatinga.htm>

Brasil Escola - Canal do Educador: Estratégias de ensino-aprendizagem de Geografia.

O uso da música Xote Ecológico para debater questões ambientais.

<https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/xote-ecologico.htm>

Brasil Escola – Estratégia de ensino - Água na voz de Guilherme Arantes -

<https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-agua-na-voz-guilherme-arantes.htm>

Chico Buarque - Letra e Música com textos de Eric Nepomuceno, Humberto Werneck e Tom Jobim, Editora Companhia das letras, 1989

http://www.chicobuarque.com.br/letras/notas/n_passared.htm

Ciência no Ar – programa de extensão da UFMG que reúne projetos de divulgação científica para várias mídias. <https://www.ufmg.br/ciencianoar/conteudo/passaredo/>

Educação Ambiental na Escola Rio Caeté (Bragança - Pará - Brasil)

<http://ambientalistasriocaete.blogspot.com/2012/10/analise-da-cancao-matanca.html>

EMBRAPA – Matéria sobre os resultados do manejo florestal na Amazônia (22/09/2020)
<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/55862919/manejo-florestal-por-especies-na-amazonia-e-mais-rentavel-e-sustentavel>

Guarânia: o ritmo paraguaio que influenciou a música de raiz e sertaneja brasileira
<https://www.brasildefato.com.br/2019/03/22/guarania-o-ritmo-paraguaio-que-influenciou-a-musica-raiz-e-sertaneja-brasileira>

João Donato, uma lenda viva da música brasileira ao vivo em Lisboa (29/01/2020)
<https://www.publico.pt/2019/11/13/culturaipsilon/noticia/joao-donato-lenda-viva-musica-brasileira-vivo-lisboa-1893529>

Mapa da qualidade do ar mundial em tempo real <https://waqi.info/pt/>

ONU sobre a água

Relatório sobre crise climática e acesso a água – <https://news.un.org/pt/tags/agua>

Relatório sobre acesso a água potável – <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1676671>

O que é som? <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/fisica/o-que-som.htm>

O que é *mindfulness*?

<https://www.medis.pt/mais-medis/bem-estar-e-desporto/mindfulness-o-que-e-e-quais-os-beneficios/>

Os limites da sobrevivência humana

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-limites-de-sobrevivencia-do-homem/>

Portal Ciclo Vivo - Por um mundo melhor: Seleção de 8 músicas para o Dia do Meio Ambiente (29/01/2020)

<https://ciclovivo.com.br/inovacao/inspiracao/8-musicas-para-ouvir-na-semana-do-meio-ambiente/>

Projeto de Educação Agroflorestal – CD de músicas e histórias

http://www.agrofloresta.net/static/mochila_do_educador_agroflorestral/historias_e_musicas.htm

Projeto de vídeo clipe para escola

http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=amm&cod=_videoclipeletradamusicasagaamazonicaeusosustentaveldafloresta

Qualidade do ar em locais abertos e fechados

<https://www.iberdrola.com/meio-ambiente/contaminacao-qualidade-ar>

Revista Prosa Verso e Arte - A arte é o espelho da pátria

<https://www.revistaprosaversoearte.com/agua-que-nasce-na-fonte-serena-do-mundo-guilherme-arantes/>

Músicas brasileiras a favor do meio ambiente (18/04/2021)

<http://www.esquinamusical.com.br/13-musicas-brasileiras-a-favor-do-meio-ambiente/>

Músicas para refletir sobre o meio ambiente (8/05/2020)

<https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2018/09/23/8-musicas-para-refletir-sobre-o-meio-ambiente.html>

15 músicas brasileiras sobre natureza e o meio ambiente (8/05/2020)

<https://reverb.com.br/artigo/15-musicas-nacionais-sobre-natureza-e-o-meio-ambiente>

Músicas sobre questões ambientais para uso escolar (18/04/2021)

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/musicas-ambientais.htm>

Músicas inspiradoras que incentivam a preservação do meio ambiente (18/04/2021)

<https://catracalivre.com.br/cidadania/5-musicas-inspiradoras-que-incentivam-preservacao-do-meio-ambiente-e-que-talvez-voce-nao-conheca/>

"Qual Delas?" site sobre música brasileira - texto de Túlio Villaça "O caminho do meio e o lugar comum" <http://qualdelas.com.br/lugar-comum/>

Seleção de 20 canções brasileiras inspiradas na Natureza (29/01/2020)

<https://www.mensagenscomamor.com/musicas-sobre-a-natureza>

Sobradinho – Aula sobre usinas hidrelétricas

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/sobradinho-impacto-das-usinas-hidreletricas.htm>

Sobradinho - Atividade de interpretação de texto

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2017/10/musica-sobradinho-sa-e-guarabyra-com.html>

Sobradinho – Conheça a canção

<https://correiodenoticias.net/2020/01/02/conheca-sobradinho-de-sa-e-guarabyra/>

Sobradinho – História da música contada pelos compositores

https://www.youtube.com/watch?time_continue=123&v=5qXHlseIGpo&feature=emb_logo

Terra seleciona 5 músicas para alertar sobre cuidados com o meio ambiente (29/01/2020)

<https://www.terra.com.br/diversao/musica/5-musicas-que-alertam-sobre-os-cuidados-com-o-meio-ambiente,4fc5088ad4c2c1668b8250c3f92d7724cn3iwhor.html>

Figura 1 – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, Volume 9.1

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12640:parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>

[último acesso dia 13/02/2021]

Figura 2 – Gráfico da distribuição da água na biosfera terrestre

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/distribuicao-agua-no-mundo.htm>

[último acesso dia 13/02/2021]